

JUAREZ DOMINGOS CRESCÊNCIO NETO

A SUBORDINAÇÃO ADVERBIAL EM LIBRAS: uma abordagem tipológico-funcional



ARARAQUARA – S.P.
2025

JUAREZ DOMINGOS CRESCÊNCIO NETO

A SUBORDINAÇÃO ADVERBIAL EM LIBRAS: uma abordagem tipológico-funcional

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Bertucci Barbosa

Coorientadora: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck

D671s

Domingos Crescêncio Neto, Juarez

A Subordinação Adverbial em Libras : uma abordagem
tipológico-funcional / Juarez Domingos Crescêncio Neto. --
Araraquara, 2025

196 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientadora: Juliana Bertucci Barbosa

Coorientadora: Rosane de Andrade Berlinck

1. Polissemia gramatical. 2. Libras. 3. Subordinação Adverbial. 4.
Expressões não-manuais. I. Título.

IMPACTO POTENCIAL DA TESE

Nossa pesquisa vai ao encontro de dois Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU. São eles: 4 – Educação de Qualidade, e 10 – Redução das Desigualdades. Afirmamos isso tendo em vista que, apesar da nossa investigação ser de cunho descritivo sobre as línguas de sinais, especialmente sobre a Libras, os resultados da nossa pesquisa fomentam o desenvolvimento de materiais didáticos para a educação de surdos e para o ensino da Libras para ouvintes, nos mais diversos níveis de escolaridade. Nessa perspectiva, damos visibilidade às Comunidades Surdas e colocamos em evidência a sua manifestação linguística e cultural, chamando a atenção de entidades responsáveis pelo desenvolvimento de políticas públicas que incluam os indivíduos surdos na sociedade e, portanto, na Comunidade de Direitos. Além disso, nossa pesquisa é baseada na Sustentabilidade, uma vez que outras pessoas e pesquisadores, a partir da minha Tese, podem fazer novas investigações científicas.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

Our research is in line with two Sustainable Development Goals (SDGs) of the UN 2030 Agenda. They are: 4 – Quality Education, and 10 – Reduction of Inequalities. We affirm that, despite our research being descriptive knowledge about sign languages, especially Libras, the results of our research have encouraged the development of teaching materials for the education of the deaf and for the teaching of Libras to hearing people, at the most diverse levels of education. From this perspective, we give visibility to Deaf Communities and highlight their linguistic and cultural manifestation, drawing the attention of entities responsible for developing public policies that include deaf individuals in society and, therefore, in the Community of Rights. In addition, our research is based on Sustainability, since other people and researchers, based on my Thesis, can carry out new scientific investigations.

JUAREZ DOMINGOS CRESCÊNCIO NETO

A SUBORDINAÇÃO ADVEBIAL EM LIBRAS: uma abordagem tipológico-funcional

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Bertucci Barbosa

Coorientadora: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck

Data da Defesa: 29/05/2025

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidenta e Orientadora: Profa. Dra. Juliana Bertucci Barbosa (Unesp, FCLAr)

Membro Titular: Prof. Dr. João Paulo da Silva (DPsi/UFSCar)

Membro Titular: Prof. Dr. Felipe Aleixo (UFRR)

Membro Titular: Prof. Dr. Anderson Almeida da Silva (UFPE)

Membro Titular: Prof. Dr. Cássio Florêncio Rubio UFSCAR)

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Dedico esta Tese de Doutorado a todas as pessoas que vivem com HIV, às pessoas doentes de AIDS e às pessoas que morreram em decorrência dessa infecção. Tem um pouco de cada um de vocês nas linhas deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao final desta jornada, sinto a necessidade profunda de expressar minha gratidão a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para que este trabalho se tornasse possível.

Aos meus amigos, meu afeto e reconhecimento:

Ao Felipe Ramos Caetano, agradeço por ser um companheiro constante de caminhada, sempre paciente, calmo e disposto a ouvir, orientar, dividir experiências e iluminar caminhos, por ser o professor potente que tanto almejo ser e por me inspirar a continuar vivo.

À Monique Évellyn Ayabe Cardoso de Siqueira, pela amizade de tantos anos, por estar presente e me acompanhando em tantos momentos difíceis ou leves, nos desabafos, nas confidências e nas alegrias.

À Elaine Pereira Rezende, amiga de longa data, pela confiança, pelas risadas e pela presença firme e acolhedora ao longo dos anos.

Ao Ádamo Rafael Silva, meu parceiro de estrada, por estar ao meu lado nos momentos difíceis, por me apoiar incondicionalmente no trabalho, nas crises e nos dias em que só precisava de alguém para me escutar e por estar comigo em cada momento difícil. Obrigado por sua paciência e companheirismo durante o meu processo de crescimento e de amadurecimento.

Ao Manoel Victor Frutuoso Barrionuevo, agradeço pela amizade generosa, pela presença constante e pelo apoio sincero nas mais diversas situações, sempre disposto a me ouvir, aconselhar e a me fortalecer com sua companhia.

À Matheux Nogueira Schwartzmann, pela amizade, me apoiando em momentos difíceis, por me ajudar a desfazer os nós e os embaraços da mente, pelas confidências e pelo companheirismo.

À minha psicóloga, Josimara de Oliveira Ribeiro, agradeço profundamente por caminhar ao meu lado com escuta atenta, acolhimento e paciência. Seu apoio constante, mesmo nos momentos mais difíceis, foi fundamental para que eu chegasse até aqui com mais clareza, força e humanidade.

Agradeço, com amor, aos meus pais, Marcia Regina Rodrigues Paes Crescêncio e Juarez Domingos Crescêncio Junior, e a minha irmã, Milena Domingos Crescêncio. Foram vocês que, desde o início da graduação em Letras, passando pelo mestrado até este doutorado, estiveram comigo, oferecendo apoio financeiro, emocional e, sobretudo, uma base de afeto e segurança sem a qual nada disso teria sido possível. Essa conquista também é de vocês.

Agradeço, com carinho e respeito, às minhas orientadoras, Profa. Dra. Juliana Bertucci Barbosa e Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlink, por todo o apoio ao longo

desses quatro anos. Sou imensamente grato pela confiança, pela escuta generosa e pela paciência que tiveram comigo durante o meu processo de amadurecimento enquanto professor, pesquisador e doutorando. O percurso foi desafiador, mas a presença de vocês tornou tudo mais possível e menos solitário.

Meu método de visão era inteiramente imparcial: eu trabalhava diretamente com as evidências da visão, e sem permitir que sugestões alheias à visão predeterminassem as minhas conclusões; eu estava inteiramente preparada para surpreender a mim mesma. Mesmo que as evidências viessem contrariar tudo o que já estava em mim assentada pelo meu tranquilíssimo delírio

Sei - por meu próprio e único testemunho - que no início desse meu trabalho de procura eu não tinha a mais fraca ideia da espécie de linguagem que me seria revelada aos poucos

O contato com o supersom do atonal tem uma alegria inexpressiva que só a carne, no amor, tolera. Os grandes têm a qualidade vital da carne, e, não só toleram o atonal, como a ele aspiram

Minhas antigas construções haviam consistido em continuamente tentar transformar o atonal em tonal, em dividir o infinito numa série de finitos, e sem perceber que finito não é quantidade, é qualidade. E meu grande desconforto nisso tudo tinha sido o de sentir que, por mais longa que fosse a série de finitos, ela não esgotava a qualidade residual do infinito

Clarice Lispector (1964)



A Chegada (2016),
de Dennis Villeneuve

RESUMO

Nos trabalhos que versam sobre gramaticalização, a noção de polissemia está associada, sobretudo, a unidades lexicais: palavras. No entanto, nesta tese, a noção de polissemia está associada a unidades maiores do que a palavra: as sentenças complexas. Assim, com o objetivo de fundamentar análises pragmática, semântica e sintática, este trabalho, amparado nos princípios do funcionalismo linguístico (Kortmann, 1996; Heine; Claudi; Hünemeyer, 1991; Traugott; König, 1991; Lima-Hernandes, 1996, 2004), apresentamos uma análise e descrição de ocorrências de orações de tempo com leitura polissêmicas para os valores de causa, de condição e de concessão (CCC). Nessa perspectiva, temos o intuito de investigar as estratégias gramaticais, por meio das quais o indivíduo surdo lança mão para expressar relações temporais com inferência de CCC. Em primeiro lugar, fazemos uma busca ativa por ocorrências de orações de tempo no Corpus de Libras da UFSC (QUADROS, 2014), em específico, o componente Surdos de Referência, composto por surdos representantes, conhecedores profundos da língua e manifestações culturais, sociais e políticas da Comunidade Surda. Após a coleta de dados, esmiuçamos as camadas de informações visuais de cada ocorrência, buscando determinar padrões de expressões não manuais que estão associadas às orações temporais com leitura polissêmica, como a posição da sobancelha, do queixo e da direção dos olhos, quantificando a sua incidência. Discutimos, então, como se pode atestar que determinadas relações temporais, identificadas em nossa coleta de dados, podem favorecer leituras polissêmicas. Os resultados permitem-nos verificar: (i) que a posição da sobancelha arqueada favorece leitura exclusiva de tempo; (ii) enquanto que a posição da sobancelha franzida está associada às leituras polissêmicas de causa, condição e de concessão, podendo haver variações; (iii) as orações polissêmicas concessivas estão associadas também a expressão não manual da boca em posição de ferradura, algo presente tanto na anteposição quanto na posposição; (iv) as leituras polissêmicas se dão em decorrência de inferências pragmáticas.

Palavras-chave: Polissemia gramatical; Libras; Subordinação Adverbial; Expressões não-manuais.

ABSTRACT

In studies on grammaticalization, the notion of polysemy is primarily associated with lexical units: words. However, in this thesis, the notion of polysemy is associated with units larger than words: complex sentences. Thus, with the aim of supporting pragmatic, semantic, and syntactic analyses, this work, supported by the principles of linguistic functionalism (Kortmann, 1996; Heine; Claudi; Hünne Meyer, 1991; Traugott; König, 1991; Lima-Hernandes, 1996, 2004), presents an analysis and description of occurrences of temporal clauses with polysemic readings for the values of cause, condition, and concession (CCC). From this perspective, we aim to investigate the grammatical strategies through which deaf individuals use to express temporal relations with CCC inference. First, we actively searched for occurrences of temporal clauses in the UFSC Libras Corpus (QUADROS, 2014), specifically the Deaf Reference component, composed of deaf representatives with in-depth knowledge of the language and cultural, social, and political manifestations of the Deaf Community. After data collection, we scrutinized the layers of visual information in each occurrence, seeking to determine patterns of non-manual expressions associated with temporal clauses with polysemic readings, such as eyebrow position, chin position, and eye direction, quantifying their incidence. We then discussed how it can be demonstrated that certain temporal relations, identified in our data collection, can favor polysemic readings. The results allow us to verify: (i) that the arched eyebrow position favors an exclusive reading of time; (ii) while the furrowed eyebrow position is associated with the polysemic readings of cause, condition, and concession, with possible variations; (iii) polysemic concessive sentences are also associated with the non-manual expression of the mouth in a horseshoe position, something present in both anteposition and postposition; (iv) polysemic readings occur as a result of pragmatic inferences.

Keywords: Grammatical polysemy; Libras; Adverbial subordination; Non-manual expressions.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tipologia de Estruturas Semânticas	23
Figura 2 – Tipologia de Categorias Sintagmáticas	23
Figura 3 – Oração causal introduzida pela conjunção PORQUE	45
Figura 4 – Oração causal introduzida pela conjunção MOTIVO	46
Figura 5 – Movimento da sobrancelha na ocorrência de condicional no vídeo “O escorpião e a tartaruga”, de Rimar Segala (Trecho 10)	67
Figura 6 – Movimento da sobrancelha na ocorrência de condicional no vídeo “O escorpião e a tartaruga”, de Rimar Segala (Trecho 11)	68
Figura 7 – Relação entre leitura exclusiva, primária e secundária	73
Figura 8 – Representação de causalidade pelo conectivo DEPOIS	109
Figura 9 – Estrutura condicional-causal introduzida por SE	114
Figura 10 – <i>Layering</i> de informações visuais na libras: 1) sinal manual; 2) espaço de sinalização; 3) ENM da face superior; e 4) ENMs da face inferior	125
Figura 11 – Mapeamento das expressões faciais	125
Figura 12 – Interface do sistema de anotação em trilas (ELAN)	127
Figura 13 – O marcador manual temporal QUANDO	182

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipologia de Estados de Coisas	20
Quadro 2 – Entidades que um substantivo pode denominar	25
Quadro 3 – Rede de afinidades temporais	32
Quadro 4 – Distinção do domínio das cláusulas adverbiais	78
Quadro 5 – Amostra da pesquisa	119
Quadro 6 – Composição da amostra: perfil social	120
Quadro 7 – Sistematização dos entrevistados no Surdos de Referência	121
Quadro 8 – Critério para identificação de uma oração temporal com leitura polissêmica	130
Quadro 9 – Espaço semântico das relações adverbiais	132
Quadro 10 – Correlação entre os predicados polifuncionais e principal	138
Quadro 11 – Discriminação da posição das sobrelanceiras no predicado temporal	175
Quadro 12 – Discriminação da posição do queixo no predicado temporal	175
Quadro 13 – Discriminação da direção dos olhos no predicado temporal	176
Quadro 14 – Discriminação da posição das sobrelanceiras no predicado causal	177
Quadro 15 – Discriminação da posição do queixo no predicado causal	177
Quadro 16 – Discriminação da direção dos olhos no predicado causal	178
Quadro 17 – Discriminação da posição do queixo no predicado condicional	179
Quadro 18 – Discriminação da posição das sobrelanceiras no predicado condicional	179
Quadro 19 – Discriminação da direção dos olhos no predicado condicional	180
Quadro 20 – Discriminação da posição das sobrelanceiras no predicado concessivo	180
Quadro 21 – Discriminação da posição do queixo no predicado concessivo	181
Quadro 22 – Discriminação da inclinação da cabeça no predicado concessivo	181

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Função Sintático-semântica da oração x processos de combinação de orações x conectivo	103
Tabela 2 – Ambiguidade das orações de tempo	112
Tabela 3 – Quantificação da presença de expressões não manuais e da posição do predicado subordinado em relação ao principal	140
Tabela 4 – Marcador manual temporal e especificações do sinalizante que o usa	181

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

/: sinal interrompido

//: interrupção feita pelo próprio sinalizante

_ e +: tempo (símbolos usados quando um sinal é produzido de forma mais longa)

XXX: sinal não identificado

YYY: sem tradução

Glosas numeradas: variação (MAS1 e MAS2, por exemplo)

IX (index): apontação para pessoas, objetos, localizações (pronome)

DEM: pronome demonstrativo

POSS: pronome possessivo

DV: Verbos descritivos (classificadores)

FS(Unesp): Soletração

SINAL(nome): Sinal-Nominal

SINAL(xxx): sinal não conhecido

&(significado-do-gesto): gesto

E(ID do emblema): emblema

SINAL: marcadores não manuais

Marca de tópico: top

Marca de negação: neg

Marca de condicionalidade: cond

Arqueamento de sobrancelha: as

Franzimento de Sobrancelha: fs

Inclinação da cabeça à direita: IncD

Inclinação da cabeça à esquerda: IncE

Inclinação da cabeça para baixo: IncB

Inclinação da cabeça para cima: IncC

Mouthing: mt

Direção dos olhos: do

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
1.1 Justificativa e relevância do tema de pesquisa	22
1.2 Composição da Tese	24
2 REFERENCIAL TEÓRICO	26
2.1 Estado de Coisas: Conceitualização	27
2.2 Característica sintático-semânticas da libras	34
2.2.1 As construções hipotáticas em língua portuguesa do Brasil	34
2.2.2 As construções hipotáticas temporais	35
2.2.3 Orações de tempo nas línguas de sinais e rede de afinidades temporais	38
2.2.4 Marcação de Tempo Absoluto e relação temporal na Libras	49
2.2.5 Marcação de Tempo Relativo nas Língua De Sinais	52
2.3 Expressão dos valores de causa, de condição e de concessão (CCC)	57
2.3.1 Causalidade	57
2.3.2 Causalidade na libras	60
2.3.2 Condicionalidade	63
2.3.2.1 Condicionalidade em libras	70
2.3.2.2 Condicionalidade em outras línguas de sinais	75
2.3.3 Concessividade	77
2.4 Polifuncionalidade e polissemia na língua inglesa	78
2.4.1 Polifuncionalidade e polissemia na língua portuguesa do Brasil	104
2.4.2 Polifuncionalidade e polissemia nas línguas de sinais	112
2.4.3 Discussão da seção	117
2.4.4 Considerações Finais da seção	118
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E CORPUS	119
3.1 Considerações iniciais	119
3.2 O Corpus de Libras da UFSC	120
3.3 Participantes que compõem o <i>Surdos de Referência</i>	122
3.4 Mapa do componente: Surdos de Referência	124
3.5 Análise e Anotação	127
3.5.1 Camadas de informações visuais: transcrição, anotação e registro	127
3.5.2 ELAN: anotação de expressões manuais e não manuais	129

3.6 Desafios de método (ou problemas de método)	131
3.7 Critérios para análise de dados	132
4. RESULTADOS DA ANÁLISE DE DADOS COLETADOS EM LIBRAS	134
4.1 Considerações iniciais: parâmetros iniciais de análise	134
4.2 Quantificação de predicados temporais e polifuncionais	136
4.3 Tipologia semântica do estado de coisas polifuncional	139
4.3.1 Análise da correlação entre predicados polifuncionais e principal: visão geral	140
4.4 Marcação de tópico e as relações adverbiais	142
4.6 Gênero e tipo textual	145
4.7 Análise do predicado temporal com valor exclusivo de tempo	146
4.9 Análise do predicado temporal com leitura secundária de causa	154
4.9.1 Ordem e mobilidade do predicado causal	155
4.9.2 Discussão sobre a leitura secundária de causa	155
4.10 Análise do predicado com leitura secundária de concessão	164
4.10.1 Ordem e mobilidade do predicado concessivo	164
4.11 Análise do predicado com leitura secundária de condição	169
4.11.1 Ordem e mobilidade do predicado condicional	169
4.12 Proposta de critérios para identificar um predicado com leitura polifuncional de em libras: discriminação das expressões não manuais	176
4.13 PALM-UP: qual a função desse elemento no predicado temporal?	183
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	186
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	193

1 INTRODUÇÃO

Nos trabalhos que versam sobre gramaticalização, a noção de polissemia está associada, sobretudo, a unidades lexicais: palavras. No entanto, nesta tese, a noção de polissemia está associada a unidades maiores do que a palavra: as sentenças complexas. Por sentenças complexas, compreende-se a relação gramatical entre as orações subordinada e principal, por meio das quais podem ser expressas nuances semânticas. A gama de relações semânticas expressas tem como pano de fundo as relações temporais que, por sua vez, são recrutadas para expressar noções de causa, de condição e de concessão (CCC).

Segundo Kortmann (1996), determinadas relações temporais estão sendo recrutadas para expressar relações de causa, condição e concessão. Portanto, determinada estrutura linguística, que tinha como uso linguístico relacionar Estados de Coisas, a nível de conteúdo, é candidata a expressar relações epistêmicas, associadas, portanto, às interpretações de CCC.

Além disso, com base em Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991), determinado sentido A coexiste com outro determinado sentido B, tratando-se de um caso intermediário de gramaticalização, em que determinada unidade linguística, no caso de uma sentença complexa, está expressando não somente o valor temporal, mas seu valor causal, condicional ou concessivo.

Com base nisso, temos como objetivo principal realizar uma descrição e análise da relação temporal que se estabelece entre as orações subordinada e principal em Libras (língua brasileira de sinais), responsáveis por veicular, respectivamente, os Estados de Coisas (doravante EsCo) subordinada e principal. Consideramos Estado de Coisas à representação linguística de *Eventos*, localizados dentro de uma linha temporal, por meio da qual a *temporalidade* entre predicados é expressa. A temporalidade, desse modo, constitui a rede de afinidades temporais, que estão subjacentes, no caso do presente estudo, às relações semânticas de CCC (Kortmann, 1996; Heine, 1991).

Este trabalho tem como objetivo investigar parâmetros de análise das relações temporais em Libras que podem auxiliar na interpretação dos valores semânticos que emergem da relação entre as orações temporal e principal. Além disso, analisa aspectos gramaticais da Libras com o objetivo de compreender como os surdos, usuários dessa língua, codificam diferentes leituras – primária e secundária – e,

portanto, diferentes valores para a oração temporal, considerando o contexto sintático de anteposição ou posposição em relação ao predicado principal. Também se observa como associam expressões não manuais que podem favorecer leituras secundárias de causa, condição e concessão, bem como de que forma relacionam contextos mais ou menos pragmaticamente salientes no emprego de predicados polifuncionais.

No que diz respeito às perguntas de pesquisa, busca-se compreender se as expressões não manuais podem criar fronteiras entre as orações subordinada e principal, e se há expressões não manuais específicas para cada uma dessas orações, sendo, portanto, distintas entre si. Também se investiga se as relações temporais são recrutadas para expressar valores causais, condicionais e concessivos. Outro ponto analisado é se a polissemia presente nos dados configura um caso intermediário dentro de um cline de gramaticalização, no qual os sentidos de sourcepoint e endpoint coexistem (Heine, Claudi e Hunnemeyer, 1991). Por fim, examina-se se as leituras causais, condicionais e concessivas — derivadas de sentenças temporais — envolvem, necessariamente, a mudança de uma leitura de conteúdo (típica de uma relação temporal) para uma leitura epistêmica, abrangendo todas as relações lógico-semânticas (Kortmann, 1996). Ainda em tempo, buscamos analisar se as ocorrências de PALM-UP, introduzindo uma oração temporal com leitura exclusiva de tempo, podem ser uma evidência para a existência de conjunções temporais em libras.

Cabe observar que estudos linguísticos que versam sobre o estudo da temporalidade dizem respeito à comparação de padrões entre predicados nas línguas naturais (Crescêncio Neto, 2021), por meio da observação dos seguintes parâmetros: (a) expressão de uma oração temporal vinculado a uma oração principal; (b) oração temporal anteposta ou posposta a oração principal; (c) oração temporal com valor semântico de anterioridade, de simultaneidade ou de posterioridade; (d) oração temporal vinculada a uma oração principal sem a presença de um conector, ou seja, justaposta (sintaticamente).

Na ocorrência em (1), extraída do Corpus de Libras da UFSC – Surdos de Referência (Quadros, 2016), apresentamos inicialmente um exemplo prototípico de um predicado temporal com leitura exclusiva de tempo em libras. Na seção de Análise de Dados, a ocorrência está transcrita com riqueza de detalhes. Os códigos ‘sn’, ‘sa’ e ‘sf’, nas ocorrências a seguir, correspondem, respectivamente, a sobancelha em posição neutra, sobancelha arqueada e sobancelha franzida. Os códigos ‘le’ e ‘ld’ correspondem, respectivamente, a lado esquerdo e a lado direito, nos quais os sinais

são expressos no espaço neutro de sinalização. Os códigos 'ql' e 'qa' referem-se, respectivamente, a queixo levantado e a queixo abaixado.

Ocorrência 1: oração temporal com leitura exclusiva de tempo¹.

$$\frac{\text{sa}}{\text{E(então) PROVA}} \quad \frac{\text{sn}}{\text{E(papel) IX(eu) SABER-NÃO}}$$



Tradução Possível: Enquanto realizava a prova, eu não sabia o que aquilo significava.

Fonte: Extraído do Corpus de Libras da UFSC (Gabriel).

Visamos, nessa direção, a investigação de outros parâmetros de análise que podem auxiliar na interpretação dos valores semânticos que emergem da relação entre as orações temporal e principal. Esses parâmetros vão permitir verificar: (i) o grau de vinculação sintática, como reflexo de uma integração semântico-pragmática entre os conteúdos codificados nas orações principal e subordinada, bem como analisar e descrever (ii) os contextos pragmaticamente salientes que favorecem uma leitura polifuncional para os valores de tempo e de CCC.

Considerando os estudos sobre polifuncionalidade e polissemia gramatical da oração, em específico, aqueles que se debruçam sobre a descrição dos expedientes sintáticos, semânticos e pragmáticos, identificamos que essa investigação pode trazer um avanço para o estudo desse fenômeno, sob uma perspectiva sincrônica. Isso já foi atestado em línguas orais, por Lima-Hernandez (1998), no estudo dos processos de gramaticalização da noção de tempo no português do Brasil, e por Kortmann (1996), no estudo da subordinação adverbial em inglês (cf. Fundamentação Teórica).

Apresentamos a seguir, 3 ocorrências de predicado temporal que mostram, respectivamente, leituras secundárias de causa, de condição e de concessão. Na seção de Análise de Dados, essas ocorrências estão transcritas em mais detalhes.

¹ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DdR9OpdkDQQ>.

Ocorrência 2: oração temporal com leitura secundária de causa².



_____sf
_____le _____ld
SURDO LÍNGUAS-DE-SINAIS NÃO-SABER ANGÚSTIA

Tradução Possível: Pelo fato de os ouvintes não saberem LS, os surdos ficam angustiados.

Fonte: Extraído do Corpus de Libras da UFSC.

Ocorrência 3: oração temporal com leitura secundária de concessão³.



_____sf
AQUI ESCOLA DIVIDIR MISTURAR INCLUSÃO

Tradução Possível: No Instituto não havia uma separação, mesmo na inclusão.

Fonte: Extraído do Corpus de Libras da UFSC.

Ocorrência 4: oração temporal com leitura secundária de condição⁴.



_____sl
_____ql _____qa
ENTÃO TAMBÉM VIAJAR EUA IMPORTANTE INGLÊS

Tradução Possível: Se estou na escola, eu utilizo língua de sinais.

Fonte: Extraído do Corpus de Libras da UFSC.

Assim, nesta Tese de Doutorado, pretendemos aprofundar a temática investigada ao tomarmos como objeto de estudo a polifuncionalidade e a polissemia na Língua de Sinais Brasileira - Libras. Os resultados obtidos em pesquisas anteriores mostram-nos um primeiro critério para identificar qual contexto saliente, dos pontos de vista sintático e pragmático, favorece uma leitura secundária para os valores de CCC: (a) a anteposição do EsCo temporal favorece uma leitura secundária para o valor semântico de condição (Pfau, 2016; Klomp, 2019; Rodrigues, 2020; Aleixo,

² Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WpvZGAUgGEw>.

³ Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kMDsu_5FSIY.

⁴ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TXhIHUWiv0Y>.

2021); e (b) a posposição do EsCo temporal favorece uma leitura secundária para o valor semântico de causa (Pfau, 2016; Rodrigues; Souza, 2019). Há escassos estudos, até o presente momento (2023, 2024), sobre concessividade em Libras.

Temos o intuito, portanto, de fornecer evidências sintáticas e, sobretudo, evidências semântico-pragmáticas que permitam determinar os padrões gramaticais que favorecem a leitura secundária para os valores de causa, de condição e de concessão (CCC).

Cabe destacar que, nesta tese, nossa investigação não tem como objetivo analisar a relação sintática entre os predicados primário e secundário, isto é, se relacionam-se por coordenação ou por subordinação. Focalizamos questões de ordem semântica, que emergem da relação temporal entre as orações subordinada e principal. Em outras palavras, estamos lidando com valores semânticos, e não com a relação de dependência sintática. Assim, lidamos, por consequência, com relações lógico-semânticas que se estabelecem a partir da temporalidade entre as orações e as possíveis novas leituras que relacionam a lógica e interpretação de relações adverbiais.

As relações adverbiais presentes nesse estudo (com exceção das relações de modo e de espaço), apesar de apresentarem uma leitura secundária – condição, causa e concessão, mantêm uma leitura temporal, em relação ao modo como os Eventos são apresentados e sobre como se entrelaçam numa cadeia temporal lógica.

1.1. Justificativa e relevância do tema de pesquisa

Dentre os muitos fenômenos que tomam lugar junto às relações interclausais, como a *Subordinação Adverbial* (Kortmann, 1996), a polifuncionalidade e polissemia gramatical da oração temporal, com leitura secundária para os valores semânticos de CCC, talvez seja um dos mais intrigantes em línguas naturais. O reconhecimento desse fenômeno na literatura linguística não é recente – considerando o fato de que a tradição linguística centrou, durante muito tempo, os seus estudos em línguas indo-europeias – e tem sido recorrentemente explorado pela linguística, por conta dos expedientes sintáticos envolvidos (por exemplo, as regras de gramaticalização que levam uma estrutura linguística a desempenhar uma nova função gramatical para um novo contexto de uso). Contudo, o fenômeno levanta diversas questões relacionadas

à sua natureza, tendo em vista a escassez de pesquisas relacionadas a esse tema, sobretudo, sobre as Línguas de Sinais.

Afirmamos isso principalmente pelo fato de que, em investigações anteriores, há escassos critérios para interpretarmos casos de polifuncionalidade da oração temporal em Libras. Essas investigações lidam com o mesmo fenômeno discutido nessa tese, no entanto ele recebe diferentes denominações de acordo com o autor que se debruça sobre ela. As denominações são: polifuncionalidade (Kortmann, 1996); reinterpretação induzida pelo contexto, estágio intermediário, metáfora (Heine *et al.*, 1991); convencionalização de implicaturas conversacionais, inferência metafórica (Traugott; König, 1991); polissemia (Sweetser, 1990); noções desencadeadas, layering (respectivamente: Lima-Hernandes, 1996; Lima-Hernandes, 2004).

Esse fato justifica a importância desta tese, uma vez que tem como proposta descrever esse fenômeno em uma língua de sinais, com análise e descrição inovadora no contexto acadêmico-científico e, também, em específico, contribui para os estudos sob uma abordagem funcionalista. Uma Tese de Doutorado recente que também lançou a luz a abordagem funcionalista está o trabalho de Eliane Ochiuto (2021), intitulado 'Um estudo funcional do uso das expressões manuais e não manuais como estratégias de marcação de aspecto e tempo relativo em libras'.

Quando nos referimos à estrutura sintática na qual o Estado de Coisas temporal é codificado, estamos nos referindo a uma estrutura intermediária, presente no *continuum* coordenação-subordinação. Esse fenômeno é comumente referido na literatura por *hipotaxe* (cf. Neves, 1997). Assim como será apresentado em nossa Análise, Estado de Coisas temporal é sintaticamente coordenado ao Estado de Coisas principal, bem como é semanticamente subordinado a este. É importante fazermos aqui uma segunda observação referente ao fato de que não consideramos que coordenação e subordinação sejam estruturas dicotômicas. Nosso trabalho aqui é o de descrever e analisar a língua em uso.

Interessa-nos, assim, descrever a polifuncionalidade gramatical do EsCo temporal, quais sejam as motivações que concorrem para a construção dessa relação: motivações de (a.) ordem sintática; (b.) ordem semântica; e de (c.) ordem pragmática. É de nosso interesse, também, demonstrar que o fenômeno parece interagir com outros, cuja motivação também segue esse alinhamento geral, como, por exemplo, o processo de estruturação de sentenças em línguas de sinais. Assim, nossa proposta

avança em relação a outras de mesma orientação teórica, porque procura conjugar funções de diferentes níveis de análise linguística, para um mesmo fenômeno linguístico.

O termo *polifuncionalidade* refere-se às leituras primária e secundária que um predicado temporal pode expressar. Esse termo é cunhado por Kortmann (1996), em seu texto, *Adverbial Subordination* (cf. 2.2 Polifuncionalidade e polissemia em línguas orais).

1.2 Composição da Tese

Esta Tese é composta por 5 seções, incluindo esta. Na Introdução, contextualizamos o tema de pesquisa, apresentando qual o contexto de produção linguística em que nossa investigação se insere. Além disso, apresentamos o objetivo geral, bem como os objetivos específicos. Em seguida, apresentamos a justificativa e relevância do tema de pesquisa.

Na seção de Referencial Teórico, inicialmente apresentamos o conceito de Estado de Coisas e como ele é importante e como se aplica à nossa investigação linguística. A seguir, fazemos uma apresentação de como a libras se organiza sintático e semanticamente, elencando as principais pesquisas que tratam sobre a relação temporal em libras e em outras línguas de sinais, sobretudo, aquelas que falam das expressões manuais e não manuais. Além disso, fazemos uma revisão destacando pesquisas que tratam dos valores de CCC (causa, condição e concessão), tanto em libras como em línguas de sinais. Em seguida, apresentamos o conceito de Polifuncionalidade e como ele opera em línguas orais, com base em Lima-Hernandes (2004), para a língua portuguesa, e em Heine (1991) e em Kortmann (1996) para a língua inglesa.

Já na seção de Procedimento Metodológicos e Corpus, apresentamos o modo como organizamos a amostra e de onde as selecionamos (Corpus de Libras da UFSC), bem como mostramos os nomes e o tempo dos vídeos que compõem nossa Coleta de Dados. Também apresentamos as tomadas de decisões usadas como critérios de seleção das ocorrências em libras. Além disso, explicamos o gênero textual das amostras e o tema das conversações, composto por entrevistas e por narrativas de

experiência. Descrevemos, também, como coletamos os dados e como selecionamos as ocorrências. Apresentamos uma tabela com os critérios que estamos utilizando para analisar cada ocorrência.

Na seção de Resultados da Análise dos dados coletados em libras, descrevemos os resultados gerais, apresentando uma tabela que quantifica as ocorrências de predicados temporais (leitura exclusiva de tempo) e de predicados polifuncionais, que apresentam leitura secundária para os valores de CCC (causa, condição e concessão). Além disso, para cada ocorrência, descrevemos, por meio de tabelas, as camadas de informações visuais que compõem as expressões manuais e não manuais. Por fim, apresentamos uma síntese dos resultados, mostrando qual o padrão de expressões manuais e não manuais há em libras, bem como os casos de polifuncionalidade: quando ocorre e qual o padrão de ocorrência que favorece seu uso.

Por fim, na seção de Considerações Finais, apresentamos nossas conclusões a partir das análises realizadas com base em nossa amostra.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Os critérios sintáticos e morfossintáticos para analisar e descrever as línguas naturais, usados tradicionalmente no estudo de línguas indo-europeias, apresentam-se pouco produtivos para abordar a complexidade das línguas de sinais. Podemos citar como exemplo uma série de termos cujo emprego em textos científico-acadêmicos pode gerar equívocos e pressuposições inadequadas quanto ao comportamento gramatical de determinadas estruturas em libras.

Com relação à Gramática Tradicional, o termo *oração* pressupõe a presença explícita de um elemento que se configure como verbo. Com base nisso, levantamos uma breve discussão de que o problema não é de fato a nomenclatura emprega. Na verdade, o problema com o qual estamos lidando, que será visto na Análise de Dados, diz respeito à dificuldade de identificar, de fato, o verbo em línguas de sinais. Em nossas análises, apresentamos exemplos de sentenças nas quais não encontramos verbos explicitamente realizados por sinais manuais. Todavia, as ações verbais podem ser suscitadas a partir da relação dos elementos apresentados e, também, da interação das expressões não manuais.

Iremos discutir, nesta seção, o fenômeno relacionado à **polifuncionalidade gramatical do EsCo temporal**, bem como iremos mostrar como as pesquisas em linguística foram se expandindo de uma abordagem que considera basicamente as línguas indo-europeias, para uma perspectiva que aponta para questões translinguísticas, no estudo da Subordinação Adverbial. Discutiremos, desse modo, o tratamento dado às línguas de sinais e como a abordagem teórica muda a percepção sobre o objeto de estudo. Para tanto, buscaremos na literatura linguística os trabalhos que tratam desse fenômeno, que podem nos oferecer subsídios teórico-metodológicos para a análise do corpus.

Apresentamos, assim, um referencial teórico baseado em gramáticas e em estudos linguísticos referentes às línguas de sinais pelo mundo e, sobretudo, à libras. Assim, procuramos encontrar informações sobre as relações temporais, no estudo da Subordinação Adverbial, que pudessem nos fazer compreender o tratamento dado à expressão de temporalidade na literatura. Um questionamento que nos orientou ao longo desse percurso foi a tentativa de compreender se esses materiais têm como foco o estudo da temporalidade dos verbos, numa perspectiva morfológica, ou se

concentram-se no estudo da relação temporal entre os EsCos (temporal e principal), tal como é a nossa investigação.

Nessa perspectiva, ressaltamos aqui que esta investigação não tem como objetivo analisar e descrever a expressão de *tempo* nos verbos em libras. Antes disso, nos debruçamos, sobretudo, no estudo da relação temporal entre os Estados de Coisas temporal e principal, dentro da Subordinação Adverbial, numa perspectiva sincrônica.

Além disso, procuramos, nesta seção, reunir algumas pesquisas realizadas sobre predicados e sentenças temporais para que pudéssemos ter uma visão geral sobre o que se tem descrito sobre tal assunto e como nossa investigação complementa e contribui para o estudo desse tema na área científica, sobretudo, a linguística de línguas de sinais.

2.1 Estado de Coisas: Conceitualização

Segundo Dik (1989), o conceito de estado de coisas diz respeito à interpretação resultante da relação entre o predicado e os termos de uma frase, além de estar relacionado à ideia de algo existente no mundo, ou seja, à representação linguística da "realidade" e sua localização temporal e espacial. Este conceito é examinado através de parâmetros semânticos e uma Classificação de Estados de Coisas, que inclui quatro características principais agrupadas em dois conjuntos. São elas:

(a) Dinamicidade (características: [+ dinâmico]; [- dinâmico]):

(a.a) Quando um estado de coisas possui a característica [- dinâmico], isso significa que não envolve mudança alguma; as entidades envolvidas são retratadas como permanecendo inalteradas ao longo do tempo em que o estado de coisas ocorre. Assim como podemos exemplificar por:

(5) João está sentado na cadeira de seu pai.

(a.b) Quando um estado de coisas possui a característica [+ dinâmico], isso indica que necessariamente envolve algum tipo de mudança ou dinamismo interno, podendo ser um padrão recorrente de mudanças durante sua realização, ou uma transição de um estado inicial para um estado final diferente. Exemplos incluem:

(6) A janela estava batendo.

(7) João adormeceu.

(b) Controle (características: [+ controle]; [- controle]):

(b.a) Se um estado de coisas possui a característica [+ controle], isso significa que o primeiro argumento do predicado (A^1 , sujeito) tem a capacidade de determinar se o estado de coisas será realizado ou não. Exemplos são:

(8) João abriu a porta.

(9) Maria está sentada no pátio.

(b.b) Se um estado de coisas possui a característica [- controle], isso indica que o primeiro argumento do predicado não tem influência sobre a realização do estado de coisas. Podemos dar como exemplo:

(10) A árvore caiu.

(11) A caneta está sobre o chão.

Apresentamos, então, no quadro abaixo a Tipologia de Estados de Coisas e a diferenciação de acordo com a correlação de seus traços de dinamicidade e controle.

Quadro 1: Tipologia de Estados de Coisas.

Estado de Coisas			
[- dinâmico]		[+ dinâmico]	
Situação		Evento	
[+ controle]	[- controle]	[+ controle]	[- controle]
Posição	Estado	Ação	Processo

Fonte: Dik (1989, s/p).

Consideramos, portanto, como já mencionado em seção anterior, **Estado de Coisas** como a unidade linguística a qual especifica uma relação interclausal semântica, isto é, a circunstância adverbial entre a cláusula subordinada (temporal, no caso do nosso estudo) sobre a qual ela opera e modifica a cláusula matriz (principal,

núcleo). Assim, um Estado de Coisas é enunciado quando ao menos um dos argumentos da predicação é mobilizado, ou quando uma entidade é localizada no tempo e no espaço.

Estado de Coisas é evocado por uma estrutura semântica, codificada sintaticamente. A codificação linguística exige material lexical que veicule significação dentro do discurso. Assim, uma expressão linguística materializa valores semânticos da apreensão da realidade física, localizada no tempo e no espaço.

Segundo Dik (1989), o termo Estado de Coisas, assim, codifica o conceito de espaço, de localização, de movimento nos quais uma entidade está presente, sendo classificado como (1) Estado, (2) Processo, (3) Posição ou (4) Ação. O Estado de Coisas, portanto, é uma entidade materializada por meio do discurso.

Uma questão importante que precisamos levar em consideração são as ocorrências de itens lexicais em libras que apresentam uma dúvida em relação à classe gramatical a que pertencem. Podemos usar como exemplo a glosa ANGÚSTIA, encontrada na sentença SURDO LÍNGUAS-DE-SINAIS NÃO-SABER ANGÚSTIA (ocorrência 2).

Ocorrência 12: predicado temporal com leitura secundária de causa⁵.

_____sf
_____le _____ld
SURDO LÍNGUAS-DE-SINAIS NÃO-SABER ANGÚSTIA



Tradução Possível: Pelo fato de os ouvintes não saberem LS, os surdos ficam angustiados.

Fonte: Extraído do Corpus de Libras da UFSC.

Em uma perspectiva semântica, podemos entendê-la como a representação de uma entidade localizada no tempo e espaço, sendo, portanto, um Estado de Coisas. Em uma perspectiva morfológica, pode-se questionar a natureza desse sinal: trata-se de um verbo? Crescêncio Neto (2021), em uma abordagem semântica para as ocorrências em libras semelhantes a essa, considera que não estamos lidando com núcleos verbais, mas sim com núcleos semântico-temporais responsáveis pela

⁵ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WpvZGAUGGEw>.

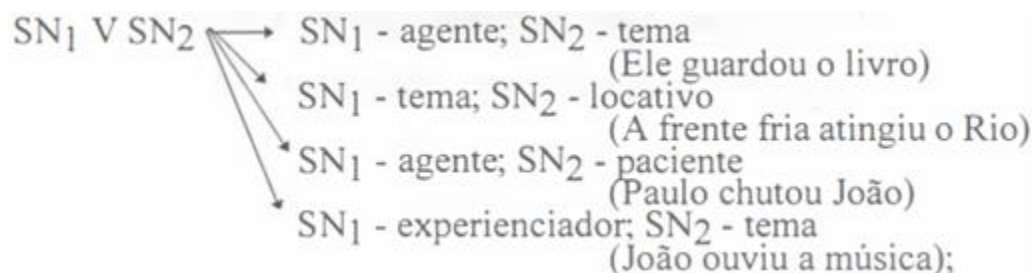
integração de eventos relacionados temporalmente. Assim, consideramos, nesta tese, que a codificação de um evento não exige a presença de um sinal categorizado como verbo.

Segundo Felipe (1998, p. 85-86), tomando 'tempo' como uma categoria conceitual, cada constituinte de uma sentença pode mapear o constituinte conceitual do que chamamos aqui de *Estado de Coisas*, sendo, então, a sua realização decomposta em uma estrutura menor, sem a necessidade absoluta de ser expressa por um item lexical verbal, tal como é o caso das ocorrências que apresentaremos em libras. Portanto, a estrutura gramatical de um Estado de Coisas é uma entidade conceitual com argumento zero ou com lugar aberto para argumentos. Um Estado de Coisas pode ser expresso pela menor unidade decomponível suficiente para a sua expressão semântica e para a abertura de um *frame* (Fillmore, 1982), a nível da predicação.

Um Estado de Coisas precisa ser determinado em um tempo e espaço para existir, enquanto representação linguística da realidade. Assim, as suas propriedades semânticas permitem uma visualização das entidades evocadas como uma rede que permite combinações específicas, criando contextos específicos e, portanto, eventos específicos (Felipe, 1998, p. 92-93).

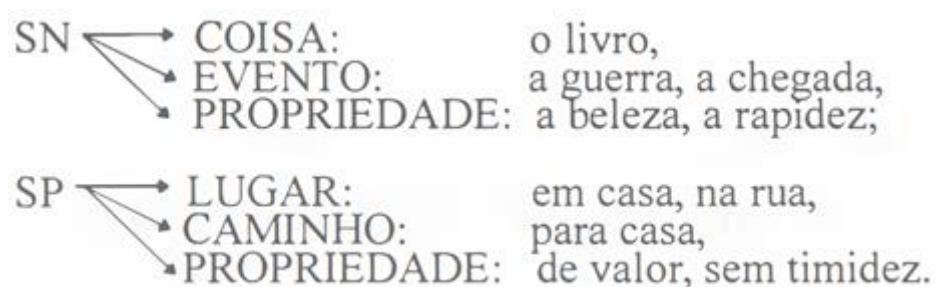
A autora não faz menção ao termo *Estado de Coisas*, antes recorre ao termo *verbo*. Devido a essa variação terminológica, levantamos essa discussão teórica sobre a realidade física representada linguisticamente. Afirmamos isso devido ao fato de que a perspectiva por meio da qual visualizamos o objeto de estudo pode influenciar nossas análises e descrições. Caso considerássemos como critério de seleção somente as ocorrências em libras que apresentassem a presença explícita de um verbo, a maioria dos nossos dados seria descartada. É importante, nessa perspectiva, aceitarmos o fato de que um surdo pode expressar informações verbais por meios não convencionais, como o caso de um item lexical com função de substantivo.

Felipe demonstra-nos que uma mesma estrutura sintática pode expressar estruturas semânticas diferentes, de acordo com o contexto de uso linguístico. As combinações apresentadas nas figuras 1 e 2 não esgotam todas as possibilidades de estruturas semânticas. As estruturas semânticas podem ser:

Figura 1: Tipologia de Estruturas Semânticas.

Fonte: Felipe (1998, p. 84)

Nessa perspectiva, um mesmo tipo de sintagma pode ter categorias diferentes, isto é, ele pode expressar noções semânticas distintas:

Figura 2: Tipologia de Categorias Sintagmáticas.

Fonte: Felipe (1998, p. 84)

Lima-Hernandes (2004), citando a teoria funcionalista de Dik (1989), afirma que o modelo de estrutura subjacente à oração é composto, em seu primeiro e mais fundamental nível, do *predicado*, que é aplicado a um certo número de *termos* de tipos apropriados. O *predicado* designa propriedade ou relações, ao passo que os *termos* são usados para se referir à entidade. A autora apresenta um exemplo trazido por Dik, no qual o verbo DAR é um *predicado* que estabelece relações entre três entidades: o DOADOR, o OBJETO DOADO e o RECEPTOR. A aplicação do predicado a esses três termos resulta, assim, no segundo nível da estrutura subjacente da oração, a *predicação*, que designa um *Estado de Coisas*, ou seja, a concepção de algo que pode existir ou ocorrer em algum lugar do mundo. A *predicação* é expandida por argumentos - termos exigidos pela semântica do *predicado* - e por satélites - termos que fornecem informação suplementar. Desse modo, segundo Dik (1989) e Neves (1991), Estado de Coisas refere-se à conceitualização resultante da relação entre o predicado e os termos de uma oração. Assim, EsCo diz respeito à concepção de algo

que pode existir no mundo, isto é, a representação linguística da realidade, localizando-a temporal e espacialmente.

(13) Eu vi [**Maria chegar**]. **A chegada dela** (um evento) me alegrou.

EsCo: lugar no tempo e espaço (ocorre/tem duração temporal). Evento avaliado pelo falante como realizado.

Com relação à *predicação*, ela pode ser construída em uma estrutura da terceira camada, a *proposição*, que designa um fato possível. O conteúdo proposicional pode ser: a. verdadeiro ou b. falso, pode ser mencionado, negado, defendido, lembrado, entre outros. Veja o exemplo abaixo.

(14) ‘Eu suspeito que [**Maria chegou**]’. **Minha suspeita** (crença do falante) pode ou não ser verdadeira.

Proposição: não tem lugar no tempo e espaço (está na mente falante). Construto da mente avaliado como V ou F.

A *proposição*, quando recebe força ilocucionária, por meio da aplicação de operadores ilocucionários - declarativo, interrogativo ou imperativo - constitui uma frase, que corresponde a uma unidade de quarta camada, o *ato de fala*. Veja o exemplo abaixo.

(15) [**A Maria chegou?**]. Responda **minha pergunta**.

Ato de fala: lugar no tempo e espaço em que estão envolvidos os interlocutores. O primeiro, ‘**A Maria chegou?**’, é o ato em si. O segundo, ‘Responda **minha pergunta**’, é referência ao ato.

Apresentamos, assim, uma perspectiva mais ampla sobre as entidades que um substantivo pode denominar, nas quais o EsCo ocupa um lugar. Para tanto, apresentamos a tabela a seguir.

Quadro 2: Entidades que um substantivo pode denominar.

	Tipo/Exs.	Designação / características	Avaliação
a.	1ª. ordem <i>Homem, gato, caneta etc</i>	Indivíduos (referência mais prototípica do nome). (i) relativamente constantes (propriedades perceptuais); (ii) localizadas em algum ponto no tempo e no espaço; (iii) observáveis publicamente;	Existência.
b.	2ª. ordem <i>chegada, beleza, morte etc</i>	Estado-de-coisas (ações, processos, estados e posições) (i) localizadas no tempo; têm certa duração temporal; (ii) ocorrem (não existem; não são constantes)	Realização.
c.	3ª. ordem <i>idéia, crença, razão etc</i>	Proposições (construtos mentais: crenças, expectativas e julgamentos) (i) fora do espaço e do tempo; (ii) asseveradas, negadas, lembradas ou esquecidas; (iii) razão, mas não causa;	Verdade.
(LYONS, 1978, <i>apud</i> CAMACHO et al., 2014)			
d.	4ª. ordem <i>pergunta, afirmação, exclamação, ordem, pedido etc</i>	Atos de fala (declarações, perguntas, exclamações). (i) localizam-se no espaço e no tempo; (ii) podem fazer referência ao tipo de entidade, mas não representa, por si mesmos, o ato ilocutivo que designa, como pode ser observado na ocorrência abaixo (cf. (03) abaixo).	Condições de felicidade
(HENGEVELD, 1988, <i>apud</i> CAMACHO et al., 2014)			

Fonte: Tabela extraída do *handout* da disciplina de Semântica da Língua Portuguesa, elaborada pelo Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite (Unesp, IBILCE).

Com base nisso, a relação temporal entre dois predicados, um principal e um subordinado, pode ser identificada por meio do seguinte esquema, que representa o arranjo da relação temporal.

(CONECTIVO) [qPREDICADO TEMPORAL] [pPREDICADO PRINCIPAL]

Quando *q*, ocorre *p* (*p* em perspectiva de *q*), sendo *q*: evento temporal e *p*: evento principal.

Podemos interpretar a fórmula (1.) pensando as seguintes relações lógico-semântico-temporais:

1. Quando o evento temporal ocorre, coocorre o evento principal
2. Um fato primário coocorre com a realização de um fato secundário

É importante observar que o Estado de Coisas temporal é o pano de fundo no qual o Estado de Coisas Principal se desenvolve, fato que os torna semanticamente

dependentes entre si. Na literatura, esse fenômeno recebe a denominação de *Hipotaxe*, assim como será visto na seção ‘Orações de tempo em língua portuguesa do Brasil’. Segundo Traugott e Hopper (2003), *hipotaxe* se refere a uma estrutura linguística que apresenta os traços [- encaixado] e [+ dependente], em relação à cláusula principal.

2.2 Características sintático-semânticas da língua portuguesa e da libras

Nesta subseção, apresentamos características sintático-semântica da libras e da língua portuguesa.

2.2.1 As construções hipotáticas em língua portuguesa do Brasil

As orações de tempo em língua portuguesa são categorizadas como construções hipotáticas. Neves *et al.* (2008) se debruçam no estudo das relações hipotáticas, introduzindo o seu capítulo de livro descrevendo o estatuto categorial da hipotaxe. Assim, segundo a abordagem gramatical tradicional, estão incluídas entre as subordinadas as sentenças ‘adverbiais’. São elas: as sentenças de tempo, de causa, de condição, de concessão e de comparação. A classificação ‘subordinada adverbial’ se dá pela hipótese de que elas funcionam como um constituinte da sentença matriz ou nuclear. Em outras palavras, podem ser vistas como um ‘adjunto’ de sua ‘sentença principal’. Neves *et al.* (2008) questionam esse tipo de classificação, uma vez que a característica principal dessas sentenças está relacionada: (1.) ao modo de articulação com a sentença principal, distinguindo as justapostas das conectivas; bem como (2.) a sua forma, distinguindo as desenvolvidas e as reduzidas. Com relação ao critério de classificação dos diferentes tipos de adverbiais, tradicionalmente tem relação com o conectivo que as introduz, tendo remissão a critérios semânticos.

Ressaltamos que os critérios tradicionais não abrangem a natureza linguística da língua brasileira de sinais, pois, assim como será visto na seção de Análise de Dados, diferentes orações adverbiais não se distinguem pelo tipo de conectivo empregado – dada a sua omissão, antes se distinguem pela relação lógico-semântica estabelecida entre as orações subordinada e principal. Em outras palavras, nos referimos a relações semânticas estabelecidas sem a presença formal de um

marcador de coerência (como o caso dos conectivos). Como então um indivíduo surdo sabe identificar e interpretar qual valor semântico está sendo empregado na comunicação?

Em português, construções condicionais podem muito bem ser codificadas, por exemplo, sem uso de conjunção condicional. Como no caso ‘Tivesse eu estudado, teria passado na prova’. No entanto, como sabemos, isso não é possível na libras porque não há uma marcação morfológica que indique condição, do mesmo modo como é expresso em ‘Tivesse’. Nessa perspectiva, precisamos identificar e elencar quais são as estratégias linguísticas utilizadas para codificar condição em nossos dados.

Na continuação, Neves *et al.* (2008) afirmam que o melhor critério para analisar as subordinadas adverbiais deve considerar, por um lado, o grau de interdependência com a sentença nuclear a que se vinculam, e, por outro, o tipo de relação lógico-semântica que expressa. Isso constitui um tipo distinto tanto das subordinadas propriamente ditas (as tradicionalmente chamadas *completivas* e *adjetivas restritivas*), que se caracterizam pelos traços [+encaixamento] e [+dependência], quanto das coordenadas, que se caracterizam pelos traços [-encaixamento] e [-dependência]. Elas são identificadas pelo traços [-encaixamento] e [+dependência] e serão rotuladas de *hipotáticas*, no capítulo escrito pelas autoras.

Assim, as autoras afirmam que as construções *hipotáticas* podem ser classificadas em três domínios: domínio de conteúdo, domínio epistêmico e domínio de atos de fala, que são associadas às camadas propostas pela gramática funcional. As autoras explicam que as construções do domínio de conteúdo estão relacionadas ao nível da predicação, isto é, nível que envolve relações entre estados de coisas que ocorrem em algum mundo real ou possível. Já as construções do domínio epistêmico se referem ao nível da proposição, uma vez que as relações ocorrem entre conteúdos proposicionais ou fatos possíveis. Por fim, as construções do domínio dos atos de fala correspondem à camada das frases, nas quais a relação se dá entre atos de fala.

2.2.2 As construções hipotáticas temporais

Segundo Neves *et al.* (2008), as sentenças hipotáticas de tempo expandem as nucleares, com as quais se vinculam sintática e temporalmente, apresentando uma relação circunstancial. Nessa perspectiva, assim como as sentenças de causa, de

condição, de concessão, e outras semelhantes, as sentenças temporais hipotáticas, chamadas também de dependentes, relacionam-se a uma nuclear.

Em seu texto, as autoras, para trabalhar com este assunto, delimitam-no em quatro subseções. São elas: 1.1.1 Os conectivos que introduzem as sentenças de tempo; 1.2 A realização do sujeito nas sentenças de tempo; 1.2.1 A correlação tempo-modo nas construções de tempo; e, por fim, 1.3 A posição das sentenças hipotáticas de tempo.

Introduzindo a primeira subseção, as autoras afirmam que no discurso oral do português, as sentenças hipotáticas de tempo são introduzidas quase que exclusivamente por *quando*, estejam elas antepostas ou pospostas à nuclear. Nos dados coletados pelas autoras, apenas duas ocorrências fogem a esse padrão: uma sentença introduzida por *enquanto*, e outra por *logo que*, aparentemente motivadas pela necessidade de precisar a informação codificada pela sentença de tempo. Com relação a conjunção *enquanto*, na ocorrência [1-1], refere-se à duração mais prolongada e simultânea do estado de coisas codificado pela hipotática. Por sua vez, a locução conjuntiva *logo que*, em [1-2], refere-se a estreita proximidade temporal dos dois eventos, sentido esse que não seria expresso caso o falante fizesse uso da conjunção *quando*.

Ocorrência 16: sentenças hipotáticas temporais em português.

(1-1) Loc. – ...A gente andava acho que mais era dentro d'água, porque criança eu sei que me lembro de pequena e as minha(s) também, *enquanto são pequenas*, só que(r) (es)ta(r) dentro d'água, né?

[DID POA 45]

(1-2) Loc. – AI achei fabuloso... cenário de Hair uma ma:: Maravilha faz tempo que eu assisti *logo que* começou eu fui... achei um cenário uma coisa ah Ótima

[DID SP 281]

Fonte: Neves *et al.* (2008, s/p).

Na continuação, Neves *et al.* (2008) evidencia que na linguagem oral, em contexto de usos de normas cultas, os falantes pouco exploram outras conjunções e

locuções conjuntivas temporais mais específicas, que são capazes de circunscrever mais precisamente o tempo do estado de coisas expresso na sentença nuclear. Assim, nessa variedade, a delimitação temporal parece decorrer de outros recursos como ilustram [1-3] e [1-4].

Ocorrência 17: sentenças hipotáticas temporais em português.

(1-3) Loc. – ...E a gente gostou tanto que ficava todo dia jogando. Lembro um dia que nós passamos no hotel, mas a gente não jogava dinheiro nada, só assim na brincadeira... então passou, umas velha(s), umas senhoras de mais idade, que nos viram sempre jogando, *quando nós passamos elas disseram assim: essas viciadas.*

[DID POA 045]

(1-4) Loc. – ...a Laizinha, ela vai na praia eu acho que durante o veraneio todo, com a possibilidade inclusive de comer peixe fresco, *come quando eu levo*

[D2 POA 291]

Fonte: Neves et al. (2008, s/p).

As autoras afirmam que esses trechos mostram que as leituras temporais dependem principalmente das relações temporais da frase em si ou do contexto maior em que estão inseridas. Por exemplo, o enunciado [1-3] apresenta característica típicas das narrativas de experiência pessoal: isto é, comporta várias sentenças com verbos no aspecto perfectivo, dispostas numa sequência temporal que reproduz a ordem na qual os acontecimentos teriam ocorrido: 1) *passamos o dia no hotel, jogando*, 2) *passou umas velhas*, 3) *nós passamos*, 4) *elas disseram....* Já com relação ao enunciado [1-4] é o aspecto imperfectivo que garante a leitura de recorrência e, principalmente, de condição: *come quando eu levo* (isto é, *sempre que eu levo, se eu levo*).

É importante a análise feita pelas autoras, pois depreende as interpretações do texto baseando-se em aspectos relacionados ao contexto maior nas quais as relações temporais e de CCC estão inseridas. Isso mostra, por um lado, que a interpretação temporal não depende única e exclusivamente do conectivo que introduz a oração temporal. Esse argumento pode favorecer a nossa interpretação em libras, uma vez

que, considerando que nossos dados são casos em que não o uso de conectivos, pode-se depreender as leituras temporais e de CCC por meio do contexto linguístico no qual determinado dado está inserido. Esse é uma das etapas pela qual precisamos passar e verificar a sua contribuição para a interpretação do sentido de uma sentença produzida em libras: analisar e descrever o contexto linguístico e sua contribuição para as interpretações.

2.2.3 Orações de tempo nas línguas de sinais e rede de afinidades temporais

Tendo como ponto de partida a rede de afinidades elencadas por Kortmann (1996), identificamos que essa rede parece estar disponível na sincronia atual na língua brasileira de sinais, libras, assim como será visto nas seções de Análise de Dados. Podemos identificar, no momento, que o elo semântico compartilhado mutuamente pelas redes semânticas é o que denominamos como *tempo*: fator linguístico que origina as demais relações adverbiais de causa, de condição e de concessão: assim como será discutido nas seções de Análise de Dados e Considerações Finais.

Assim, as redes de afinidades linguísticas, que emergem da temporalidade entre os predicados temporal e principal e de sua correlação polifuncional, põem em evidência a riqueza gramatical da Subordinação Adverbial na língua brasileira de sinais. Afirmamos isso com base no fato de a temporalidade ser o background semântico no qual dois eventos são condicionados por princípios lógico-semânticos. Nessa perspectiva, procuramos determinar padrões semânticos responsáveis pela correlação gramatical de predicados.

Nessa direção, quando fazemos uso do termo *polifuncionalidade*, estamos nos referindo ao conjunto de significados ou de valores que um Estado de Coisas temporal pode apresentar quando subordinado a um Estado de Coisas principal. Assim, este estudo centra-se no estudo da polifuncionalidade gramatical do EsCo temporal, expandindo o campo da Subordinação Adverbial no estudo linguístico das línguas de sinais.

A polifuncionalidade gramatical está nos elos semânticos presentes nas redes de afinidades temporais e adverbiais. Estas, por sua vez, são expressas por meio da Subordinação Adverbial estabelecida entre os Estados de Coisas temporal e principal. Em outras palavras, é o tipo de relação semântica que um Estado de Coisas apresenta

em perspectiva de outro que denominamos polifuncional. Nessa perspectiva, polifuncionalidade refere-se ao fato de o EsCoTemp poder receber múltiplas leituras semânticas, de acordo com o contexto linguístico. A leitura semântica pode ser exclusivamente de tempo, bem como pode apresentar leituras polifuncionais. A leitura primária apresenta o valor adverbial mais básico, de tempo, e a leitura secundária apresenta valores adverbiais que expandem o processamento lógico-linguístico de tempo. Em outras palavras, essas leituras secundárias constituem uma vasta rede de afinidades semânticas de concessão, de causa e de condição.

Nessa perspectiva, essa investigação se justifica pela necessidade de compreender como o surdo, usuário de libras, codifica e processa essa rede de relações gramaticais. Saussure, em seu *Curso de Linguística Geral* (2006 [1916]), oferece-nos método de análise centrado no que o autor denomina por relações paradigmáticas e sintagmáticas. São duas esferas ou dimensões segundo as quais os termos (os elementos) linguísticos se encadeiam, se relacionam.

Por relações paradigmáticas, consideramos os traços temporais que um EsCoTemp pode conter, dentro da rede de relações sintagmáticas. Ou seja, há um conjunto de traços, sendo que no enunciado concreto alguns ocorrem e outros não. Assim poderíamos falar em paradigma. Perguntamo-nos, então, como a correlação desse conjunto de fatores evidencia as redes de afinidades e as fronteiras dentro do Espaço Semântico.

Deparamo-nos, assim, com dois grupos de fatores iniciais. O primeiro fator diz respeito aos traços semânticos que, quando combinados, resultam em uma relação temporal que se estabelece na correlação dos EsCos temporal e principal. O segundo trata das nuances temporais que podem ser processadas gramaticalmente.

Nesta seção, apresentamos a rede de afinidades semânticas, sobretudo de tempo, com base em Kortmann (1996). Tal autor elenca um vasto conjunto de relações lógico-semânticas temporais, que caracteriza as especificidades temporais possíveis de serem codificadas em inglês. São elas:

- Simultaneidade temporal: EsCo temporal e principal se sobrepõem em sua realização, sendo que a extensão exata da sobreposição pode não ser especificada e estar sujeita a variações.
- Anterioridade Temporal: EsCoTemp é anterior temporalmente ao EsCo principal, sendo que aquele deve ser realizado e concluído quando este ocorre.

- Posterioridade Temporal: EsCoTemp é posterior temporalmente ao EsCoPrinc e é selecionado como um ponto de referência temporal (Cristofaro, 2003).

Apresentamos, a seguir, ocorrências que exemplificam as redes de afinidades temporais propostas por Kortmann (1996).

Quadro 3: Rede de afinidades temporais.

Casos de Simultaneidade		
(A1)	quando p, q	(A1) My parents arrived when the children came home from school
(A2)	enquanto p, q	(A2) I learnt all about flowers while we lived in the country.
(A3)	tão longo quanto p, q	(A3) As long as we lived in the country our children were happy.
(A9) A10 A11)	em casos quando p, q	(A9) When(ever) there is smoke, there is fire. (A10) Where(ever) children are involved, divorces are particularly unpleasant. (A11) If possible, you should answer all the questions in the questionnaire.
Casos de posterioridade		
(A4)	depois de p, q	(A4) After we had breakfast we went to the river.
(A5)	tão breve quanto p, q	(A5) As soon as I had opened a window, I felt much better
(A6)	desde que p, q	(A6) We have been friends since we met at school.
Casos de anterioridade		
(A7)	antes de p, q	(A7) We had breakfast before we went to the river.
(A8)	até p, q	(A8) We had a wonderful summer until my mother arrived.

Fonte: Kortmann (1996, p. 30).

O estudo do *tempo* nas línguas naturais, apresenta grande complexidade, uma vez que esse fenômeno tem uma relação intrínseca com a percepção que o indivíduo, ouvinte ou surdo, depreende da realidade física e virtual alheia. Na língua portuguesa, por exemplo, os morfemas verbais também indicam pessoa, número, modo e,

sobretudo, tempo – nosso objeto de estudo. Para essa língua, existe a possibilidade de codificar uma marca morfológica-verbal que não explicita tempo, como o caso das orações infinitivas. Por outro lado, a libras foge a essa regra: a marcação de tempo não é expressa explicitamente por meio de uma marcação morfológica, como parte da morfologia do verbo. Essa língua faz uso, portanto, de outros mecanismos linguísticos para a localização temporal, como, por exemplo, sinais que determinam um Momento de Referência (Figueiredo, Lourenço, 2020; Moreira, 2018).

Para relacionar temporalmente os Estados de Coisas temporal e principal, a libras dispõe de outros mecanismos gramaticais (Crescêncio Neto, 2021). São eles:

(a.) relação temporal entre os núcleos semântico-temporais dos Estados de Coisas temporal e principal;

(b.) valores semânticos de anterioridade, simultaneidade e posterioridade por meio do EsCo temporal, em relação ao EsCo principal;

A revisão bibliográfica apresentada a seguir contém os principais autores que se dedicaram ao estudo do *tempo* em libras, tanto no que diz respeito à *marcação de tempo absoluto* quanto à *marcação de tempo relativo*. Essas expressões são usadas na literatura, respectivamente, para nomear (a.) a referência a um tempo específico, na sucessão temporal de eventos, e (b.) o vínculo (relação) temporal entre eventos (cf. Ochiuto, 2022). Com relação à revisão sobre as relações temporais em línguas de sinais, identificamos que uma maior atenção é dispensada ao estudo da marcação de tempo absoluto, em detrimento do estudo da relação temporal entre EsCo's. Observamos que isso ocorre devido ao fato de haver uma necessidade de surgimento de autores que avançam suas análises para os níveis de análise linguística mais altos, como a Semântica e a Pragmática, sendo essa, portanto, uma das lacunas que esta pesquisa deseja suprir: como os níveis semântico e pragmático podem contribuir para a compreensão da polifuncionalidade gramatical do EsCo temporal e para os estudos da Linguística de Línguas de Sinais?

Consideramos, portanto, *marcação de tempo absoluto* como as expressões linguísticas que indicam o Momento de Referência no qual determinado evento é localizado numa linha temporal cronológica. Com relação à *marcação de tempo relativo*, ele está relacionado ao modo como dois eventos se relacionam temporalmente, expressando relações semânticas de anterioridade, de simultaneidade e de posterioridade. Para tanto, é necessário a codificação de um

predicado principal e de um predicado temporal (subordinado) para a expressão desse vínculo semântico.

Segundo a Gramática da Libras (Quadros *et al.*, 2023)⁶, no capítulo 8, intitulado ‘Sintaxe da Libras – Articulação de orações’, na subseção ‘Temporais’, as hipotáticas temporais podem ser definidas como sentenças que situam um conjunto de eventos em algum lugar na linha do tempo. O sinalizante opta por marcar o acontecimento temporalmente em relação à sentença nuclear. A relação temporal estabelecida entre os dois eventos pode ser expressa, semanticamente, por:

- a. simultaneidade;
- b. não simultaneidade.

No caso de hipotaxe simultânea, os eventos são expressos de forma simultânea na oração nuclear e na oração hipotática, ou seja, os dois eventos acontecem ao mesmo tempo.

A seguir, mostramos a primeira ocorrência apresentada na Gramática da Libras. Essa ocorrência pode ser localizada na seção Hipotaxe Adverbial, na subseção Hipotaxe Adverbial Temporal; A tradução fornecida é: *Eu e minha irmã sinalizávamos no intervalo, na hora do lanche.*

⁶ O capítulo 8, intitulado ‘Sintaxe da Libras – Articulação de Orações’, é escrito por Amanda Rocha – UFRGS, Angélica Rodrigues – UNESP, Bruno Gonçalves Carneiro – UFT, Carlos Roberto Ludwig – UFT, Felipe Aleixo – UFRR, Jair Barbosa da Silva – UFAL, José Ishac Brandão El Khouri – UFT, Liona Paulus – UzK, Miriam Royer – UFCA, Rodrigo Nogueira Machado – UFC, Ronice Müller de Quadros – UFSC, Thamara Cristina Santos – UFT e Vinicius Rodrigues da Silva – UFSC.

Ocorrência 18: n. 1 (30min10):

(76) Hipotaxe Adverbial Temporal simultânea.



IX (eu-ela-eu) VIR

INTERVALO COMER

IX (eu)



IX (ela)

SINALIZAR

Fonte: Quadros *et al.* (2023).

Com base nessa ocorrência, levantamos algumas questões relacionadas ao status de oração temporal. Os autores consideram que “a hora do lanche” se configura como um Estado de Coisas. É importante observarmos isso, pois, assim como será visto na seção de Análise de Dados, um Estado de Coisas não precisa ser codificado formalmente por um verbo. Isso é uma evidência importante para fortalecer o fato de que, além de nossa pesquisa, existem outros autores, tais como Quadros *et al.* (2023), que classificam determinada unidade linguística como um evento, mesmo sem a presença de um verbo.

É importante observar que, como as teorias sintático-semânticas foram elaboradas a partir do estudo de línguas orais, esse é o padrão mais comum – evento ser codificado por meio de um verbo. Além disso, mesmo em línguas orais, temos substantivos, por exemplo, que se referem a um evento (eleição, nascimento, morte, entre outros), assim como foi discutido na subseção 2.1, sobre o conceito de Estado de Coisas.

Para entendermos melhor essa ocorrência, consideramos que o conteúdo expresso na oração hipotática adverbial temporal tem a função de estabelecer o momento do evento relatado nas orações envolvidas dentro de uma linha temporal.

Em outras palavras, podemos interpretar a ocorrência por: *quando no intervalo, ao fazermos o lanche, nos encontrávamos e sinalizávamos*.

Em todos os exemplos apresentados por Quadros *et al.* (2023) em sua Gramática, a autora afirma que a oração hipotática temporal é marcada por uma expressão facial específica. No entanto, a autora não especifica que expressão facial é essa.

Seguindo adiante na análise, a autora afirma que o evento da oração hipotática é simultâneo ao conteúdo expresso na oração nuclear. A oração temporal não faz parte da estrutura argumental da oração nuclear, tanto que pode ser retirada sem comprometer a estrutura sintática.

O segundo caso apresentado pela Gramática trata-se de uma oração temporal simultânea, encontrada no tempo 31 minutos e 2 segundos. A tradução dada a ela, pelos autores, é: *Além disso, quando passeávamos aos sábados e aos domingos, íamos com um grupo de surdos, sempre*.

Ocorrência 19: n. 2 (31min2):

(77) Hipotaxe Adverbial Temporal simultânea.



Fonte: Quadros *et al.* (2023).

Nessa sentença, o evento expresso na oração hipotática ocorre de forma simultânea ao evento expresso na oração nuclear. Essa sentença é marcada por expressões faciais específicas que, segundo os autores, são: (1.) o posicionamento do corpo e (2.) leve giro da cabeça para o lado.

A terceira ocorrência apresentada pela Gramática trata-se de uma oração temporal não simultânea. Isso diz respeito ao fato de que os eventos da sentença hipotática não ocorrem ao mesmo tempo com a oração principal. A ocorrência é encontrada no tempo de 31 minutos e 49 segundos, e recebe a seguinte tradução: *Quando eu aprendi, eu me tornei professor de matemática.*

Ocorrência 20: n.3 (31min49)

(78) Hipotaxe Adverbial Temporal não simultânea.



IX (eu)

APRENDER

PRONTO

IX (eu)

PROFESSOR IX (eu) MATEMÁTICA

Fonte: Quadros *et al.* (2023).

O evento da oração hipotática: EU APRENDER PRONTO, traduzido por “quando eu aprendi”: acontece em um tempo anterior ao tempo do evento da oração principal, “me tornei professor”. Por isso, essa oração hipotática é considerada não simultânea e marcada pelo sinal PRONTO.

Por fim, apresentamos a quarta ocorrência trazida pela Gramática. Ela é encontrada no tempo 32 minutos e 16 segundos, e recebe a seguinte tradução: *Fui passando até 8ª série quando terminei os estudos.*

Ocorrência 21: n. 4 (32min16)

(79) Hipotaxe Adverbial Temporal não simultânea.



[DESENVOLVER+ ATÉ OITAVA-SÉRIE] FIM

Fonte: Quadros *et al.* (2023).

Os autores da Gramática da Libras classificam como oração hipotática não simultânea o segmento: DESENVOLVER ATÉ 8ª SÉRIE. Com relação às expressões não manuais associadas, os autores identificaram (1.) diminuição do olhar e (2.) franzimento da testa, porém não indicam em que segmento da expressão linguística essas ENM estão associadas.

Apesar de a Gramática da Libras ser um livro online extenso, vemos que os autores dedicaram pouco de seu trabalho para a seção sobre a expressão de temporalidade em libras, a qual tem a duração de menos de 2 minutos de vídeo. Além disso, nas ocorrências apresentadas, não identificamos um padrão consistente do uso de alguma expressão não manual específica, como, por exemplo, o arqueamento de sobrancelhas, assim como é visto nos dados de Figueiredo e Lourenço (2019).

Uma informação importante que precisamos considerar está relacionada ao modo como os predicados principal e subordinado são articulados: por justaposição, e não por meio de uma conjunção temporal. Outra informação importante, que nos chama a atenção, está relacionada ao fato de que em muitas ocorrências não há a presença formal de um verbo. Apesar disso, os autores da Gramática ainda classificam o segmento como uma oração, numa perspectiva sintática, e, por outro lado, classificam como um evento, numa perspectiva semântica. Isso pode ser observado na ocorrência 1, quando a sinalizante faz referência à hora do lanche, quando sinaliza INTERVALO, bem como pode ser observado na ocorrência 4, quando o sinalizante se refere ao término de seus estudos, ao sinalizar FIM. Nessa perspectiva, fazemos a mesma reflexão com a glosa ANGÚSTIA: FIM não pode ser

considerado, nesse contexto, como verbo? Parece que estamos com um problema relacionado necessariamente a glosa, pois nos baseamos nela pela forma como está em português dependendo da interpretação da ocorrência. Mas como solucionar esse problema?

Com base nisso temos evidência de que um único sinal pode veicular o segmento hipotático temporal, bem como pode ser suficiente para configurar uma oração (no caso de um predicado nu) e, portanto, um evento. Essa informação pode ampliar o que a tradição gramatical tem descrito sobre as orações, apresentando formas inovadoras de se codificar uma oração por meio de um predicado nu, que se refere a uma oração que não apresenta formalmente uma oração, isto é, que não tem um verbo (FIGUEIREDO; LOURENÇO, 2020). A recorrência desse fato linguístico pode dizer muito sobre o funcionamento e organização das línguas de sinais, bem como pode contribuir para uma compreensão mais ampla sobre o funcionamento e organização das línguas, de um modo geral (orais e de sinais).

A seguir, vamos apresentar ocorrências de construções temporais, apresentadas por Figueiredo e Lourenço (2019).

Apresentamos, a seguir, as figuras (1) e (2).

Figura 1: Movimento da sobrancelha na ocorrência de temporal no vídeo “O escorpião e a tartaruga”, de Rimar Segala (8).

<TARTARUGA-ANDAR>_{CL} RIO ÁGUA ^{ls} <QUASE-ENTRANDO-NO-RIO>_{CL} ESCORPIÃO
DESESPERADO
'A tartaruga estava andando até o rio. Quando estava quase entrando na água, havia um escorpião desesperado.'

Figura 61: Levantamento de sobrancelha com a construção <QUASE-ENTRANDO-NO-RIO>_{CL}.



<QUASE-ENTRANDO-NO-RIO>_{CL}

Fonte: Figueiredo e Lourenço (2019, p.99).

Figura 2: Movimento da sobrancelha na ocorrência de sentença temporal no vídeo “O escorpião e a tartaruga”, de Rimar Segala (9).

<CHEGAR-NA-MARGEM-DO-RIO>_{CL+DEVAGAR} ESCORPIÃO PICAR_A
'Quando finalmente chegaram à margem do rio, o escorpião picou (a tartaruga).'

Figura 22. Levantamento de sobrancelha com a construção <CHEGAR-NA-MARGEM-DO-RIO>.



<CHEGAR-NA-MARGEM-DO-RIO>

Fonte: Figueiredo e Lourenço (2019, p.100).

Notamos, nas duas ocorrências temporais (Figuras 1 e 2), que o sinalizante associa o arqueamento de sobrelance ao uso de classificadores. Isso parece estar associado ao gênero textual em uso: a fábula. É importante ressaltarmos esse fato pois, assim como será visto na seção de Análise de Dados, os dados dos autores se diferenciam dos nossos em dois aspectos:

(a.) em nossos dados, o arqueamento de sobrelances está associado a sentenças maiores e não apenas a um único sinal;

Essas diferenças encontradas parecem-nos apresentar evidências para argumentarmos que a estrutura sintática de uma sentença temporal e o uso de expressões não manuais podem se alterar de acordo como o gênero textual empregado, apesar de ambas as pesquisas tratarem de narrativas.

2.2.4 Marcação de Tempo Absoluto e relação temporal na Libras

Neves (2001) afirma que as sentenças de tempo, como as de causa, de condição, de concessão, e outras semelhantes, constituem um dos subtipos da categoria *hipotaxe*, sendo ‘um processo de combinação de sentenças que envolve uma dependente, rotulada de hipotática, e uma nuclear’ (Neves, 2001). A autora diz ainda que ‘as sentenças hipotáticas expandem as nucleares reelaborando-as, ampliando-as ou apresentando uma relação circunstancial’, sendo que ‘as sentenças de tempo instanciam o último subtipo’.

O estudo da temporalidade em libras é enquadrado por Carneiro, El Khouri e Ludwig (2020) como um caso de *Hipotaxe*. A *Hipotaxe* considera que toda oração pode funcionar como uma oração satélite de uma oração principal. Os autores afirmam que as orações hipotáticas funcionam como um satélite, proporcionando:

- (i) um realce;
- (ii) um aspecto circunstancial da oração matriz;
- (iii) uma orientação ao interlocutor para a mensagem que se quer transmitir, organizando o discurso e conduzindo o interlocutor à mensagem dita;
- (iv) uma orientação para um cenário em que o evento se desenrola.

Carneiro, El Khouri e Ludwig (2020), em seu artigo publicado na revista *Humanidade e Inovação*, classificam, dentro do conjunto de orações hipotáticas, as orações apositivas, explicativas, causais, comparativas, condicionais, finais e

temporais. Notamos, no entanto, que os autores não fazem menção às orações concessivas. Assim, os autores debruçam-se na investigação de três valores semântico-adverbiais em libras, a saber: (a) finalidade; (b) temporalidade; e (c) causalidade. Com relação ao estudo da temporalidade, os autores organizam seus dados em dois grupos, com base em Lima (2002):

- (1.) hipotaxe adverbial temporal simultânea;
- (2.) hipotaxe adverbial temporal (não simultânea).

Ocorrência 22:



Fonte: Carneiro, El Khouri e Ludwig (2020, p.4).

Na ocorrência em (19), os autores apresentam um caso de hipotaxe adverbial temporal simultânea, na qual o sinalizante faz uso de uma estratégia denominada de manutenção da mão não dominante, que pode ser classificada, na ocorrência em específico, por *boa*. Os autores descrevem que na ocorrência, a mão não dominante permanece em suspensão, expressa pelo sinal classificador BICICLETA, construindo um cenário de fundo, ao mesmo tempo que a mão dominante realiza os sinais que expressam a oração principal IX(ele) HOMEM SORRIR IX(eu) MEDO. O evento expresso pela oração principal ocorre em perspectiva da oração temporal.

A ocorrência em (19), extraída de Carneiro, Khouri e Ludwig (2022), apresenta algumas inconsistências em relação ao sistema de anotação e de transcrição.

Destacamos aqui que a glosa EMPURRAR-A-BICICLETA não apareceu, sendo que o sinal é o plano de fundo temporal no qual os demais eventos acontecem.

Os autores continuam a sua análise descrevendo que essa estratégia permite que o sinalizante represente, simultaneamente (CARNEIRO, 2015; CARNEIRO; OLIVEIRA, 2017 *apud* CARNEIRO; EL KHOURI; LUDWIG, 2022):

- (a) participantes visíveis;
- (b) participantes invisíveis;
- (c) a fala do narrador;
- (d) e o estado dos participantes.

Os autores afirmam que na ocorrência em (19), por meio de uma das mãos é codificado o discurso do narrador e com a outra é codificado a ação de um participante.

Carneiro, El Khouri e Ludwig (2020) proporcionam, desse modo, uma discussão interessante quando mencionam o fato de que o uso alternado das mãos, assim como mostrado na ocorrência em (19), promove a articulação de duas orações a nível da hipotaxe.

Uma mesma estratégia pode ser utilizada ora para hipotaxe, criando o pano de fundo temporal para expressar o evento expresso na oração principal, ora para parataxe, coordenando os eventos IX(ele) HOMEM SORRIR (tradução: os homens debochavam) e IX(eu) MEDO (tradução: fiquei com medo).

Os autores também apresentam outra ocorrência na qual é utilizada a mesma estratégia gramatical.

Ocorrência 23:



Tradução: eu vi vários homens usando drogas enquanto estava de bicicleta.

Fonte: Carneiro, El Khouri e Ludwig (2020, p.6).

Vemos que, na ocorrência em 23, estamos lidando com um caso de *hipotaxe adverbial temporal simultânea*. Isto é: os eventos expressos nas orações temporal e principal ocorrem em tempos simultâneos, apresentando a característica sintática de justaposição.

2.2.5 Marcação de Tempo Relativo nas Língua De Sinais

Segundo Zucchi (2020), na Língua Italiana de Sinais (LIS) a ordem básica das orações de tempo, com respeito à oração principal, é a anteposição, sendo que o sinal manual que especifica a relação temporal entre as duas orações tipicamente ocorre dentro da oração principal. Nos dados apresentados pela autora, não são mostradas ocorrências de orações de tempo pospostas à oração principal, não havendo, portanto, posposição de predicados temporais, em relação ao predicado principal, nos dados da autora.

A mobilidade da oração de tempo pode ser uma estratégia discursivo-argumentativa interessante para o gerenciamento de informações na interação verbal. Cabe a nós questionarmos como outras funções pragmáticas são expressas e se são expressas, de fato, numa perspectiva translinguística.

Com relação à LIS, estudada por Zucchi (2020), as orações de tempo são cláusulas adverbiais que indicam uma relação temporal entre o evento descrito na cláusula principal e o evento que toma lugar na cláusula subordinada. Essa é uma definição geral para orações de tempo, que vale também para línguas orais. O valor semântico expresso pela relação temporal entre os dois eventos pode ser de simultaneidade, anterioridade e posterioridade, assim como Crescêncio Neto (2021) verificou em seu estudo da libras.

Nesse sentido, Zucchi nos mostra que as orações de tempo podem ser expressas:

- (i) ou pela justaposição das duas orações;
- (ii) ou pelo uso opcional de marcadores manuais.

Como exemplos de simultaneidade, a autora nos apresenta as seguintes ocorrências:

(24.a)

cd
_____re

IX₂ ₂ TEXT₁ IX₁ DRIVE

‘When you sent me the text message, I was driving.’

(24.b)

cd
_____re

₂ TEXT₁ MOMENT IX₁ , SHOWER

‘When you sent me the text message, I was taking a shower.’

A ocorrência em (22.b) se destaca pelo uso de um sinal glosado por *MOMENT*, que é realizado entre as duas orações. A autora não discute em seu texto se ele sinal está funcionando como um conector ou como uma conjunção.

Para o valor semântico de anterioridade, os mesmos marcadores não manuais utilizados para as ocorrências de simultaneidade também são utilizados. Além disso, anterioridade pode ser expressa por meio do emprego do marcador manual glosado por *AFTER* e o mesmo marcador não manual usado para marcar simultaneidade é utilizado durante a realização da oração subordinada de anterioridade.

(25)

cd
_____re

L-U-C-A GO_AWAY A-N-N-A CRY

‘After Luca left, Anna cried.’

A autora também nos afirma que outra opção é produzir o sinal *DONE* depois da oração subordinada predicada, com o marcador não manual sendo realizado durante a oração subordinada. TROCAR A OCORRÊNCIA

(26)

cd
_____re

TEACHER GO_AWAY AFTER CHILD++ CONFUSION.

After the teacher left, the children moved around chaotically.

Além disso, Zucchi (2006) nos apresenta outro modo de expressar posterioridade por meio do uso do sinal manual *DONE*, produzido depois do predicado da oração principal junto com os mesmos marcadores não manuais de simultaneidade

e anterioridade, que ocorrem durante a realização da oração subordinada. Notamos que o sentido da ocorrência em (3.b) é o mesmo apresentado na ocorrência em (2.c).

- (27) cd
 re
 IX₁ ARRIVE LUCAA IX^a VASE BREAK DONE
 'Luca broke the vase before I arrived.'

Em sua pesquisa, Zucchi (2006) se debruça no estudo da marcação manual de sinais subordinados em orações temporais. A autora nos mostra que existe uma série de sinais manuais que podem ser usados para expressar simultaneidade. São eles: WHEN (4), MOMENT (5), EXACTLY (6), o segmento TIME NOW PE (7), e TIME NOW IDENTICAL (8) ou *TIME IDENTICAL NOW*). Os sinais manuais de tempo podem ser opcionais. Enquanto o sinal manual WHEN é produzido no começo da cláusula subordinada, outros sinais são produzidos no começo da oração principal.

- (28) cd
 re
 a. WHEN IX₁ PADUA ARRIVE IX₁ TEXT₂ .
 'When I arrive in Padua, I will send you a message.'

- (29) cd
 re
 b. 2TEXT1 MOMENT IX1 SHOWER
 'When you sent me the text message, I was taking a shower.'

- (30) cd
 re
 c. 3TEXT1 EXACTLY IX1 SHOWER
 'When s/he sent me the text message, I was taking a shower.'

- (31) cd
 re
 d. IX2 2TEXT1 IX1 TIME NOW PEN DRIVE
 'When you sent me the text message, I was driving.'

- (32.a) cd
 re
 e. 3TEXT1 TIME IDENTICAL NOW IX1 DRIVE
 'When s/he sent me the text message, I was driving.'

Outro sinal manual opcional que expressa anterioridade é o sinal AFTER. Quando produzido, ele aparece no início da oração principal.

(32.b) cd

re

LUCA GO_AWAY AFTER ANNA CRY

'After Luca left, Anna cried.'

A LIS dispõe de diversos sinais manuais opcionais para expressar posterioridade. São eles: BEFORE (9), EARLIER (10), NOT_YET (10). A autora também nos mostra que o segmento ALREADY BEFORE pode ser usado para expressar posterioridade. Encontram-se, abaixo, ocorrências que contêm cada um desses sinais.

(33.a) cd

re

a. IX2 ARRIVE IX1PL BEFORE EAT DONE

'We ate before you arrived.'

(33.b) cd

re

b. IX2 ARRIVE IX1PL EARLIER EAT DONE

'We ate before you arrived.'

(33.c) cd

re

c. ALARM NOT_YET IXA THIEFA GO_AWAY

'The thief left before the alarm went on.'

(33.d) cd

re

D.BANK CLOSE A-N-N-A- MONEY TAKE ALREADY BEFORE

'Anna withdrew the money before the bank closed.'

Dessas ocorrências, apenas o sinal NOT-YET pode ocorrer dentro da oração temporal subordinada, em seu final. Todos os outros sinais são produzidos na oração principal, com alguma flexibilidade com respeito à sua posição: o sinal BEFORE pode ser produzido ou no começo ou no fim da oração principal, ou antes da oração

principal predicada. O sinal manual ALREADY BEFORE pode ser produzido ou no final da oração principal ou pode ser separado por outros sinais dentro da oração principal predicada. Isso pode ser observado na ocorrência em 25. A autora também ressalta que o sinal EARLIER pode ser realizado antes da oração principal prediativa, ou no começo da oração principal.

(34) cd
re
 IX₁ CINEMA ARRIVE GIRLFRIEND ALREADY TICKET BUY BEFORE
 'When I arrived at the cinema, my girlfriend had already bought the tickets.'

Com relação às ENM associadas à expressão de tempo em LIS, Zucchi (2006) afirma que elas são usadas em todos os tipos de relações temporais, como simultaneidade, anterioridade e posterioridade. Essas ENM são compostas por:

- (i) sobancelhas arqueadas (re) realizadas durante a oração subordinada;
- (ii) abaixamento do queixo (cd) ocorrendo no final da oração subordinada;
- (iii) sinal de pausa no final da oração subordinada;
- (iv) piscar de olhos entre as duas orações, opcionalmente.

As ENM são bastante empregadas em diferentes tipos de construções em LIS. Por exemplo, elas também marcam orações condicionais e, na ausência de sinais manuais, uma sentença pode ser ambígua entre uma oração temporal simultânea ou uma oração condicional. Essa informação fomenta a discussão uma vez que vai ao encontro da nossa proposta de investigação: analisar e descrever em que medida determinada ocorrência pode apresentar uma leitura primária, tão unicamente temporal, ou uma leitura secundária de condição ou de causa. A ocorrência em (11), trazida pela autora para a LIS, mostra esse fenômeno.

(35) cd
re
 OUTSIDE RAIN PLAY IMPOSSIBLE_NO_WAY
 'When it rains outside, it is impossible to play.'
 'If it rains outside, it is impossible to play.'

2.3 Expressão dos valores de causa, de condição e de concessão (CCC)

2.3.1 Causalidade

Numa perspectiva lógico-semântica, Neves *et al.* (2008) afirmam que a construção causal é caracterizada como a junção de um evento-causa e um evento-consequência ou evento-efeito. Desse modo, a relação causal implica uma sequência temporal entre os eventos, à qual se soma a ideia de que o segundo evento é previsível a partir do primeiro, ou porque nele tem a sua razão, ou porque há entre eles uma sucessão regular. Neves *et al.* (2008) também afirmam que, ainda numa perspectiva lógico-semântica, as construções causais incluem um componente de condicionalidade, assim como mostra o seguinte exemplo em [2-1].

Ocorrência 36: oração causal introduzida por *porque*.

(2-1) então aí eu levei minhas filhas, elas adoraram, né... não queriam ir, mas no fim foram, *porque sabiam* que iam outros jovens também

[EF SP 405]

Fonte: Neves *et al.* (2008, s/p)

As autoras afirmam que o fato de as jovens saberem que outros jovens também iam fazer a viagem constitui uma condição que, preenchida, torna previsível sua participação nessa viagem. Com base nisso, as autoras organizam um esquema no qual pode ser explicitada essa relação:

Ocorrência 37: esquema lógico-semântica do componente condicional presente numa construção causal.

– se (=desde que) iam outros jovens (e elas sabiam disso) — CONDIÇÃO
PREENCHIDA
– elas foram — FATO REAL

Fonte: Neves *et al.* (2008, s/p)

Assim, as autoras discutem o fato de que uma análise que usa a previsibilidade

para definir a conexão causal restringe drasticamente o rol das construções analisadas nos dados coletados por elas. Além disso, as autoras afirmam que essa análise ignora também aspectos relevantes para a compreensão do funcionamento dos enunciados de causa emitidos em situações reais de fala. Com base no exemplo em [2-1], segunda elas, pode-se levantar a objeção de que a realização da viagem das jovens não se seguiu ao conhecimento que elas tinham a respeito da ida de outros adolescentes, mas a ida dependeu de outras ‘causas reais’, como a disponibilidade de tempo e de dinheiro para a viagem. Condição *preenchida*, portanto, não é condição *suficiente*. As autoras também mencionam que existe uma brecha interpretativa em relação a qual medida o conhecimento a respeito da ida dos outros jovens constitui uma causa da viagem, ou se o falante (a mãe das jovens) simplesmente invocou esse argumento em seu enunciado.

Na continuação, com base numa perspectiva linguística, a relação de ‘causa’ é complexa uma vez que contrapõem às relações ‘no conteúdo’, isto é, entre os eventos, e as relações ‘na tese’, isto é, nos argumentos, ou valorizam o papel argumentativo a que as construções causais podem servir. Com base nisso, as autoras argumentam que a consideração de um componente pragmático se mostra relevante em relação a algumas interpretações que se centram no componente semântico, analisando o segmento que expressa a causa como pressuposição. Em outras palavras, nas construções causais se instaura um jogo entre fundo, ou parte recessiva do significado (o segmento causal), e figura, ou parte dominante da construção (o segmento que representa o que foi ‘causado’), partes que se definem pelo seu valor informativo.

A discussão das metafunções da linguagem tem mostrado que todos os tipos de junção expressos por sentenças complexas, genericamente classificados como aditivo, adversativo, causal e temporal, podem expressar dois tipos de relação: as que se estabelecem entre eventos e as que se estabelecem entre argumentos. Com relação à primeira, a *relação entre eventos*, é aquela que existe como relação entre fenômenos externos à situação de comunicação, de fonte *experencial* (função ideacional). Assim, trata-se de uma relação entre significados representados como conteúdo (ou experiência) da realidade externa. Com relação a segunda, a *relação entre argumentos*, é aquela que se estabelece entre segmento do discurso, que estão relacionados entre si como etapas de uma argumentação, uma relação inerente à situação comunicativa, isto é, de fonte *interpessoal*. Trata-se, desse modo, de uma relação entre significados como representação das impressões particulares dos

falantes acerca da situação.

As autoras continuam sua argumentação afirmando que essa proposta de análise pode ser associada a teorias funcionalistas que sustentam que as expressões linguísticas podem ser interpretadas em três domínios ou níveis: do conteúdo, epistêmico e dos atos de fala, sendo uma hierarquia semântico-pragmática.

Assim, uma leitura a nível de conteúdo se dá quando a relação de causalidade é estabelecida entre estados de coisas que estão relacionados por uma causalidade em um mundo qualquer, como no trecho em [2-2]

Ocorrência 38: relação de causalidade a nível de conteúdo.

(2-2) Então eles pegavam os pássaros que não podiam voar... *porque estavam com as penas grudadas de petróleo* [D2 SSA 98]

Fonte: Neves *et al.* (2008, s/p).

As autoras afirmam que uma construção causal é interpretada no domínio epistêmica quando a junção se estabelece entre uma conclusão ou crença, por um lado, e as suas ‘causas’ ou ‘motivações’, por outro lado, assim como mostra o exemplo em [2-3], no qual um fato real justifica não um outro fato real, mas sim uma expectativa.

Ocorrência 39: relação de causalidade a nível epistêmico.

(2-3) agora nesse mês, *como a UPC não aumentou e como diminuiu o número de UPCs...* o que vai acontecer é que eu vou pagar um pouquinho menos [D2 RJ 355]

Fonte: Neves *et al.* (2008, s/p)

Por fim, as autoras afirmam que a leitura que corresponde ao domínio dos atos de fala inclui as construções constituídas por um ato de fala ao qual se associa uma sentença que dá a ‘causa’ daquele ato de fala e, por isso, traz uma ‘explicação, assim como mostra o exemplo em [2-4].

Ocorrência 40: relação de causalidade a nível de atos de fala.

(2-4) [agora dias que não tem aula ele pergunta e a resposta é negativa aí então ele diz para a irmã..] “*levanta que hoje não tem aula podemos brincar*” aí
 levan::tam

[D2 SP 360]

Fonte: Neves *et al.* (2008, s/p)

As autoras concluem que a análise desses três domínios mostra que a língua exprime, mediante construções causais, tanto relações que se estabelecem entre estados de coisas, quanto relações entre os domínios superiores de argumentos e atos de fala. Isso é importante para a análise e descrição linguística de nossos dados (cf. Análise de Dados), uma vez que distingue as construções que não têm contraparte nos níveis superiores, como, por exemplo, as construções temporais: que se resolvem no nível dos estados de coisas.

2.3.2 Causalidade na libras

Na libras, Rodrigues (2020) observa que, em seus dados, aproximadamente 78,5% das ocorrências são introduzidas pelo sinal "porque", indicando um uso frequente de orações causais e um uso mais frequente do sinal manual para construir a relação causal.

No entanto, segundo Rodrigues, a interpretação de causalidade nem sempre é direta. Uma sentença como "Eu utilizava línguas de sinais na faculdade porque havia muitos surdos na sala" não permite a dedução de causalidade real.

Ainda segundo Rodrigues (2022), a posposição da oração causal em relação à oração principal é a ordem não marcada em seus dados. A autora também identificou que o uso das expressões não manuais arqueamento ou franzimento das sobrancelhas e, sobretudo, *mouthings* estão associados à oração causal. O uso de marcadores não manuais, como arqueamento de sobrancelhas e franzimento da testa, é observado na libras para introduzir informações novas e refletir a estrutura informacional da oração causal (Rodrigues, 2020).

Rodrigues, em sua Tese de Livre Docência, apresenta inicialmente duas ocorrências de oração causal introduzidas, respectivamente, pelas conjunções PORQUE e MOTIVO:

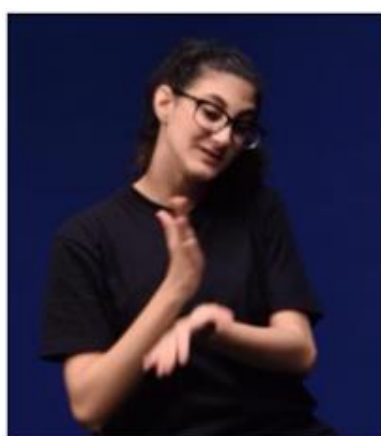
Figura 3: Oração causal introduzida pela conjunção PORQUE.



A escola inclusiva enfrenta certa dificuldade, pois não tem conhecimento da cultura surda

Fonte: Rodrigues (2022, p. 45).

Figura 4: Oração causal introduzida pela conjunção MOTIVO.



ALGUM



SURD@



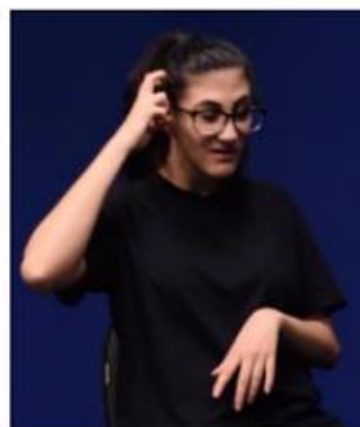
QUERER



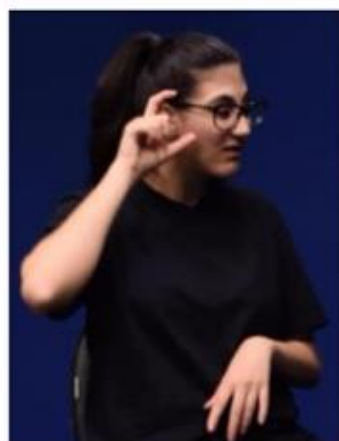
IMPLANTE-COCLEAR



MOTIVO



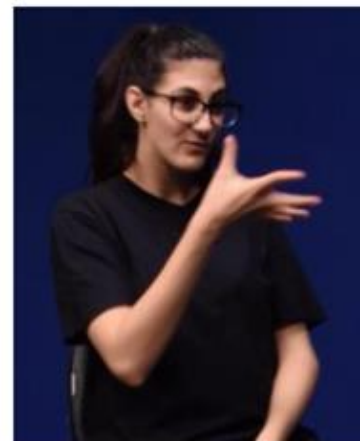
IMPLANTE-COCLEAR



APARELHO-AUDITIVO



TECNOLOGIA



NOV@

Alguns surdos querem colocar implante coclear porque acham que implante e aparelho auditivo são tecnologias novas.

Fonte: Rodrigues (2022, p. 46).

2.3.2 Condicionalidade

Kortmann (1996) propõe a seguinte divisão para as relações de condição, com base na fórmula ‘se p , q ’. São elas:

(i) Condições ‘reais’: refere-se às situações presentes, passadas e futuras, as quais não está resolvido se são, foram ou serão verdadeiras.

(41) Se João está em Berlim, ele está ficando em um hotel.

(42) Se Maria visitou sua mãe ontem, ela deve saber sobre seus problemas.

(43) No caso deles estarem atrasados, nós podemos sempre sentar no bar.

(ii) Condições hipotéticas: refere-se às situações imaginárias as quais podem acontecer.

(44) Se eu conhecer Nelson Mandela, eu perguntaria a ele sobre o futuro da África do Sul

(iii) Condições contrafactuais: refere-se a situações imaginadas que não aconteceram ou não puderam acontecer (não- p é pressuposto).

(45) Se Maria visitou sua mãe ontem, ela deveria saber sobre seus problemas.

Segundo Neves *et al.* (2008), as construções condicionais repousam sobre uma hipótese, razão pela qual, nos estudos clássicos e na tradição que deles decorre, são referidas como período hipotético. A sentença de condição, tradicionalmente chamada de *prótase* (ou ‘antecedente’), se une a uma sentença-núcleo, denominada *apódose* (ou ‘consequente’). Assim, entre o conteúdo da *prótase* (p) e o da *apódose* (q) instaura-se uma relação do tipo:

Esquema: relação entre as sentenças condicional e nuclear.

condição para realização => consequência da resolução da condição

Fonte: Neves *et al.* (2008, s/p)

Com base nesse esquema, as autoras afirmam que a prótase expressa uma condição que pode ser realizada, não-realizada ou eventualmente realizada. Assim, tem-se os três subtipos de construções condicionais:

1. real/factual: dada a realização/verdade de p , segue-se, necessariamente, a realização/ a verdade de q /
2. irreal/contrafactual: dada a não-realização/falsidade de p , segue-se, necessariamente, a não-realização/a falsidade de q ;
3. eventual/potencial: dada a potencialidade de p , segue-se a eventualidade de q .

Na continuação, as autoras afirmam que a investigação de construções condicionais produzidas em situação real de uso mostra que algumas se conformam, ao menos parcialmente, à mesma caracterização apresentada em relação ao esquema logo acima, isto é, no mundo real, a realização da apódose depende da satisfação da condição expressa na prótase. Com base nisso, as autoras apresentam o exemplo [3-1].

Ocorrência 46: oração condicional com leitura causal.

(3-1) *...se na mulher se retira os ovários... retirando portanto a fonte pro/da/eh::/elaboradora de hormônio... feminino. o::as glândulas mamárias... elas se atrofiam*
[EF SSA 49]

Fonte: Neves *et al.* (2008, s/p).

Na construção acima, as autoras afirmam que é possível depreender uma relação causal, no sentido de que um estado de coisas motiva a realização de outro: a retirada dos ovários (fonte elaboradora de hormônio feminino) é condição suficiente para a atrofia das glândulas mamárias. Desse modo, a retirada dos ovários, se ocorre, causa a atrofia das glândulas mamárias.

Assim, as autoras afirmam que construções semelhantes a [3-1], nas quais existe mais concretamente uma relação causal, são consideradas condicionais de conteúdo, uma vez que se caracterizam por colocar dois estados de coisas em relação,

distinguindo-se dos outros dois tipos de construção condicional: as epistêmicas e as de atos de fala.

As condicionais que atuam no nível epistêmico diferenciam-se daquelas com interpretação de conteúdo, porque, segundo as autoras, neles está em jogo são as crenças do falante. Em outras palavras, a verdade da premissa expressa na prótase constitui uma boa razão para que o falante confie na verdade da conclusão expressa na apódose. Os exemplos em [3-2] e [3-3] tratam-se de condicionais a nível epistêmico.

Ocorrência 47: construção condicional a nível epistêmico (exemplo 1).

(3-2) a identificação, *se tiver assim, um caráter já de uma pequena, um pequeno exame,*
então já está com um nível mais complexo

[EF POA 291]

Fonte: Neves et al. (2008, s/p).

Ocorrência 48: construção condicional a nível epistêmico (exemplo 2).

(3-3) *se ele armazenou aquilo e devolve da mesma maneira como ele a recebeu,* ele não
fez nenhum trabalho, ele não manipulou essa informação

[EF POA 278]

Fonte: Neves et al. (2008, s/p).

Assim, as autoras afirmam que em [3-2] o falante assim raciocina: se o aprendiz, ao realizar uma tarefa de identificação, realiza um pequeno exame, então *posso concluir* que suas atividades de classificação acontecem num nível complexo. Já em [3-3], as autoras afirmam que o que está expresso na apódose (*ele não fez nenhum trabalho, ele manipulou essa informação*) é uma conclusão a que se chega em virtude do que está expresso na prótase (*ele armazenou a informação e a devolve da mesma maneira como a recebeu*). Em outras palavras, *se ele armazenou a informação e a devolve da mesma maneira como ele a recebeu*, eu concluo que *ele não fez nenhum trabalho, ele não manipulou essa informação*.

Por fim, as autoras exemplificam o terceiro tipo de construção condicional, aquela que atua no nível de atos de fala, como em [3-4].

Ocorrência 49: construção condicional a nível de atos de fala.

(3-4) [bem... então::... a partir disto olha nós vamos poder entender... qual o tipo de arte que se desenvolveu *porque*] *se eu quero criar... uma réplica da realidade... um Duplo do animal que eu quero caçar* qual é o único estilo que eu posso usar?
[EF SP 405]

Fonte: Neves *et al.* (2008, s/p).

Na ocorrência acima, as autoras afirmam que o que está expresso na prótase dá o contexto em que se torna pertinente o ato de fala que vem na apódose. O segmento ‘se eu quero criar uma réplica da realidade, um duplo animal que eu quero caçar’ é uma sentença condicional, hipotética, que motiva uma pergunta. Desse modo, esse exemplo, segundo as autoras, mostra que as construções hipotéticas que envolve atos de fala não se restringem a um pequeno conjunto de fórmulas de polidez, sem genuíno valor de condicionalidade do tipo de ‘se é que eu posso perguntar, que é que o levou a fazer isso?’.

Na continuação, com relação as construções condicionais factuais/reais a nível de conteúdo, epistêmicas e conversacionais, obedecem a seguinte formula “se (já que)... então”. Para tanto, as autoras dão os seguintes exemplos em [3-15], [3-16] e [3-17].

Ocorrência 50: construção factual à nível de conteúdo

– Construções factuais de conteúdo
(3-15) se se há presença de uma coloração... mais forte mais intensa que a da pessoa... e::... essa aréola... possui... uma série de:: tubérculos... *então* o tubérculo é nomeado de ()
[EF SSA 49]

Fonte: Neves *et al.* (2008, s/p).

Ocorrência 51: construção factual à nível epistêmico.

– Construções factuais epistêmicas
 (3-16) se ela foi criada para um FIM... OUTRO ...que NÃO... a contemplação estética... ela é pragmática
 [EF SP 405]

Fonte: Neves *et al.* (2008, s/p).

Ocorrência 52: construção factual à nível de atos de fala

– Construções factuais de atos de fala
 (3-17) também uso o método técnico-jurídico o método indutivo o método antigo o analógico *então* por que é que não tem que se considerar ciência?
 [EF REC 337]

Fonte: Neves *et al.* (2008, s/p).

Por fim, as autoras argumentam que as factuais “se... (então) é porque” só podem ser epistêmicas, sempre quando indicam uma conclusão na apódose. Assim, em construções desse tipo, enuncia-se, além de uma condição suficiente, na prótase, uma causalidade (ligada a condicionalidade preenchida), na apódose. Os exemplos [3-12] e [3-14] tratam-se, portanto, de uma relação de condicionalidade entre duas proposições (epistêmica) e uma relação de causalidade entre dois estados de coisas (de conteúdo). Levantamos a seguinte questão com relação a essa análise: como uma mesma ocorrência pode apresentar relações a nível epistêmica ao mesmo tempo que expressa relações a nível de conteúdo?

Ocorrência 53: construção condicional factual.

(3-12) porém, *se* há persistência do nódulo... *é* porque aquele nódulo é patológico
 [EF SSA 49]
 (3-13) e *se* há Chacrinha *se* há público pra Chacrinha *é* porque não tá havendo preparação
 [D2 REC 05]

Fonte: Neves *et al.* (2008, s/p).

Ocorrência 54: construção condicional factual.

(3-14) isso *se* a mãe buZIna... mais brabamente *então é porque* está atrasado
[D2 SP 360]

Fonte: Neves *et al.* (2008, s/p).

Com relação às construções condicionais contrafactuais/irreais, Neves *et al.* (2008) afirmam que elas expressam uma falsidade segura, uma não-realidade: tanto na prótase quando na apódose apresentam os estados de coisas por elas denotados como não-existent.

Assim, como relação a esse tipo de construção também se pode falar em um esquema de causa-consequência uma vez que a relação consecutiva se dá com inversão da polaridade entre prótase e apódose, assim como nos exemplos [3-18] e [3-19].

Ocorrência 55: construção condicional contrafactual.

(3-18) e a a imagem que eu fazia era a a seguinte *se* o Japão fosse uma Birmânia, por exemplo que é um dos países atrasados, as economias industriais que ganharam a Segunda Guerra não teriam ajudado o Japão, quer dizer de outra maneira, se o Japão fosse a Birmânia né?
[EF RJ 379]

Fonte: Neves *et al.* (2008, s/p).

Esquema: construção condicional contrafactual.

- prótase positiva: *se o Japão fosse uma Birmânia* → pressuposto negativo: *o Japão não é uma Birmânia*
- apódose negativa: *as economias não teriam ajudado* → conteúdo asseverado positivo: *as economias ajudaram*

Fonte: Neves *et al.* (2008, s/p).

Ocorrência 56: construção condicional contrafactual.

(3-19) mastectomia... infelizmente... a glândulas mamárias é sede de tumores...
se benignos só seria bom... mas...infelizmente é sede de muitos tumores
malignos

[EF SSA 49]

Fonte: Neves *et al.* (2008, s/p).

Esquema: construção condicional contrafactual.

– prótase positiva: *se (os tumores fossem) benignos só* → pressuposto negativo:
eles não são só benignos

– apódose negativa: *seria bom* → conteúdo asseverado²¹ negativo: *não é bom*

Fonte: Neves *et al.* (2008, s/p).

Nessa perspectiva, a contrafactualidade é sinalizada pela morfologia verbal, uma vez que as construções contrafactuais/irreais apresentam o verbo no futuro do pretérito composto – um tempo verbal que, usado em outros contextos, remete ao passado. As autoras afirmam que, dizer que, em virtude de determinadas condições que não se realizam, X *teria/não teria feito* algo equivalente a dizer que X *não fez/fez algo*. Assim, por exemplo, mesmo que não se soubesse que as *economias vencedoras da Segunda Guerra Mundial* ajudaram, de fato, o Japão pós-guerra, a construção se garantiria como contrafactual.

Uma observação que fazemos sobre essa subseção escrita pelas autoras é que elas não apresentam casos de contrafactuais a nível de conteúdo, epistêmicas e de atos de fala.

Por fim, com relação as construções eventuais/potenciais, Neves *et al.* (2008) afirmam que elas são categorizadas assim quando sua prótase repousa a eventualidade, e o enunciado da apódose é tido como certo, desde que a condição enunciada na prótase seja satisfeita. Assim, a eventual realização da condição enunciada leva a admitir como certo o Estado de Coisas que está na predicação nuclear. As autoras ressaltam que nem sempre essa correlação é de causalidade, embora em algumas ocorrências havia correlação. As ocorrências em [3-20] e [3-21].

Ocorrência 57: construção condicional eventual/potencial.

(3-20) eu memorizei o meu processo, *se* vocês me trouxerem o livrinho aquele eu respondo todos eles e (es) tou no nível de conhecimento; bem, mas é preciso que eu aplique, que eu utilize os sinais de trânsito na hora certa, ou que eu tenha a habilidade de passar mais rápido pelo guardinha [EF POA 278]

(3-21) porque *se* um tiver mais do que o outro sai um monte de briga na realidade não acabam tomando tudo não comendo tudo que tem [D2 SP 360]

Fonte: Neves *et al.* (2008, s/p).

Na continuação, as autoras afirmam que em [3-20], o fato de *o livro ser trazido* não será causa de haver resposta, mas em [3-21] o fato de *um dos filhos ter mais comido do que o outro* é causa de briga.

2.3.2.1 Condicionalidade em libras

As orações condicionais em libras, divididas em factuais, hipotéticas e contrafactuais, são analisadas quanto à sua ordem, expressões não manuais e sinais manuais.

Rodrigues (2019) identificou em seus dados 52 ocorrências, sendo 10 ocorrências de justaposição, como na ocorrência em (58), e 42 ocorrências introduzidas por conjunção, como na ocorrência em (59), ambas extraídas do Corpus de Libras da UFSC.

(58)

(102) CRIANÇA CRESCER ACEITAR IX(eu) OBEDECER

Se a pessoa crescer e quiser colocar o implante coclear, eu respeito a escolha dela.



(59)

Corpus de Libras

(103) FS(si) INTÉRPRETE APOIAR CERTO

Se tem intérprete, tem um apoio.

Com relação ao Corpus de Libras da UFSC, Rodrigues (2022) mostra duas expressões manuais empregadas como conjunção condicional: a conjunção manual SE, que representa 35 das ocorrências coletadas, e a conjunção manual EXEMPLO, que representa 7 das ocorrências coletadas. Por outro lado, com relação ao Mini corpus do Grupo de Pesquisa em Língua de Sinais da UNESP de Araraquara, a autora identificou 11 ocorrências de condicionais introduzidas por SE e 10 ocorrências introduzidas por EXEMPLO.

Rodrigues (2019) também afirma que a anteposição da oração condicional em relação à oração principal é a ordem não marcada em seus dados, o que, segundo ela, é um fato categórico para todas as línguas de sinais do mundo. No entanto, Rodrigues apresenta um caso de oração condicional posposta, o que é relevante, já que, apesar de outros autores considerarem esse tipo de estrutura agramatical, ela identificou dados de posposição que funcionam como adendos restritivo, como na ocorrência a seguir em 60.

(60)

Corpus de Libras

(105) SINAL(FCEE) IGUAL ESCOLA NÃO ESTUDAR NÃO-É ESTUDAR NÃO É CENTRO Y(tratar) SE IX(eu) TER DÍFICIL

FCEE não é uma escola, é um centro que a pessoa pode ir se tiver dificuldade de aprendizagem.

Rodrigues (2019) também verifica em seus dados expressões não manuais associadas às condicionais, afirmando o levantamento de sobrancelha e a testa franzida são as expressões mais frequentes – expressões essas que podem evidenciar dúvida, negação e tópico. Numericamente, a autora apresenta que, em 84,5% dos dados há coocorrência de arqueamento de sobrancelha (maior incidência)

e, em 15%, de franzimento de testa. Em 82,5%, foi registrada a ocorrência de *mouthing se*. Com relação ao arqueamento da sobrancelha, a autora afirma que, assim como é salientado na literatura revisada, essa expressão não manual é própria da marcação de tópico.

As expressões não manuais que estão associadas às sentenças condicionais são (Apessam, 2017; Rodrigues, 2019; Aleixo, 2021):

- a. arqueamento de sobrancelha quando a condicional está anteposta;
- b. inclinação da cabeça durante a realização da sentença principal, podendo ser complementado com o movimento do corpo, da cabeça e da direção dos olhos.

Além disso, segundo Rodrigues (2019), as sentenças condicionais (antecedente) e principal (consequência) são separadas por uma breve pausa e por piscar de olhos.

Seguindo essa perspectiva, podemos citar os seguintes exemplos:

Figura 5: Movimento da sobrancelha na ocorrência de condicional no vídeo “O escorpião e a tartaruga”, de Rimar Segala (Trecho 10).

Is(interrogativa)
SI IX₁ <LEVAR-NAS-COSTAS> IX₂ V-A-I FERROAR₁
‘Se eu levar você nas minhas costas, você vai me ferrear’

Figura 16. Levantamento de sobrancelha no trecho 10.

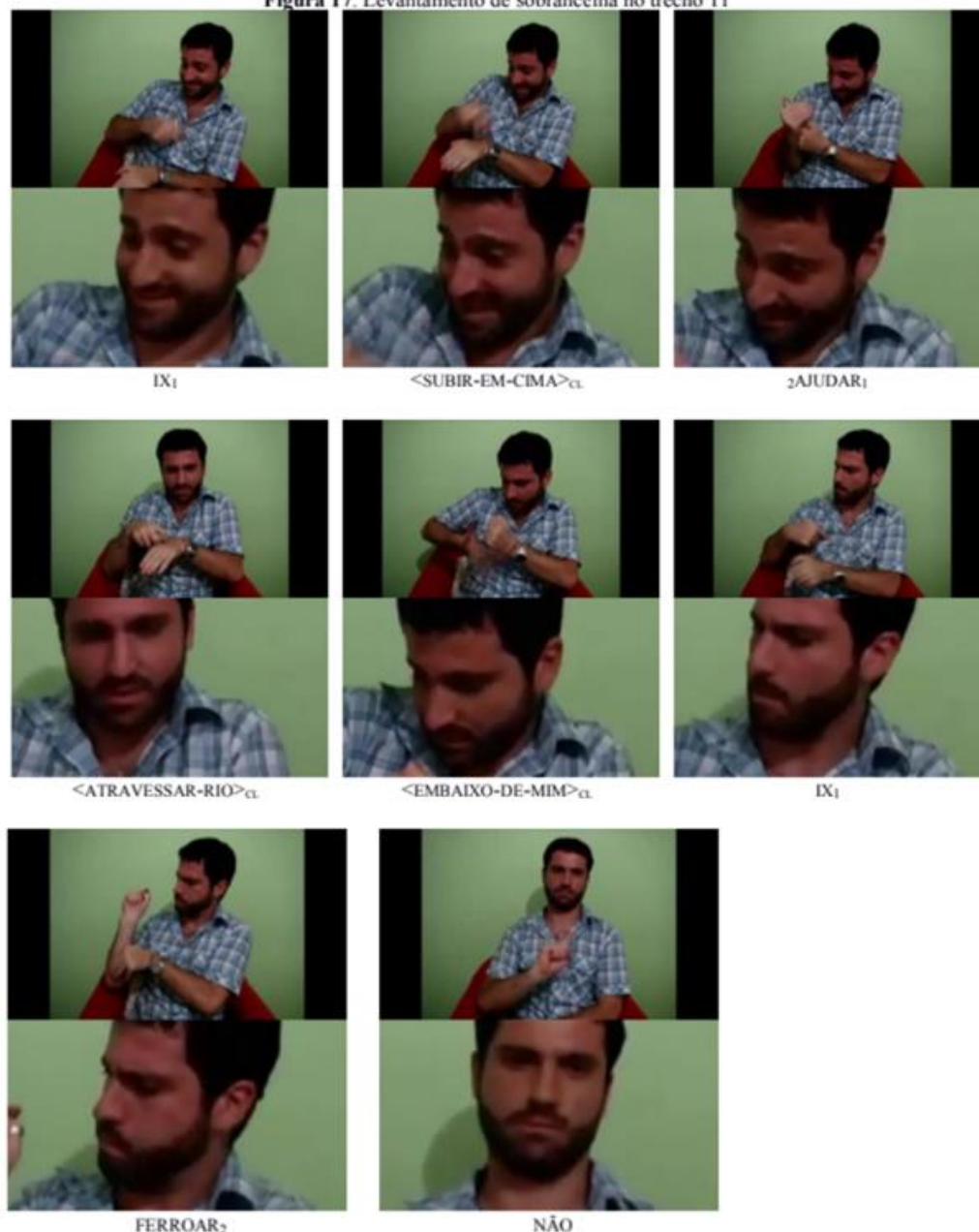


Fonte: Figueiredo e Lourenço (2019, p.95-96).

Figura 6: Movimento da sobrancelha na ocorrência de condicional no vídeo “O escorpião e a tartaruga”, de Rimar Segala (Trecho 11).

IX₁ <SUBIR-EM-CIMA>_{cl} 2AJUDAR₁ <ATRAVESSAR-RIO>_{cl} <EMBAIXO-DE-MIM>_{cl} IX₁ FERROAR₂ NÃO.
 ‘(Se) eu subir em cima de você e você me ajudar, atravessamos o rio e eu não vou te picar’.

Figura 17. Levantamento de sobrancelha no trecho 11



Fonte: Figueiredo e Lourenço (2019, p.96-97).

Como podemos observar, nesses exemplos, Figueiredo e Lourenço (2019), considerando o estudo do arqueamento de sobrancelhas em libras, apresentam duas

ocorrências que destacam os padrões sintáticos que favorecem essas construções: o movimento da sobrançelha na ocorrência de condicional.

Na subseção seguinte, abordaremos questões sobre condicionalidade em outras línguas de sinais.

2.3.2.2 Condicionalidade em outras línguas de sinais

No estudo da condicionalidade em outras línguas de sinais, destaca-se a pesquisa realizada por Ulkira Klomp (2019) sobre a língua de sinais holandesa (SLN). Em sua coleta de dados, a autora identificou 407 ocorrências de sentenças condicionais, sendo a anteposição, em relação a sentença principal, a ordem não-marcada. A ordem não marcada é detectada quando uma oração condicional está anteposta a oração principal. Dentre as ocorrências, 357 são introduzidas por um sinal manual, e 50 delas não há a presença de sinal manual. Com relação às condicionais introduzidas por um sinal manual, Klomp contabilizou 7 diferentes sinais com a função de marcador condicional manual: IF-1, IF-2, IF-3, IF-4 and IF-5, e SUPPOSE-1 e SUPPOSE-2 (essas seriam as expressões equivalentes à tradução em inglês para o SLN). Quando o sinal manual está presente, ele sempre aparece em posição inicial da sentença condicional.

A primeira ocorrência apresentada por Klomp (2019), trata-se de uma sentença condicional sem um marcador manual. Como segue a seguir:

(61)

(17) C0539, S26, 04:12.475

_____ htf

_____ br

MUCH SAME USE IX₃ / MUST₃INCORPORATE₁

'[If] it is used much, it must be incorporated.'

Na sequência, a autora apresenta, respectivamente, duas ocorrências: uma introduzida por IF-1 e outra introduzida por SUPPOSE-1.

(62)

(18) C0388, S20, 03:01.840

_____ hmf hn

_____ bf

_____ es

IF-1 GOOD ARGUMENTATION / PALM.UP

'If there's good argumentation, indeed.'

(63)

(19) C0058, signer 5, 01:08.760

_____ hn

_____ br

SUPPOSE-1 CHILD UNDERSTAND / PALM.UP OTHER.WAY

'If the child understands it, it can go the other way.'

Outros exemplos interessantes apresentados pela autora, são os casos marcação condicional dupla, onde os sinais IF-1 e SUPPOSE-1 são usados um em sequência do outro, como é mostrado logo a seguir. Segundo a autora, uma possível explicação para a ocorrência dessa dupla marcação seria para expressar ênfase.

(64)

(20) C0532, signer 26, 01:09.073

_____ br _____ bf

IF-1 SUPPOSE-1 DEAF / DOES.NOT.MATTER

'If, suppose that, [the child] is deaf, it doesn't matter'.

Ao apresentar essas ocorrências, a autora faz uma observação de que, alternativamente, informantes surdos usam, às vezes, SUPPOSE-1 em contextos quando ele significa 'por exemplo'. A autora afirma que é possível que SUPPOSE está estendendo seu significado e que o sinalizador surdo (número 26) use a combinação: 'se, por exemplo ...'. Klomp também afirma que isso pode ser um caso de que esse sinal esteja perdendo parte de seu significado condicional e o informante surdo, desse modo, queira enfatizar que ele o usa com um sentido condicional.

Essa análise apresentada por Klomp (2019) é relevante, pois por meio dela é possível se apontar que a "perda de significado" do sinal SUPPOSE pode se tratar de

um caso de gramaticalização. Afirmamos isso, considerando dados encontrados por Rodrigues (2020), como o uso do sinal POR-EXEMPLO para introduzir sentenças condicionais. É interessante observar que tanto na língua de sinais brasileira quanto na língua de sinais holandesa faz-se uso de um sinal, com o significado de ‘por exemplo’, para introduzir sentenças condicionais.

Na seção ‘Polifuncionalidade nas línguas orais’, iremos apresentar mais alguns exemplos de sentenças condicionais apresentadas por Klomp (2019), no entanto, tratam-se de sentença que se enquadram no mesmo tema desta tese: são casos de polifuncionalidade de sentenças condicionais com valor temporal.

2.3.3 Concessividade

Nesta seção, vamos descrever a rede de afinidades semânticas de concessão (Kortmann, 1996), que pode ser representada pela seguinte fórmula “embora p , q ”. Esse valor adverbial se caracteriza pelo fato de que “ p ” e “ q ” são afirmados contra o pano de fundo de uma suposição de incompatibilidade geral dentro da sentença. Pode-se ter como implicação padrão: “normalmente se p , então não- q ”. Em outras palavras, tem-se com pano de fundo que “ p ” é supostamente incompatível com “ q ”, na perspectiva do Agente. Assim, a suposição contrária é determinada por: “se p ocorre, então q não ocorre”.

A suposta incompatibilidade de P e Q não impede que esses eventos se realizem simultaneamente. Assim, se diz concessão porque o evento temporal concede que o evento principal ocorra. Em outras palavras, assim como se vê no exemplo 65, o evento de um agente semântico ler um livro por semana se realiza sob a circunstância incompatível de o agente ter 5 anos.

Kortmann (1996), nos traz os seguintes exemplos:

(65) Even though she is only five years old, she reads one book a week.

(66) His English accent is perfect although he has never been to the United Kingdom.

Não foram encontradas, até o momento, descrições sobre o uso de sentenças concessivas em libras. No entanto, na seção de Análise de Dados, apresentaremos dados inéditos sobre essa informação dentro do campo da Linguística.

2.4 Polifuncionalidade e polissemia na língua inglesa

O fenômeno tratado em esta Tese é abordado por Kortmann (1996), em seu estudo o autor faz um levantamento detalhado dos subordinadores adverbiais que compõem a língua inglesa, quantificando e classificando-os de acordo com o valor adverbial que apresentam. Para tanto, Kortmann (1996) propõe três denominações iniciais que são utilizadas para representar o valor semântico desempenhado pelo subordinado, de acordo com o contexto linguístico. São elas: leitura exclusiva, leitura primária e leitura secundária. A figura 7 sistematiza essas informações.

Por leitura polifuncional, entende-se a expressão linguística que apresenta mais de um valor semântico, isto é, um mesmo subordinador adverbial apresenta, em contextos diferentes, uma leitura primária e uma leitura secundária. A leitura primária expressa a noção de tempo, relação semântica adverbial base, enquanto que a leitura secundária expressa as noções adverbiais de CCC (causa, condição e concessão). Quando uma expressão linguística não apresenta uma leitura polifuncional, ele apresentará, portanto, uma leitura exclusiva de tempo, isto é, somente um único valor semântico é expresso, no caso, o valor semântico adverbial de tempo.

Figura 7: Relação entre leitura exclusiva, primária e secundária.

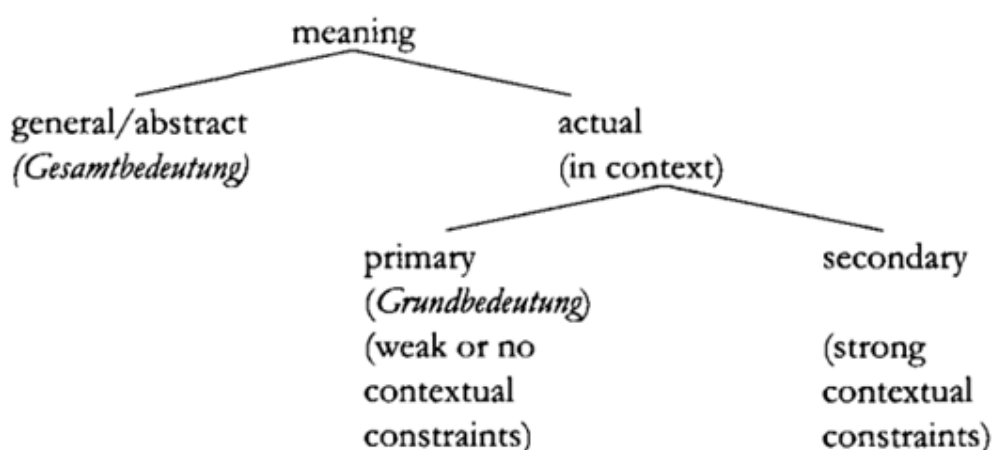


Figure 2.1. The relationship between general, primary and secondary meanings

Fonte: Kortmann (1996).

Nessa perspectiva, Kortmann (1996) apresenta e discute uma série de sentenças adverbiais alinhado a investigação de Liliane Haegeman (1985). Assim, o autor apresenta para seus leitores análises e descrições sobre os valores e o uso de subordinadores adverbiais e cláusulas adverbiais como objeto de estudo. Assim, Kortmann elenca 4 aspectos:

(i) a alegação de que diferentes leituras circunstanciais de um subordinador adverbial podem ter repercussões ou se correlacionar com o comportamento sintático de toda a cláusula adverbial;

(ii) a alegação de que o mesmo vale para usos de subordinadores adverbiais em diferentes níveis de discurso;

(iii) a alegação de que, com base nas duas alegações anteriores, há evidências de um continuum de subordinação — coordenação;

(iv) o fato de que as observações nas quais as três primeiras alegações se baseiam não representam idiosincrasias de subordinadores adverbiais individuais em inglês, mas podem ser feitas em outras línguas também (por exemplo, holandês, alemão, francês, sueco, japonês).

Kortmann afirma que o argumento de Haegeman diz respeito a existência de dois tipos de sentenças adverbiais, diferenciados em termos de ‘interno vs. externo’ ou ‘central vs. geral’ no nível sintático e como ‘adverbiais de conteúdo vs. epistêmicos’ no nível do discurso. Assim, nos exemplos a seguir, as sentenças em (a) mostram sentenças adverbiais do tipo interno (isto é, sintaticamente mais integradas). Por outro lado, as sentenças em (b) mostram sentenças adverbiais menos integradas (Haegeman, 1985, p. 3-4).

Desse modo, Kortmann apresenta ocorrências com uma leitura adverbial exclusiva de determinador subordinado e, em seguida, uma segunda ocorrência com o uso do mesmo subordinador, mas com outra leitura adverbial (leitura secundária), bem como apresenta ocorrências com uma única leitura secundária.

(67) a. He got ill while he was on holiday in Italy. (Time)

b. While John studied English literature in Oxford, his brother will study linguistics at UCL. (Contrast)

- (68) a. I haven't seen him since he got back from Italy. (Time)
 b. Since no one wants to help me, I'll have to do it all myself. (Reason)
- (69) a. He studies linguistics because he's always been interested in languages.
 (Reason)
 b. He studies linguistics, because I saw him read Chomsky's book the other day.
 (Motivation of statement)
- (70) a. You'll get there if you leave now. (Condition)
 b. If you saw him yesterday, why are you phoning now? (Motivation of question)

Com base na análise dessas ocorrências, Kortmann (1996) afirma que existem muitas evidências da integração sintática mais rígidas das sentenças adverbiais nas sentenças em (a) – o autor indica que o mesmo ocorre com a pesquisa de Handke (1984, p. 70-71). O autor continua sua análise afirmando que apenas as sentenças (a) ‘permitem clivagem da oração subordinada e, marginalmente, lacunas parassintéticas, além de permitirem a substituição de todo o complexo que consiste a matriz-VP e a sentença subordinada’. Mais adiante, ele afirma que (tradução livre):

(i) ‘somente as sentenças (a) estão sujeitas a mais restrições de aspecto de tempo-modo-aspecto (por exemplo, *consecutio temporum*) e restrições mais fortes de anáfora (por exemplo, elas permitem NPs completos com menos facilidade)’;

(ii) ‘além disso, apenas as sentenças (a) estão no escopo dos operadores (como marcadores interrogativos ou negativos) na cláusula matriz e podem ser questionadas por perguntas qu-’.

Diferente das sentenças em (a), as sentenças em (b) permitem (tradução livre):

(i) ‘permitem entonação por vírgula, isto é, dois grupos de tons, ou o fenômeno da cláusula principal (como tags de perguntas)’.

Kortmann conclui que a generalização que se pode fazer é que as sentenças (a) são mais profundamente encaixadas do que as sentenças (b). Assim, na perspectiva de Haegeman (1985), a autora afirma que apenas as primeiras são encaixadas S’, enquanto as últimas são denominadas por um nó ainda mais alto, E (equivalente a S’). Nas palavras da autora: ‘que é o nó Expressão ou Enunciado e estabelece o vínculo entre Sentença e Texto’ (Haegeman, 1985, p.31). Em última

análise feita da autora, esse nó pretende capturar que as orações adverbiais, para as quais ele foi postulado, caem em uma área de transição entre orações subordinadas e coordenadas, bem como entre sentença e discurso (Haegeman, 1985, p. 31).

Citando Rutherford (1970), Fasold (1992) e Haegman (1985), Kortmann afirma que os fatos sintáticos e as conclusões tiradas por esses autores, a respeito dessas ocorrências, são em grande parte incontroversos e foram descritos considerando vários aspectos. Kortmann afirma que o mais interessante sobre os pares contrastivos de Haegman é a sua semântica e pragmática, especialmente das sentenças (b). Haegman (1985 apud Kortmann, 1996) descreve a diferença semântica entre as sentenças (a) e (b) em termos de “conteúdo ” versus adverbiais “epistêmicos” no sentido de que:

as orações subordinadas em (a) referem-se às circunstâncias da ocorrência do evento. Já em (b), elas qualificam o status da proposição principal, fornecendo, por exemplo, proposições auxiliares contrastantes ou de apoio (Kortmann, 1996, p. 150).

Kortmann reforça a análise de Haegeman (1985) ao afirmar que é interessante notar que ela inclui dois fenômenos muito diferentes sob o título de adverbiais epistêmicos. As sentenças em (68b) e (69b) representam diferentes relações interclausais expressas pelo mesmo subordinador adverbial (Tempo vs. Contraste, para o uso de *while*; Tempo vs. Razão para o uso de *since*). As sentenças em (4b) e (5b), no entanto, representam o uso do mesmo subordinador adverbial sinalizante a mesma relação interclausal que em (70a), só que as sentenças adverbiais em (b) são usadas em um nível diferente de discurso – não dito pelo autor, que supomos ser o nível epistêmico. Já as sentenças em (70b) são, segundo Kortmann, conhecidas na literatura como sentenças adverbiais que qualificam ou motivam o ato de fala da cláusula matriz e, portanto, foram chamadas de *speech act qualifiers* (qualificadores).

A primeira questão apontada por Kortmann sobre a adverbiais de conteúdo e epistêmicos, seguindo a distinção geral de Haegeman (1985), refere-se aos pares de sentenças como (68) e (69), os quais fornecem evidência de que diferentes leituras de subordinação adverbial polissêmicas podem ter efeitos drásticos na sintaxe das sentenças que introduzem e que, portanto, restrições sintáticas podem servir para identificar diferentes significados do mesmo item lexical. A segunda questão levantada pelo autor, é que as relações interclausais operam inerentemente no nível do conteúdo ou no nível epistêmico, ou ao menos que as relações interclausais diferem

quanto ao seu potencial para serem usadas em um desses dois planos do discurso. Para Kortmann (1996), essa afirmação é forte, pois lugar, modo e algumas relações temporais seriam candidatos a 'relações de conteúdo', enquanto, por exemplo, causa/razão, condição, concessão ou contraste (todas as relações 'lógicas') seriam qualificadas como 'relações epistêmicas'.

Para esse último ponto, Kortmann apresenta algumas evidências linguística, tanto sincrônica quanto diacronicamente. Com relação a evidência sincrônica, o autor mostra que, dos 470 subordinadores adverbiais para os quais os informantes estavam certo de que poderiam receber um uso metalinguístico, quase 60% dos dados sinalizam uma relação causal, condicional, concessiva ou interclausal relacionada com valores máximos, exatamente para essas três relações (Causa: 13,8%, Condição: 12,3%, e Concessão 10,6%. Em contraste com esses dados, apenas 18% dos subordinadores relevantes serviram como marcadores de uma relação temporal, com as três relações interclausais listadas com mais frequência nesses aspectos – *when*, *while* e *after* (todas exibindo proporções abaixo de 4%).

Com relação a evidência diacrônica, Kortmann (1996) faz menção às hipóteses recentes sobre gramaticalização, citando as mudanças semânticas observáveis em verbos modais (Bybee; Pagluica, 1985 *apud* Kortmann, 1996), além de citar os conectivos adverbiais (por exemplo, *since* de Anterioridade para Razão, *while* de Simultaneidade para Contraste). O autor afirma que essa tendência semântico-pragmática geral pode ser explicada da seguinte forma (Traugott, 1989: 34—35; cf. also Traugott-König 1991: 208-209):

Significados baseados na situação externa descrita > significados baseados na situação interna (avaliativa/perceptiva/cognitiva). Os significados tendem a se tornar cada vez mais situados na crença subjetiva do falante estado/atitude em relação à situação.

A terceira questão, apresentado por Kortmann (1996), acrescenta o fato de que os subordinadores adverbiais temporais também podem ser usados como em 70, tanto em sua leitura temporal (de conteúdo) quanto em sua leitura contrastiva ou concessiva (epistêmica). Isso é ilustrado nos pares das sentenças 71 e 72 o subordinador *while* em seu valor temporal e concessivo, respectivamente:

- (71) a. *While* I lived in England the situation in Germany changed rather dramatically.
b. *While* you're at it, don't forget to check the oil.

- (72) a. *While* Paris is large, it is not impersonal. (Sweetser, 1990, p.155).
 b. *While* I sympathize with your troubles, bring me a paper on Monday or else!
 (Sweetser, 1990, p.155).

Por fim, todos esses pontos implicam a uma quarta questão, mais geral, mas que se relaciona com a possibilidade de se fazer uma subdivisão pragmática do nível epistêmico do discurso de Haegeman, sendo parte de uma distinção de três termos no domínio das cláusulas adverbiais. Essa distinção é ilustrada por Kortmann com o seguinte quadro:

Quadro 4: Distinção do domínio das cláusulas adverbiais.

Haegeman (1985)	Schiffrin (1987)	Sweetser (1990)	Hengeveld (1993; Lyons 1977)
content	fact-based	content	2nd order adverbials (state of affairs)
	knowledge-based	epistemic	3rd order adverbials (proposit. content)
epistemic	action-based	speech-act	4th order adverbials (speech-act)

Fonte: Kortmann (1996, p.31).

Para concluir, Kortmann (1996) menciona que existem casos nos quais, na mesma sentença, um subordinador adverbial é usado em mais de um desses níveis do discurso, ou inclusive em todos os três, ao mesmo tempo, e que mesmo assim não estruturalmente ambíguos – no entanto, o autor não cita exemplos. Para isso, o autor sugere a leitura da discussão elaborada por Fasold (1993, p. 173-174).

Heine *et al.* (1991, pg. 70), as autoras apontam dois problemas principais com relações às abordagens metafóricas. Um deles se refere ‘a coexistência de significado menos e mais gramaticalizado, ambos expressos pela mesma forma linguística’ (tradução livre). Elas afirmam que com relação a esse primeiro problema ele pode ser ignorado, uma vez que ‘é uma propriedade inerente da metáfora o fato de que ela pode introduzir ambiguidade entre o significado literal e o transferido’. O segundo

problema refere-se à transição de um significado menos para um mais gramaticalizado é gradual, enquanto a metáfora sugere uma transferência discreta de um domínio conceitual para outro'. Esse segundo problema, diferente do primeiro, se dá pela dificuldade de conciliá-lo com as noções comuns de metáfora.

Assim, Heine *et al.* (1991, pg. 70) afirmam que, apesar de muitos estudiosos considerarem a metonímia e a metáfora como fenômeno excludentes, a partir de sua abordagem, esses fenômenos se complementam. Desse modo, 'o desenvolvimento de um item lexical para um marcador gramatical pode não ser possível, a menos que haja um estágio intermediário em que domínios conceituais distintos sejam unidos por meio de um entendimento metonímico', bem como por meio de um entendimento metafórico, assim como elas irão demonstrar por meio de seus dados.

Heine *et al.* (1991) afirmam que a análise proposta em seu texto tem como base Traugott e König (no prelo), no qual essas autoras afirmam que a metonímia, nesses casos citados nos parágrafos anteriores, serve para 'aumentar a informatividade' (cf. Traugott, 1987). Segundo elas, 'a mudança semântica desse tipo contrasta com a que envolve a metáfora, pois está 'associada à solução do problema de ser informativa e relevante na comunicação', enquanto que a metáfora 'está relacionada à solução do problema da representação' (cf. Traugott; König, no prelo). Para tanto, as autoras dão como exemplo as ocorrências abaixo sobre *going to* em inglês.

(73) [16] Henry is going to town.

(74) [17] Are you going to the library?

(75) [18] No, I am going to eat.

(76) [19] I am going to do my very best to make you happy.

(77) [20] The rain is going to come.

Heine *et al.* (1991) afirmam que a forma *going to* tem seu significado literal, expressando um movimento espacial, como em (16), mas, por outro lado, tem o seu significado transferido, o de denotar dêixis temporal (futuro), como em 77. O que não foi mencionado pelas autoras é que nesse contexto não há descontinuidade entre o significado literal e o metafórico. Assim, nessa direção, há um grande número de sentenças intermediárias que podem ser colocados entre 73 e 77, o que pode sugerir que entre a ação verbal de *going to* em 73 e 74 e o marcador de tempo verbal em 77 há um continuum, ou cadeia, de matizes conceituais minimamente diferentes – e são

exatamente esses matizes que queremos explorar em nossos dados (cf. Análise de Dados).

Heine *et al.* (1991) afirmam que as sentenças em 75 e 76 nos fornecem apenas dois exemplos de tais intermediários. Em 75, que é uma resposta a 74, o sentido primário de *going to* parece ser INTENTION (intenção), com um sentido secundário de PREDICTION (predição), mas ainda há alguns resquícios do sentido verbal espacial que é característico de 73 ou 74. Já o significado em 76 parece ser semelhante ao de 75, mas não há mais um sentido espacial. Em 77, não há mais INTENTION, sendo que o único sentido de *going to* é PREDICTION.

Para reforçar essa análise, Heine (1991) faz uma citação direta de Brinton (1988, p.197-198), com a qual queremos destacar as seguintes partes (tradução livre):

- (i) 'Essa mudança de ponto de vista em relação a um detalhe de uma situação total' pode ser melhor entendida como um tipo de 'metonímia'.
- (ii) Seguindo esse caminho, 'uma vez que essa mudança de significado da direcionalidade espacial para a ligação situacional tenha ocorrido, os prefixos e as partículas podem ocorrer livremente em combinações nas quais os significados espaciais são impossíveis'.

Heine *et al.* (1991) afirmam que o surgimento da metonímia nesses contextos 'é uma manipulação pragmática do discurso por meio do qual conceitos são submetidos a fatores contextuais na interpretação do enunciado (Sperber; Wilson, 1986, p.1). Para tanto, Heine (1991) decidiu referir-se a esse processo como 'reinterpretação induzida pelo contexto', que envolve os seguintes estágios idealizados (tradução livre):

Estágio I: Além de seu sentido focal ou central A, uma determinada forma linguística F adquire um sentido adicional B quando ocorre em um contexto específico C. Isso pode resultar em ambiguidade semântica, pois qualquer um dos sentidos A ou B pode estar implícito no contexto C. Qual dos dois sentidos está implícito geralmente depende, mas não necessariamente, da situação de que o falante queira dizer A e o ouvinte comunicação relevante. É igualmente possível que o falante queira dizer A e o ouvinte o intérprete como se estivesse insinuando B ou que o ouvinte entenda B enquanto o falante pretende transmitir A.

Estágio II: A existência do sentido B agora possibilita que a forma relevante seja usada em novos contextos que são compatíveis com B, mas excluem o sentido A.

Estágio III: B é convencionalizado; pode-se dizer que ele forma um foco secundário caracterizado por propriedades que contêm elementos não presentes em A (cf. Dahl 1985:11) - com o efeito de que F agora tem dois "polissemias", A e B, que podem se desenvolver eventualmente em "homófonas".

Na sequência, Heine (1991) apresenta várias perspectivas e abordagens diferentes para considerar a reinterpretação induzida pelo contexto. Dentre elas estão:

- (a) Inferências convidadas (cf. Grice, 1975);
- (b) Perspectivização (cf. Taylor, 1989, p.90);
- (c) Esquematisação (cf. Rubba, 1990);
- (d) Extensão do Protótipo (cf. Givón, 1989).

No entanto, as autoras afirmam que a importância relativa dessas abordagens sobre o estágio inicial da gramaticalização ainda não está muito clara, porém elas sugerem que a reinterpretação induzida pelo contexto é motivada tanto pragmática quanto cognitivamente.

As autoras afirmam que:

a gramaticalização em si tem dois componentes divergentes, sendo que um deles é metafórico, o qual envolve uma transferência de um domínio conceitual, que inclui um sentido A, para outro domínio que inclui B, em que o primeiro domínio é mais abstrato do que o segundo. O segundo componente é metonímico por natureza. A transição do estágio I, passando pelo estágio II, para o estágio III é contínua; ela reflete um processo pelo qual um determinado contexto convida a uma interpretação conceitual específica, que é concreta ou abstrata no estágio II e abstrata no estágio III. Portanto, não há uma etapa discreta separando A e B: ambos estão conceitualmente ligados (Heine *et al.*, 1991, p.72)

Heine *et al.* (1991) conclui, assim, que a metonímia e a metáfora são aspectos complementares da gramaticalização.

Embora, como mostrado nas ocorrências de [16] a [20], a mudança de foco dos significados espaciais para os não espaciais pareça ser devida a algum tipo de força metonímica, o resultado final pode ser

descrito em termos de uma transferência metafórica do domínio principal do espaço para o domínio mais 'abstrato' dos aspectos verbais e das ações. Essa transferência começa com implicaturas conversacionais que levam a estrutura metonímica. O que é importante observar é que essas implicaturas são unidirecionais: os conceitos espaciais licenciam implicaturas temporais, mas não vice-versa. Ou seja, a direção da metonímia no processo de gramaticalização é fixa; ela leva de domínios mais concretos a domínios mais abstratos (Heine *et al.*, 1991, p.73)

As autoras ressaltam, com essas considerações, que há mais metáforas que têm uma base metonímica do que se está inclinado a acreditar (cf. Goossens, 1989). Nessa direção, a metáfora e a metonímia formam componentes diferentes de um só e é o mesmo processo que leva de conceitos gramaticais concretos a conceitos gramaticais mais abstratos. Esse processo é composto, por um lado, por uma escala de entidades contíguas que estão numa relação metonímica uma com as outras. Por outro lado, ele contém um número menor de categorias salientes e descontínuas, como ESPAÇO, TEMPO ou QUALIDADE. A relação entre essas categorias é, portanto, metafórica, mas também pode ser descrita, assim como a autora afirma, como o resultado de várias extensões metonímicas, pois a metáfora está fundamentada na metonímia (cf. Skinner, 1957; Eco, 1979), como sugerem o exemplo apresentado por Taylor:

Considere a metáfora conceitual MORE IS UP. Quando você adiciona objetos a uma pilha, ela fica mais alta. Essa experiência estabelece uma associação natural entre quantidade e extensão vertical. A rigor, a associação é metonímica; quando se adicionam objetos a uma pilha, a altura é literalmente correlacionada à quantidade. Somente quando o esquema de cima para baixo é liberado da imagem de empilhar e aplicado a instâncias mais abstratas de adição (como quando se fala de *preços altos*) é que a metáfora assume o controle. (Heine *et al.*, 1991, p. 74)

Na continuidade de seu trabalho, Heine *et al.* (1991) afirmam que, apesar de os componentes metonímicos e metafóricos terem uma natureza diferente, eles apresentam a mesma estrutura em comum a seguir.

$$(24) A \rightarrow A, B \rightarrow B$$

As autoras afirmam que isso sugere que, na transição de uma entidade conceitual A para B, há um estágio intermediário (A, B), no qual as entidades anteriores e

posteriores coexistem lado a lado, sendo que a presença desse estágio intermediário é responsável por alguns tipos de ambiguidade. Desse modo, segundo Heine, a metáfora e metonímia são parte integrante de um mesmo processo, a gramaticalização, embora, no caso de uma função gramatical específica, uma delas possa ser mais proeminente do que a outra.

Assim, com base em exemplos fornecidos por Traugott e König (1991, pg. 57-59), o desenvolvimento de partículas concessivas, causais e escalares sugerem, segundo as autoras, inferências conversacionais que levam à metonímia e podem fornecer o principal parâmetro para a mudança conceitual: a mudança de uma interpretação temporal para um casual. No entanto, mesmo no caso desses exemplos, parece que a metáfora também está envolvida. Para tanto, Traugott e König, citadas por Heine *et al.* (1991), demonstram frases que exemplificam a transição do complementizador *since* de um marcador temporal (57), por meio de um marcador temporal com implicatura causal (58), para um marcador puramente causal (59). Isso nos revela uma mudança metafórica de um domínio mais concreto, tempo, que passa por um estágio intermediário no qual coexistem os valores de tempo e causal, para um domínio com um grau maior de abstração, causa – sincronicamente.

(78) I have done quite a bit of writing **since** we last met. (Tempo)

(79) **Since** Susan left him, John has been very miserable. (Tempo, Implicatura Causal)

(80) **Since** you are not coming with me, I will have to go alone. (Causa)

Fazendo uso dos exemplos fornecidos por Traugott e König (1991), Heine *et al.* afirmam que, subjacente a essa inferência causal de uma expressão temporal, há, portanto, uma metáfora TEMPO-para-CAUSA no qual uma sequência de eventos no tempo é usada metaforicamente para se referir a uma sequência de eventos em uma relação causal. Em outras palavras, as autoras afirmam que, quando a implicação ‘o que eu faço antes é a causa do que eu faço depois’ se torna convencional, o resultado é uma mudança de uma categoria metafórica de TEMPO para um mais ‘abstrata’, como a de CAUSA. Desse modo, as expressões temporais licenciam implicaturas causais, enquanto o contrário é impossível. Essa análise como um todo pode reforçar

a interpretação de que a anterioridade temporal pode favorecer leituras causais (assim como afirmamos em consonância com a literatura, na seção de Introdução).

As autoras ressaltam que não têm o intuito de justificar uma suposição do tipo ‘como X acontece antes de Y, X deve ser a causa de Y’, que pode dar origem a uma metáfora que faz parte de um parâmetro mais geral de conceitualização. Além disso, as autoras afirmam que iram tratar da questão de saber se o componente metafórico ou o metonímico é mais importante no processo de gramaticalização. Assim, pode ser que o primeiro seja responsável por determinar a direção da mudança conceitual, mas elas afirmam que essa questão precisa de maior aprofundamento. Como base nisso, levantamos a hipótese sobre qual processo de gramaticalização, como a metáfora, pode estar atuando em nossos dados?

Segundo Elizabeth Closs Tragott e Ekkehard König (1991), as autoras definem gramaticalização como:

o processo histórico dinâmico e unidirecional pelo qual os itens lexicais, no decorrer do tempo, adquirem um novo status como formas morfossintáticas gramaticais e, no processo, passam a codificar relações que não eram codificados antes ou eram codificadas de forma diferente (Givón, 1979, no prelo *apud* Traugott; König, 1991, p. 189).

As autoras afirmam que a gramaticalização desafia o conceito de categorialidade, tomando como central o conceito de um continuum relacionado a ligação de unidades independentes que ocorrem em construções sintaticamente livre que se localizam em uma extremidade do continuum, para unidades menos dependentes, como clíticos, conectivos, partículas ou auxiliares, para construções aglutinadas fundidas, inflexões e, finalmente, para zero (cf. Bybee, 1985, p.11-12; Lehman, 1985, p. 304 *apud* Traugott; König, 1991, p. 189). As autoras não apresentam exemplos de construções aglutinadas fundidas, inflexões e zero, mas concordamos com o continuum gramatical.

Na sequência, Traugott e König (1991) afirmam que existe um interesse nos processos semântico-pragmáticos nos estágios iniciais da gramaticalização, especificamente o desenvolvimento de itens lexicais em clíticos, partículas, auxiliares, conectivos, entre outros. Assim, em uma publicação um pouco mais antiga, Tragott (1982), sugere que o principal caminho de mudança nesse estágio inicial da gramaticalização é:

Proposicional (> Textual) > Expressivo

A autora revisou, mais recentemente, essa formulação e especificou a mudança como sendo de:

Significados baseados em situações extralinguísticas mais ou menos objetivamente identificáveis para significados baseados na criação de textos (por exemplo, conectivos, marcadores, anafóricos, entre outros) para significados baseados na atitude do falante ou na crença sobre o que é dito (Traugott, 1989, 1990 *apud* Traugott; König, 1991).

Essa citação está em consonância com a mudança de significado de subordinadores adverbiais que expressam relações de conteúdo para relações epistêmicas (Kortmann, 1996), referência citada e textualiza no início desta subseção. Portanto, a atitude do falante ou a crença sobre o que é dito dizem respeito necessariamente ao conhecimento que o falante tem sobre a relação das informações expressas nas orações subordinada e principal, isto é, a crença, o conhecimento do falante de que determinada informação expressa na oração subordinada é responsável e está intimamente ligado a informação expressa na oração principal trata-se, portanto, de uma inferência baseada na atitude, crença subjetiva do falante por relacionar essas duas informações, relacionados a nível epistêmico – informações codificadas sintaticamente justapostas em sequência, sendo aquela subordinada a oração principal.

Com base nos artigos citados pelas autoras (1989, 1990), elas fazem referência ao princípio de inferência, com objetivo de mostrar que diferentes tipos de inferência estão em ação, dependendo do tipo específico de função gramatical que está envolvido. Nessa perspectiva, as autoras argumentam que o desenvolvimento de marcadores de tempo verbal, aspecto, caso e assim por diante envolve principalmente inferências metafóricas, sendo um fato amplamente aceito na literatura (cf. Bybee; Pagliuca, 1985; Sweetser, 1988; Heine et al., esses volumes). Por outro lado, as autoras afirmam que o fortalecimento da informatividade, à medida que uma implicatura conversacional se torna convencionalizada, é responsável pelo tipo de inferenciação que é dominante no desenvolvimento de conectivos, especialmente causais como *since*, concessivos como *while* e marcadores de preferência como *rather (than)*. Além disso, a metáfora e o reforço da informatividade não são inconsistentes entre si, mas podem ser considerados tipos complementares de

processos pragmáticos, desde que a metáfora seja analisada como envolvendo um tipo de inferência (cf. Levinson, 1983; Sperber; Wilson, 1986).

Nessa perspectiva, Traugott e König (1991) concentram seus estudos no fortalecimento da expressão do envolvimento do falante, que é acrescentado no processo de gramaticalização. As autoras citam como exemplo, o desenvolvimento da frase *while* 'no momento em que' no conectivo temporal *while*. Nesse exemplo dado por elas, o significado textual é reforçado e são acrescentadas funções pragmáticas relativa à construção de textos metalinguísticos. Posterior a essa etapa, o temporal *while* se desenvolveu no concessivo *while* no sentido de 'embora', que 'constrói um mundo que não tem referência na situação descrita, mas apenas no mundo de crenças do falante sobre coerência, especialmente entre situações ou vínculos eventuais' (tradução livre). Nesse estágio de gramaticalização, a pragmática do estado de crença do locutor é reforçada.

Assim, o processo fundamental visto nesse exemplo é um princípio de informatividade ou relevância, essencialmente o princípio: seja o mais informativo possível, dadas as necessidades da situação (cf. Atlas e Levinson, 1981). Essa visão contextualizada da informatividade reconhece que há uma troca entre as tendências dos falantes de não dizerem mais do que devem, isto é, o princípio da economia, dadas as suposições sobre a disposição e a capacidade dos ouvintes de serem cooperativos, e as tendências dos ouvintes de selecionar a mais informativa entre as possíveis interpretações concorrentes. Com base em Lehman, as autoras citam o autor o qual diz que 'todo falante quer dar a expressão mais completa possível ao dizer que quer dizer' (tradução livre) (Lehmann, 1985, p. 315), mas o autor impõe limites a isso. Desse modo, as autoras afirmam que se o princípio de Lehmann não tivesse limites, presumivelmente cada significado seria expresso por uma forma diferente. Na verdade, uma forma pode significar várias coisas, assim como *while*, *since* e *rather (than)*.

As autoras adotam o princípio da informatividade ou relevância que exige que a contribuição seja tão informativa quanto necessário. Para tanto, as autoras citam Levinson (1983, p.146-147):

Os processos cognitivos humanos (...) são orientados para obter o maior efeito cognitivo possível para a menor quantidade de efeito de processamento. ... comunicar é implicar que a informação comunicada é relevante. ... o princípio da relevância é suficiente, por si só, para explicar a interação do significado linguístico e dos fatores contextuais na interpretação do enunciado. (Sperber e Wilson, 1986, p. 1)

Na continuação, as autoras afirmam que, numa perspectiva histórica, o princípio da informatividade e relevância leva os falantes a ser cada vez mais específicos por meio da codificação gramatical e, principalmente, a convidar os ouvintes a selecionar a interpretação mais informativa. Levantamos, nessa perspectiva, o questionamento de qual a interpretação, se temporal ou condicional ou causal, é, portanto, a mais informativa, e quais fatores contextuais na interpretação do enunciado são relevantes para determinar a interpretação.

Na seção '2. Alguns aspectos teóricos e metodológicos: Pressupostos' (em elaboração), Traugott e König (1991) afirmar que, como em toda mudança linguística, os processos descritos são possíveis e não necessários. As autoras dão como exemplo, inicialmente, do conectivo temporal *while* que desenvolveu seu sentido concessivo de 'embora'. Por outro lado, em alemão, o cognato *Weil* desenvolveu um significado causal, não concessivo, embora as autoras afirmam que implicaturas conversacionais relevantes para concessividade devam estar presentes em alguns contextos.

Na continuação, Traugott e König (1991) mostram uma suposição de que todos os idiomas que conhecem têm significados semânticos e pragmáticos, sendo ambos estão igualmente presentes, embora os significados pragmáticos possam ser expressos de maneiras diferentes em momentos diferentes em línguas diferentes. As autoras dão como exemplo a entonação, partículas, clíticos, ordem das palavras, entre outras, mas não dão exemplo de cada uma delas e como elas são critérios suficientes para determinar o valor pragmático empregado. Assim, as autoras alegam que os significados pragmáticos são gramaticalizados mais tarde do que os não pragmáticos (ou proposicionais) e isso não significa que uma língua possa, em um determinado estágio, ter apenas significados proposicionais. Na verdade, significa simplesmente que, dada uma forma X, as polissemias pragmáticas associadas a ela, se houver, terão de desenvolvido. Assim, as autoras afirmam que os significados normalmente mudam do que é dito para o que se quer dizer, e não o contrário. Elas são como exemplo os significados concessivos que não precederão os significados temporais,

apesar de que o inverso possa ser verdadeiro (significados temporais precedem significados concessivos).

Para tentar explicar esse tipo de unidirecionalidade, Traugott e König (1991) afirmam também que é preciso se perguntar o que poderia motivá-la, o que, por sua vez, leva a uma teoria da inferência, da informatividade e da relevância. As autoras mostram que as inferências de temporal para concessivo são bem atestadas e compreensíveis, mas uma inferência de concessivo para temporal não é. As inferências em questão normalmente não são estritamente dedutivas para a forma lógica, mas sim abduativas, isto é, são inferências para melhor explicação de porque a frase pode ser verdadeira ou relevante para o contexto. Para tanto, as autoras sugerem a leitura de Peirce, (1955), Givón (1989), Hobbs *et al.* (1988), e Andersen (1973), para melhor compreensão da teoria da abdução.

Na sequência, as autoras afirmam que para o entendimento desse objeto de estudo é essencial fazer a distinção entre os significados pragmáticos que são convencionalizados (codificados, seja lexicalmente, gramaticalmente ou prosodicamente) e aqueles que são inferidos no contexto, em grande parte por meio de processos conversacionais de especificação de significado. Assim, mesmo quando se trata de ausência de codificação, muitas inferências são amplamente previsíveis. As autoras dão como exemplo as cláusulas conjuntas sem qualquer conectivo (isto é, sem qual codificação de coerência) e afirma que provavelmente serão enriquecidas interpretativamente como tendo alguma coerência simplesmente porque são pronunciadas em sequência. Desse modo, normalmente, a relação inferida, se as cláusulas forem cláusulas de ação/evento, será a de sequência temporal como em (1)a, mas outras relações podem ser inferidas se a sequência for temporal e logicamente inconsistente, como em (1)b.

Ocorrência 81: ordem oracional e mudança de sentido

- (1) a. A estrada estava gelada. Ela escorregou
 b. Ela escorregou. A estrada estava gelada

Fonte: Traugott e König (1991, p.193).

As autoras afirmam que se uma forma gramatical estiver presente, por exemplo, *and*, *because*, *you see*, esse elemento ‘restringirá ainda mais a relevância da proposição que ele introduz’ (Blakemore, 1987, p.30 *apud* Traugott; König, 1991). No entanto essa restrição não é absoluta, uma que vez é uma instrução para os ouvintes sobre como interpretar, a forma gramatical pode ser aumentada, como foi o caso. Desse modo, novas inferências podem surgir a partir dela, as quais podem ser entendidas em termos de inferências conversacional ou convencionalizada.

Na seção 3, intitulado ‘A convencionalização de implicaturas conversacionais’, Traugott e König (1991) inicia a seção citando a inferência abductiva envolvendo reforço pragmática *post hoc ergo propter hoc* (cf. Geis; Zwicky, 1971; Atlas; Levinson, 1981; Horn, 1984, p.33). A seguir, elas apresentam duas ocorrências de orações temporais com inferências de causalidade.

Ocorrência 82: orações temporais com inferências de causalidade.

- (2) a. After we heard the lecture we felt greatly inspired (+ > because of the lecture we felt greatly inspired)
 b. The minute John joined our team, things started to go wrong (+ > because J joined out team, things started to go wrong)

Fonte: Traugott e König (1991, p.194).

As autoras afirmam que em (2), as inferências são conversacionais, isto é, não fazem parte do significado de nenhum elemento específico do enunciado. Desse modo, elas são baseadas na relevância ou reforçam a informatividade porque embelezam a relação entre *Depois da palestra* ou *No minuto em que John se juntou à nossa equipe* com o restante do enunciado. Além disso, fornecem uma interpretação do motivo pelo qual o locutor achou relevantes incluir esses fatos temporalmente.

Na sequência, as autoras mostram mais 4 sequências para usarem como base para a discussão para contrastar os significados temporal e causal do conectivo *since*, em inglês.

(83)

- (3) a. I have done quite a bit of writing since we last met (temporal)
- b. Since Susan left him, John has been very miserable (temporal, causal)
- c. Since you are not coming with me, I will have to go alone (causal)
- d. Since you are so angry, there is no point in talking with you (causal)

Com relação a *since*, as autoras afirmam que quando ambas as orações e referem a eventos, especialmente eventos no passado, a leitura é tipicamente temporal, como em (3)a. Quando uma oração se refere a um evento não passado ou a um estado, a leitura é tipicamente causal, como em (3)c e (3)d, mas a autora afirma que a leitura causal não é necessária, como indica (3)b. Assim, as leituras contrastivas em (3)b indicam polissemia, isto é, significados convencionalizados, não apenas conversacionais. As autoras, no entanto, não explicam o que é um significado convencionalizado ou o que é um significado conversacional.

Na continuação, as autoras afirmam que tem sido frequentemente apontado que as polissemias temporais-causais podem surgir historicamente por meio de mudanças no status das inferências (cf. Geis; Zwicky, 1971, p.565; Abraham, 1976; Braunmüller, 1978). As autoras mostram uma lista extensiva de marcadores gramaticais que parecem ter sofrido uma mudança de temporal para causal, e ressalta que o próprio valor temporal pode ser derivado de um valor espacial original, como no caso de *consequently*). Concordamos com as autoras no sentido de que em nossos dados de orações temporais também encontramos ocorrências que parecem derivar de uma relação espacial que metaforiza uma relação temporal (em elaboração).

(84) Eng. *since, consequently*;

Gm. *infolgedessen* (portanto);

Fr. *puisque* (< Lat. *yosteaquam* 'depois', 'desde então');

Sp. *pues* (< Lat. *post*);

Swed. *eftersom, enledan* (cf. < *medau* 'durante');

Rum. *din moment ce* 'a partir do momento em que', 'porque';

Du. *want* 'porque' (< PGmc 'quando -l- então');

Eston. *parâst* 'depois, por causa de' (cf. *parastlouna* 'tarde');

Finn. *koska* 'quando', 'porque', 'como'.

Segundo as autoras, a formulação *post hoc ergo propter hoc* sugere que é uma sequência estrita de eventos, *um evento1 seguido por outro evento2*, que dá origem a implicações causais. De fato, segundo elas, essa formulação é responsável por algumas inferências causais de temporais, como no caso de *Depois que John entrou na sala, Bill pulou pela janela*. No entanto, elas afirmam que é mais provável que os estados deem origem a interpretações causais do que a sequência de eventos. Assim, uma fórmula mais apropriada seria: *estado1 relevante para estado2*. Além disso, a formulação tradicional *post hoc ergo propter hoc* se considerada literalmente pode levar alguém a se perguntar por que alguns temporais que parecem ser estereotipicamente não sequências podem ser enriquecidos interpretativamente para relações causais. Para tanto, a autora mostra os seguintes exemplos de implicaturas conversacionais, no entanto as autoras não analisam elas:

Ocorrência 85: orações temporais com implicaturas conversacionais de causa.

- (7) a. Eu não conseguia trabalhar quando a televisão estava ligada.
b. Não consigo dormir agora que estou sozinho.

Fonte: Traugott e König (1991, p.197).

As autoras também afirmam que historicamente encontram com frequência a convencionalização de causas que antes não eram necessariamente sequenciais:

(86) *weil* (< OHG *dia wila* so 'desde que');

Lat. *dum* 'quando, desde que, porque';

Fr. *quand* 'when, because';

Finn. *kun* 'quando, enquanto, como, desde que, porque';

Eston. *kuna* 'enquanto, como, desde que, porque'.

As autoras continuam a discussão afirmando que o que é necessário para o surgimento de uma inferência causal é a sobreposição temporal parcial, não a

sequência. Especificamente, o significado ‘a partir do momento em que’ permite (mas não exige) que as implicaturas causais se tornem convencionalizadas. Não compreendemos o que a autora quer dizer ao afirmar isso, uma vez que não explica o que são e como se codifica significados convencionalizados. Um bom exemplo disso, segundo as autoras, é o OE *nu*, que era usado como um advérbio que significava ‘agora’. Como um conectivo, ele quase sempre tem um significado causal. Assim, as autoras afirmam que podem postular que um contexto encontrado no PDE (7b) (Ocorrência 1), em que uma cláusula (a matriz) expressa um estado, foi o ponto de entrada para a mudança de temporal para causal.

Na sequência, as autoras apresentam a seguinte ocorrência:

Ocorrência 87: oração temporal com leitura causal.

- (9) AECHom I, 24 350.21
Efne nu þueart gehaled ne synga)u heononforb
 Mesmo agora você está salvo, não peque mais.
 'Agora que você está salvo, não peque de agora em diante'. (+ > porque
 você está salvo, não peque de a g o r a em diante)

Fonte: Traugott e König (1991, p.197).

Nessa ocorrência, as autoras afirmam que ela pode ser interpretada como 'observe que, a partir de agora, você é/se tornou salvo e trate isso como o ponto de partida do comportamento futuro' (Traugott e König, 1991, p.197), com o seguinte enriquecimento inferencial: 'porque você observa isso, portanto, a partir de agora, modifique seu comportamento' (Traugott e König, 1991, p.197). Em (9), a causalidade pode ser apenas uma implicatura conversacional, considerando que as relações temporais são claramente distinguidas (particípio passado *gehaled*, advérbio futuro *heononforb*). No entanto, as autoras afirmam que é presumivelmente convencionalizado de que não mudança de tempo verbal e, de fato, o contexto implica que não houve mudança de estado.

Outra ocorrência apresentada pelas autoras é a seguinte:

Ocorrência 88: oração temporal com leitura causal.

- (10) AECHom I. 26.378.6
Untw yliceşulyhst fiatbu godsy, nubu
 Inquestionavelmente você mente que é deus, porque você
nastmanna geşohtas
 pensamento dos homens desconhecidos
 Sem dúvida, você está mentindo quando diz que é Deus, porque não
 conhece os pensamentos dos homens".

Fonte: Traugott e König (1991, p.198).

Traugott e König (1991) argumentam ainda que o adverbial *nu* 'from this time forth' é suficiente informativo para transmitir uma relação entre a cláusula que inicia e a cláusula principal, mas convida à inferência de que se quer dizer mais: por que outro motivo o locutor teria mencionado a relação temporal? As autoras observam que em (1) não há a codificação de uma relação causal externa que pode ser considerada verdadeira no mundo, mas sim uma causal epistêmica que aumenta a inferência de que o falante tem evidências para a proposição. Novamente mais um autor menciona o fato que as causais, quando inferidas a partir de relações temporais, expressam relações epistêmicas.

Na subseção 3.2 'Da concomitância à concessividade', Traugott e König (1991) afirmam que entre as principais fontes para o desenvolvimento dos conectivos concessivos estão as expressões cujo significado original, ou pelo menos anterior, era 'coocorrência', e certas expressões negativas (cf. König, 1985; 1986; 1988; Forthcoming):

(89)

- (12) a. connectives originally expressing simultaneity or temporal overlap: *while, still, yet*; Gm. *zugleich, indes(sen), dennoch*; Fr. *cependant*; Turk. *iken* 'while', 'although'; Indonesian *sekali-pun* 'although' (<'at the same time + even'); Hawaiian *oiai* 'while', 'meanwhile', 'although'; Jap. *nagara* 'while', 'although'
- b. connectives originally expressing simple cooccurrence or concomitance, or even similarity: EME *withal* (<'along with the rest'), *all/just the same*; Gm. *gleichwohl, bei all*; Dan. *evenwel*; Rum. *cu toate ca* 'with all (things) that'; Turk. *bununla beraber* 'together with this'; Hopi *naama-hin* 'although' (<'together' + 'thus'); Quileute *-t'e* 'with, although'

Fonte: Traugott e König (1991, p.199).

Na continuação, as autoras afirmam que no caso dos conectivos causais, muitos dos conectivos concessivos mantiveram seu significado original juntamente com a implicatura concessiva que se tornou parte do significado convencional. Elas afirmam ainda que ele ainda pode restringir os ambientes em que uma forma pode ocorrer. Assim, o fato de que *while* ainda é estranho para alguns falantes em contextos que expressam anterioridade de um evento para outro mostra que essa conjunção não perdeu seu significado original de sobreposição temporal:

Ocorrência 90:

- (13) Embora nossos negócios tenham sido extremamente bem-sucedidos no ano passado, este ano não parece muito promissor.

Fonte: Traugott e König (1991, p.200).

As autoras apresentam outros exemplos em (14), que ilustram o fato de que as expressões de simultaneidade, concomitância ou correlação podem ser ampliadas sincronicamente e interpretadas como expressões de concessividade:

Ocorrência 91:

- (14) a. Ele sabe tocar as sonatas de Beethoven e tem apenas sete anos de idade
 b. É meia-noite e Mary ainda está trabalhando
 c. É difícil encontrar um método que seja eficaz e, ao mesmo tempo, econômico
 d. Como não tinha dinheiro, entrei em um restaurante caro

Fonte: Traugott e König (1991, p.200).

As autoras afirmam que há alguns contextos, em que a simultaneidade pode ser altamente relevante e digna de nota, são aqueles que mostram quais há uma incompatibilidade geral entre as duas situações, isto é, quando uma situação normalmente não ocorre com a outra. Assim, em (14^a), presume-se que a situação de ter sete anos de idade normalmente não coincide com a capacidade de tocar sonatas de Beethoven. No caso de (14b), o falante use *e* para chamar a atenção para a concorrência e, assim, convida o ouvinte a interpretar o falante como querendo dizer que, na opinião dele, não é normal que Mary (ou as pessoas em geral) trabalhe quando é meia-noite.

Na sequência, as autoras apresentam a seção 4. 'Fortalecimento da informatividade vs. processos metafóricos' e argumentam que certos tipos de gramaticalização são instâncias de fortalecimento da informatividade ou a convencionalização de inferências conversacionais. Elas continuam a discussão em relação a quais tipos de gramaticalização em seus estágios iniciais envolvem esse tipo de mudança.

As autoras afirmam que tradicionalmente a metáfora é considerada fundamental para a mudança semântica em geral. Os estudos linguísticos sobre a metáfora compartilham a compreensão e a experiência de um tipo de coisa em termos de outra, e compartilham também a direcionalidade da transferência de um significado básica, geralmente concreto, para um mais abstrato (cf. Sapir, 1977; Lakoff e Johnson, 1980; Claudi; Heine, 1986). As autoras afirmam que na literatura recente foram apresentados muitos argumentos de que o desenvolvimento da gramaticalização também é fortemente motivado por processos metafóricos (cf. Sweetser, 1988, 1990; Bybee; Pagliuca, 1985; Claudi e Heine, 1986; Heine; Claudi, 1986; Heine et al. (...)).

As autoras citam Claudi e Heine com relação ao ‘veículo de uma metáfora e o lexema em processo de gramaticalização’ que eles:

... são governados por um arranjo de conceitualização... que é unidirecional e prossegue do concreto para o abstrato, e de conceitos que estão próximos da experiência humana para aqueles que são mais difíceis de definir em termos de cognição humana. (Claudi; Heine, 1986, p.328)

Traugott e König (1991) citam Claudi e Heine que discutem o desenvolvimento de termos de partes do corpo em locativo, de espaciais em temporais, entre outros em termos de metáforas conceituais como ‘ESPAÇO É UM OBJETO’, ‘TEMPO É ESPAÇO’.

Traugott e König (1991) continuam a discussão afirmando que exemplos de metáforas espaço-temporais no processo de gramaticalização são amplamente e apenas os menciona em seu texto. As autoras incluem o uso de GO para o futuro (going to go), COME para o perfeito (Fr. *je viens de le faire*), BE AT/BE IN para o progressivo, e verbos de movimento para o caso.

As autoras afirmam que em cada caso, conceitos mais concretos passam a servir como modelos para conceitos mais abstratos, e a metáfora está claramente em ação. O que as mudanças que as autoras citam tem em comum é uma das três tendências identificadas para a mudança semântica em geral, tanto lexical quanto gramatical (Traugott, 1989, p.34). As três tendências são:

- (36) *Tendência semântico-pragmática I:*
Significados baseados na situação externa descrita > significados baseados na situação interna (avaliativa/perceptual/cognitiva)
- (37) *Tendência semântico-pragmática II.*
Significados baseados na situação externa ou interna descrita > significados baseados na situação textual
- (38) *Tendência semântico-pragmática III*
Os significados tendem a se tornar cada vez mais situados no estado de crença/atitude subjetiva do falante e em relação à situação

Com relação a Tendência Semântico-Pragmática I, segundo Traugott e König (1991), por situação ‘interna’ entende-se a situação percebida ou compreendida por um ser sensível, não necessariamente o falante. As relações temporais se referem a

situação interna no sentido que têm menos correlações físicas. A extensão da preposição originalmente espacial *after* para a preposição temporal *after* no inglês antigo é um exemplo da Tendência I: uma mudança da referência a uma situação concreta e física para a referência a uma situação cognitiva e perceptual. Quando o termo espacial é derivado de uma parte do corpo, o que é frequentemente o caso (cf. BEHIND), a Tendência I pode operar duas vezes, uma vez a partir de OBJETO para ESPAÇO e, em seguida, novamente a partir de ESPAÇO para TEMPO.

As autoras citam outros exemplos bem conhecidos na literatura como mudanças metafóricas na gramaticalização de termos espaciais incluem o desenvolvimento de advérbios ou preposições em conectivos de cláusulas, por exemplo, do inglês antigo preposicional *after* 'seguindo atrás, depois' para o inglês médio subordinado *after*. As autoras afirmam que esses são exemplo de uma segunda Tendência de mudança semântica, identificado por Traugott (1989, p.35), que diz respeito aos significados baseados na situação externa ou interna descrita que passam a serem significados baseados na situação textual. Para as autoras, 'textual' significa 'coesivo'. Quando *after* se tornou um conectivo temporal, ele passou pela Tendência II e mudou para um marcador de relações textuais e coesivas. A metáfora presumivelmente em ação aqui é que os eventos expressos em orações são tratados como objetos com correlações espaço-temporais, que, a nosso ver, passaram a licenciar significados textuais.

Na continuação, as autoras afirmam que a relação de causalidade é um análogo de uma relação temporal, bem como a relação de coocorrência é um análogo de uma relação concessiva. Assim, elas sugerem que o fortalecimento da informatividade e a convencionalização das inferências conversacionais são os principais processos em ação no desenvolvimento de causais, concessivos e conectivos de preferência. Desse modo, esses três casos de gramaticalização envolvem não apenas a Tendência II, mas também a terceira tendência de mudança semântica identificada por Traugott (1989, p.35), que diz respeito aos significados que tendem a se tornar cada vez mais situados no estado de crença/atitude subjetiva do falante em relação a situação.

Com base nisso, as autoras afirmam que causais, concessivas e partículas de negação são todas expressões essenciais da atitude do falante com relação ao modo como os elementos dentro da proposição ou das proposições entre si se relacionam, bem como a compatibilidade das relações. Na continuação, eles mostram que o *sifan*

temporal, que é um marcador textual, vem por meio da Tendência III para expressar a visão do falante de uma relação causal entre estados de coisas. Da mesma forma, o temporal *while*, também um marcador textual, vem por meio da Tendência III para expressar a surpresa do falante com a relação entre duas proposições.

As autoras continuam a discussão apresentando o exemplo do desenvolvimento do significado de negação que se trata de mudanças de significados não epistêmicos para epistêmicos, fato esse observado, segundo as autoras, por Shepherd (1982), Bybee e Pagliuca (1985), Hanson (1987), Traugott (1989). Apresentando mais um exemplo, as autoras afirmam que *must* no sentido epistêmico de ‘eu concluo que’ derivado do sentido obrigatório de ‘deve’ pelo fortalecimento de inferências conversacionais e subjetivação. Um outro exemplo correlacionado a isso, é o exemplo de que se determinado falante afirmar: ‘ela deve se casar’ no sentido de obrigação, o falante convida o ouvinte a inferência de que ela de fato se casará. Essa inferência é, portanto, epistêmica, pois pertencente a um estado de coisas que se espera que seja verdadeira em algum momento posterior. Assim, quando essa inferência é convencionalizada, sua origem na subjacência do faltante é a de que ela vai se casar. Portanto, o estado de crença subjetiva também é fortalecido. As autoras sugerem na sequência a leitura de Abraham (...) sobre o desenvolvimento de significados epistêmicos em partículas modais alemãs.

Por fim, as autoras propõem estender a noção de metonímia dos contextos tradicionais concretos evidentes para contextos cognitivos e encobertos, especificamente os contextos pragmáticos da inferência conversacional e convencional. A contiguidade envolvida, assim, é baseada no mundo do discurso. A ‘indexação’ envolvida é o apontamento para a relevância que as inferências conversacionais sobre situações estereotipadas implicam. As autoras, com relação ao desenvolvimento do significado causal de *sifan*, levantam a hipótese de que uma implicatura originalmente conversacional que surge no contexto da comunicação da sequência temporal passou a ser associada a *sifan* ‘a partir do momento em que’ e, em seguida, passou a ser uma implicatura convencional que aponto ou indexa causa. Desse modo, as autoras afirmam que uma implicatura originalmente conversacional de que um marcador de simultaneidade não seria usado a menos que houvesse algo notável sobre essa simultaneidade passou a indexar o fator surpresa e, portanto, concessiva.

2.4.1 Polifuncionalidade e polissemia na língua portuguesa do Brasil

Apresentamos, na sequência, dois estudos realizados por Lima-Hernandes (1998, 2004) sobre polissemia. No primeiro estudo, Tese de Doutorado defendida na Universidade Estadual Paulista (Unesp), Lima-Hernandes (1998) realiza uma análise quantitativa de sentenças complexas cuja noção estabelecida entre as unidades seja tempo, no intuito de identificar uma graduação dos processos de combinação de orações – no português popular e no português carioca, numa perspectiva da gramaticalização. O propósito de se estudar os estágios de gramaticalização visa a possibilidade de se buscar evidências de que uma estrutura possa ter derivado de outra e desvendar o seu direcionamento.

Lima-Hernandes (1998) afirma ainda, nesse estudo, que investigações sobre gramaticalização, a noção de polissemia está associada, em geral, a itens lexicais. No entanto, em seu trabalho, a noção de polissemia está associada a unidades maiores do que a palavra: sentenças complexas. Sobre essa temática, a autora cita Sweetser (1990), uma vez que ela se preocupa com a questão de polissemia e sobreposições de sentidos. A abordagem de orientação cognitiva de Sweetser (1990) diz respeito à capacidade que o falante tem de compreender sentidos que são estabelecidos a partir da experiência cognitiva humana, incluindo o mundo cultural, social, mental, físico. Assim, a autora afirma que cada um desses domínios influenciam a compreensão, fazendo emergir a polissemia, usos sintáticos diferenciados e ambiguidade pragmática.

Sweetser (1990) discute o uso das conjunções no sentido de que elas, enquanto partículas polifuncionais, podem ser interpretadas em três domínios: domínio do conteúdo, que reflete a modalidade raiz, deôntica, do mundo real. Domínio epistêmico, que diz respeito ao mundo textual, das unidades lógicas. E, por fim, o domínio dos atos de fala, que se refere a pragmática.

Sweetser (1990, p.78) afirma que a escolha interpretativa não é aleatória, e afirma que ‘a escolha de uma interpretação ‘correta’ não depende da forma, mas de uma escolha motivada pragmaticamente entre a visualização das orações conjugadas’. A autora mostra dados de construções que envolve conjunções adversativas e causativas, por considerar que a ambiguidade é mais clara nesses itens gramaticais. O que nos questionamos é como determinar qual interpretação o

interlocutor determinará? Quais as pistas gramaticais que o levará a determinada interpretação semântico-pragmática?

Na continuação, Lima-Hernandes (1998) discute que alguns fatores podem interferir na interpretação ou desambiguação dos elementos conectores numa sentença, como, segundo Sweetser (1990), a ordem e o tipo de entonação seriam evidência a favor da existência dos três domínios. No entanto, Lima-Hernandez (1998) não apresenta exemplos de ordem e tipo de entonação argumentados por Sweetser (1990).

Assim, Lima-Hernandes (1998) afirma que o fato de as conjunções atuarem em níveis diferentes pode-se levar a ideia de que provocam diferentes graus de vinculação entre as orações, considerando o conectivo empregado, ou ainda se um mesmo conectivo não possibilitaria inferência de relações diferenciadas. Essa pergunta retórica feita pela autora se autorresponde considerando o que apresentamos anteriormente, nesta mesma subseção, sobre polifuncionalidade (Kortmann, 1996). Um mesmo subordinador adverbial pode sim possibilitar inferência de relação diferenciais. Diga-se de passagem, o subordinador *while*, que, numa leitura primária de tempo, pode atuar no nível de conteúdo; enquanto que numa leitura secundária de concessão, pode atuar no nível epistêmico. Também consideramos interessante afirmação de Lima-Hernandez (1998) de que o nível do discurso empregado pode provocar diferentes graus de vinculação entre as orações, ou o contrário.

Lima-Hernandes (1998), no estudo das orações de tempo na língua portuguesa do Brasil, assim como Crescêncio Neto (2021), no estudo das orações de tempo na língua de sinais brasileira, chegaram a mesma conclusão as relações temporais apresentam naturalmente graus de polissemia, considerando determinado conjunto do corpus analisado. Lima-Hernandez (1998) retoma os seus dados analisados e estabelece novas correlações no que diz respeito aos processos de combinação de orações e, chamado por ela, de *noção desencadeada*, além de considerar critérios complementares como o tipo de conectivo e a ordem. No entanto a autora não fala como esses critérios se aplicam aos dados de polissemia apresentados a seguir.

As *noções desencadeadas* encontradas no corpus da autora são:

1. Exclusivamente Tempo
2. Tempo/Condição/Causa (simultaneamente)
3. Tempo/Causa (simultaneamente)
4. Tempo/Condição (simultaneamente)
5. Tempo Combinado
6. Tempo Restringido
7. Tempo Retomado

Vamos no ater aqui apenas aos casos de polissemia (itens 2, 3 e 4) e ao caso de leitura exclusiva de tempo.

Com relação a leitura exclusiva de tempo, a autora apresenta as seguintes ocorrências:

Ocorrência 92: orações com leitura exclusiva de tempo.

- (186) *aí quando foi a dança, sabe? ele - um garoto, ele sobrou* [peul2]
 (187) *quando cheguei em casa, estava com ele, apagando* [peul3]
 (188) *quando eu saí dessas pedra...sabe qual era a minha*
 profissão?[pop13]
 (189) *quando foi de noite...nós tava vendo aquele mau chero aqui*
 [pop14]

Fonte: Lima-Hernandez (1998, p.123).

Com relação as ocorrências que apresentam interpretações possíveis para tempo, condição e causa, a autora apresenta:

Ocorrência 93: orações com leitura polissemia para os valores de causa, condição e tempo.

- (190) eu conheço algumas pessoa dali e joga uma pelada ali,
quando vou à praia [peul106]
 (191) *quando chegava...chegava* doidinha caçando onde ele
 tava [pop10]
 (192) *quando era domingo...aquilo/a* casa enchia de
 mulherada e rapazeada junto com os menino [pop17]

Fonte: Lima-Hernandez (1998, p.124).

Com relação às ocorrências que fazem emergir dupla interpretação (tempo e causa), a autora elenca:

Ocorrência 94: orações com leitura polissemia para os valores de tempo e de causa.

- (193) Até cortei o dedo! *Fazendo um deles*. [peul95]
 (194) *quando os menino desandô pra i...ele* queria i...mais a
 calça não tava pronta [pop4]
 (195) *chegô aqui...eu* comprei [pop11]
 (196) ela...*quando o cachorrinho morreu...ela* enterrô
 encostadinho na parede nossa aí [pop18]

Fonte: Lima-Hernandez (1998, p.124).

Por fim, a autora apresenta ocorrências que apresentam polissemia para os valores de tempo e condição. São elas:

Ocorrência 95: orações com leitura polissemia para os valores de tempo e de condição.

- (197) *quando eu entro, eu* entro cedo [peul29]
 (198) *quando eu vejo, eu* digo quem é bonito, eu digo quem
 é feio para ele [peul44]

Fonte: Lima-Hernandez (1998, p.124).

A dificuldade encontrada por nós na leitura deste trabalho realizado por Lima-Hernandez (1998) é que a autora não afirma se, assim como Sweetser (1990), suas ocorrências são casos de estruturas temporais, que tipicamente codificam relação de conteúdo, por apresentarem uma leitura secundária de causa e de condição, estão atuando, portanto, em outro nível do discurso, no caso, o nível epistêmico. Gostaria que a autora também tivesse discutido se essas sentenças que expressam polissemia deixam de apresentar o valor temporal por conta do contexto nas quais são empregadas, ou se tratam de um caso de polissemia no qual os valores de tempo e de condição/causa coexistem, como se tratasse de um caso de Estágio II (Heine *et al.*, 1990). Um último ponto, o mais relevante, é que tivemos dificuldades em identificar critérios claros para identificar e desfazer os casos de polissemia, apesar de esse não ser o objetivo principal de sua Tese de Doutorado.

Após detectar essas noções desencadeadas nas orações de tempo analisadas, Lima-Hernandez (1998) estabelece uma correlação entre elas e os processos sob análise e apresenta a seguinte tabela:

Tabela 1: Função Sintático-semântica da oração x processos de combinação de orações x conectivo.

Tabela 39: Função Sintático-semântica da oração x processos de combinação de orações x conectivo				
	Parataxe	Hipotaxe	Encaixamento	Total
Exclusivamente Tempo	16 (12%)	194 (43%)	41 (54%)	251 (38%)
Tempo Retomado	0	1 (0,5%)	7 (9%)	8 (1%)
Tempo/Condição	12 (9%)	66 (15%)	6 (8%)	84 (13%)
Tempo Restringido	0	0	14 (18,5%)	14 (2%)
Tempo/Causa	27 (20%)	48 (11%)	0	75 (11,5%)
Tempo/Causa/Condição	73 (54%)	137 (30%)	8 (10,5%)	218 (33%)
Tempo Combinado	7 (5%)	2 (0,5%)	0	9 (1,5%)
Total	135	448	76	659

Fonte: Lima-Hernandez (1998, p.126).

A autora identificou que no processo de parataxe, 54% das orações de tempo têm o mais alto grau de ambiguidade, sendo que sua interpretação permite a interpretação das noções de tempo, causa e condição simultaneamente. Já com relação ao processo de hipotaxe das orações, a autora afirma que em sua maioria estão divididas em dois grupos: orações que passam exclusivamente a noção de

tempo (43%) e as orações que possibilitam a interpretação de tempo, causa e condição (30%). Com relação ao processo de encaixamento, as orações possibilitam a interpretação de uma única noção: tempo.

Com relação a parataxe apresentar um alto nível de ambiguidade, esse fato é interessante ao se considerar que, num continuum de gramaticalização entre as coordenadas sindética e coordenadas justapostas, uma vez que essa estrutura sintática se assemelha aos nossos dados de subordinação codificados em uma estrutura justaposta sintaticamente – além do fato de que a coordenação, assim como nossos dados, também apresenta simultaneidade e sequência temporal. Será que a ambiguidade é uma característica inerente a essas estruturas sintáticas? Que tratamento devemos dar a esse grupo de estruturas que apresentam ambiguidade?

Lima-Hernandez (1998) afirma que os resultados encontrados por ela estão em consonância com Braga (1996) de que as orações temporais caracteristicamente são ambíguas. Portanto, os seus dados são a ratificação do que Braga observou, apesar de ser de forma mais pormenorizada, considerando que Lima-Hernandez (1998) considerou outros processos de combinação de orações.

Lima-Hernandes (1998) também afirma que, no caso da hipotaxe, remete às estruturas identificadas por ele denunciam os vários tipos de estratégias para combinar orações cuja relação seja tempo, que podem conjugar noções pragmaticamente muito próximas, como é o caso de tempo/condição. Acreditamos, numa perspectiva radical. Tempo e Condição, bem como os demais valores adverbiais de Causa e Concessão, não são noções pragmaticamente próximas, uma vez que as relações de CCC evocam o nível das relações epistêmicas, enquanto tempo diz respeito as relações de conteúdo. Em outra perspectiva, a relação temporal de anterioridade pode favorecer leitura secundária de Causa e de Condição, então a relação temporal de simultaneidade favorece a leitura secundária de Concessão (cf. Introdução).

As noções identificadas por Lima-Hernandez (1998), podem ser compreendidas como exemplos de polissemia, uma vez que existem vários sentidos associados a uma estrutura formal. Em consonância com Sweetser (1990), ela propõe acréscimos semânticos em decorrência dos usos. Assim, o Tempo, segunda a autora, seria uma noção mais concreta do que Condição e Causa. Nesse sentido, Lima-Hernandez (1998) afirma que a sobreposição semântica observada em seus dados pode ser explicada pela tendência de se dizer não mais do que o necessário, ditada

pelo princípio da economia linguística. Esse princípio, citando Traugott e König (1991), faria com que uma forma assumisse vários significados.

Tendo em vista os resultados da Tabela 1 e o contínuo de gramaticalização de Hopper e Traugott (1993), o traço [-ambíguo] relaciona-se com orações cuja interpretação é exclusivamente de tempo, enquanto que o traço [+ambíguo] refere-se as orações que possibilitavam a interpretação de tempo, condição e causa, simultaneamente. Parece-nos que, dados da autora, o conectivo *quando* só permite leituras secundárias de causa e condição, e concessão não. A autora não apresenta dados com o conectivo *enquanto*, que licencia uma leitura concessiva.

A autora finaliza a subseção com um último contínuo que associa o grau de ambiguidade com a expressão sintática.

Tabela 2: Ambiguidade das orações de tempo.

Contínuo 8: Ambigüidade das orações de tempo					
	Parataxe	→	Hipotaxe	→	Encaixamento
	12%	>	43%	>	54% → [-ambígua]
[+ambígua] ←	54%	<	30%	<	10,5%

Fonte: Lima-Hernandes (1998, p.127)

No segundo estudo Lima-Hernandes (2004) focaliza seu estudo na temporalidade e na codificação presente no português carioca. Como ponto inicial de sua análise, Lima-Hernandes apresenta uma ocorrência na qual a noção de temporalidade, expressa pela conjunção 'quando' (tradicionalmente temporal) na ocorrência em (49a), desencadeia a relação de condição, o que nos permite identificar que uma velha forma está sendo empregada com um novo sentido (ou valor), como pode ser visto na ocorrência em (49b).

(96a) **quando** eu falá pra você que eu vô batê... você tem que obedecê...entende? [pop117]

(97b) **se** eu falá pra você que eu vô batê...você tem que obedecê... entende?

A autora enquadra esse fenômeno pelo que é chamado na literatura por *layering*, que diz respeito à coexistência de camadas de sentido, na ocorrência em questão: tempo e condição. Esse fenômeno linguístico engloba usos linguísticos que podem divergir quanto ao significado e quanto às formas de expressão, como itens lexicais e construções.

Em nossos dados, assim como Swettser (1991 *apud* Lima-Hernandez, 1998, pg. 122-123), a ideia de que as estruturas adverbiais funcionam em níveis diferentes nos leva a pensar em diferentes graus de vinculação entre as orações, tendo em vista o valor semântico empregado, ou se a ainda a justaposição de unidades em sequência possibilita a inferência de relações sintático-semânticas diferenciadas. Tome como exemplo a seguinte ocorrência em 1, apresentada por Dachkovsky, Hosemann, Steinbach e Sandler, em seu trabalho intitulado ‘Signers’ perception of conditional intonation: A comparative study of Israeli Sign Language and German Sign Language’, que faz um estudo comparativo entre a Língua de Sinais Israelense e a Língua de Sinais Alemã.

Ocorrência 98: Polissemia sintática entre oração subordinada (condicional) a uma oração principal ou orações coordenadas.

(A) Conditional evoking context:

Context: This afternoon I want to go by train to Göttingen/Haifa. But I read in the newspaper that the trains might strike today. I am really worried about that, because I have an important doctor appointment in Göttingen/Haifa.

Question: MEAN WHAT?
‘What does that mean?’

(A.1) Continuation +nm: $\frac{\text{br}}{\text{TRAIN STRIKE}}, \frac{\text{hn}}{\text{I HOME STAY}}$
‘If the trains strike, I stay at home.’

(A.2) Continuation -nm: TRAIN STRIKE, I HOME STAY
‘The trains strike. I stay at home.’

Fonte: Dachkovsky, Hosemann, Steinbach e Sandler (s/d, p. 2)

Os autores afirmam que a justaposição sintática entre as unidades TRAIN STRIKE e I HOME STAY podem ser interpretadas ou como um período composto por

subordinação: ‘If the rains strike, I stay at home’, ou como orações coordenadas: ‘The rains strike. I stay at home’, dependendo da presença do arqueamento ou não das sobranceiras (br).

Será que em nossos dados esse mesmo critério pode ser aplicado: o arqueamento de sobranceiras pode ser um critério para identificar uma oração subordinada adverbial, em específico, a condicional? E esse mesmo critério pode ser percebido por falantes de línguas de sinais brasileira, além de ser um diferenciador de uma estrutura coordenada para uma estrutura subordinada condicional?

2.4.2 Polifuncionalidade e polissemia nas línguas de sinais

Lima (2019) investiga, em sua Tese de Doutorado, o fenômeno das relações de causalidade em orações complexas em libras. A autora apresenta exemplos nos quais essa relação pode ser expressa por conectivos manuais de diferentes tipos: conectivos manuais temporais (DEPOIS e ENTÃO); conectivos manuais condicionais (SE); e, por fim, conectivos manuais causais (PORQUE e POR-CAUSA). Nessa perspectiva, parte dos dados apresentados pela autora, apesar de ela não levantar essa discussão e não usar o termo técnico usado aqui: polifuncionalidade ou polissemia, tratam-se de casos de polifuncionalidade: conectivos prototípicos de tempo e de condição estão sendo candidatados a desempenhar o valor semântico de causa.

Lima também identificou quatro orações introduzidas por conectivos manuais temporais, sendo que, em três delas, há a presença do conectivo manual DEPOIS, e em uma, o conectivo manual ENTÃO, além de identificar o movimento das sobranceiras nessas ocorrências. Iremos apresentar uma ocorrência para cada conectivo temporal a seguir.

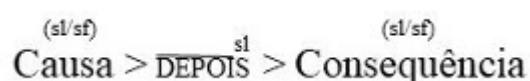
Ocorrência 99: Relação causal estabelecida pelo conectivo DEPOIS



Fonte: Lima (2019), p. 103.

Na ocorrência 99 e nas 3 outras ocorrências apresentadas, a autora afirma que a relação de causalidade se estabelece por meio do conectivo temporal DEPOIS, que relaciona a causa P (comeu muito) à consequência Q (ficou com dor de estômago). Nesse sentido, ela afirma que os eventos são apresentados iconicamente, no sentido de que a temporalidade é apresentada cronologicamente. O conectivo temporal DEPOIS, acompanhado do levantamento de sobrancelhas, é utilizado para expressar o nexos de causalidade entre os eventos causa e consequência. Com relação às expressões não manuais, a autora identifica que o levantamento e o franzimento de sobrancelhas podem ocorrer no transcurso da realização dos dois eventos em P e Q – segundo a autora a ocorrência dessas expressões foram realizadas de forma opcional, ou simultaneamente ao sinal manual do conectivo (ocorrência 99) A autora, por fim, representa essa relação de causalidade por meio do esquema a seguir.

Figura 8: Representação de causalidade pelo conectivo DEPOIS.

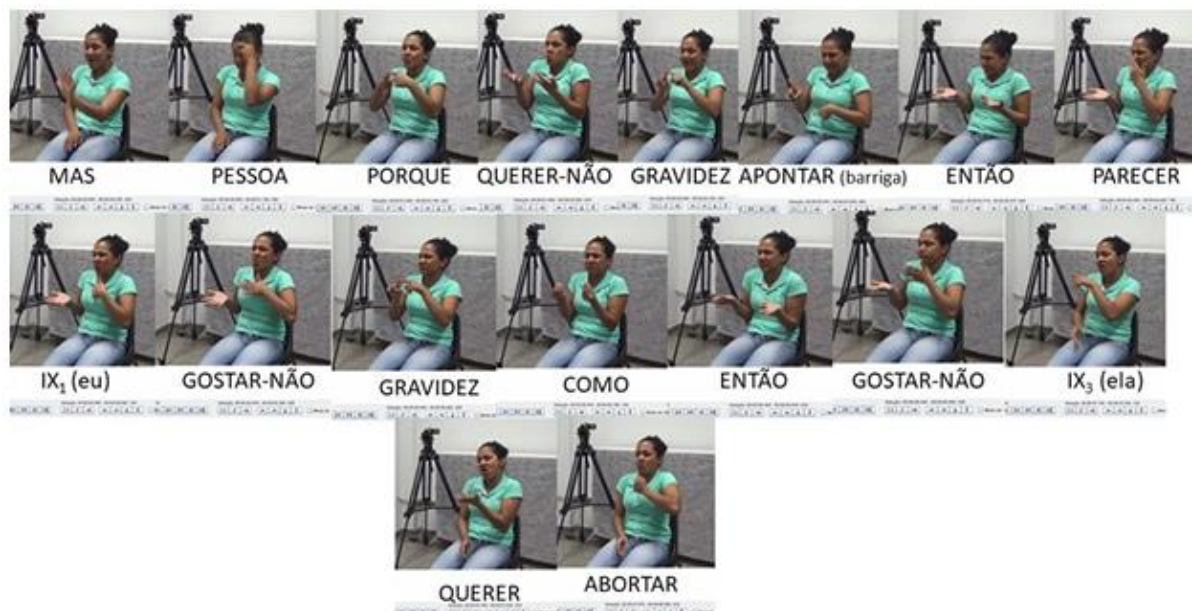


Fonte: Lima (2019), p. 106.

Outro conectivo manual temporal apresentado pela autora trata-se do sinal ENTÃO. Ele afirma que esse conectivo estabelece relação causal entre os eventos *não querer estar grávida* e *não gostar de estar grávida*, por um lado, e entre os eventos

não gostar de estar grávida e querer abortar. A autora também identifica que a ordem dos eventos se estabelece de modo icônico, temporalmente, em relação a causa e efeito. A ocorrência 2 apresenta esse conectivo.

Ocorrência 100: Relação causalidade estabelecida pelo conectivo ENTÃO.



- (4) $\overline{[P \text{ MAS PESSOA PORQUE QUERER-NÃO GRAVIDEZ APONTAR (barriga)}] [Q \text{ ENTÃO PARECER}]}$
 $\overline{IX_1 \text{ GOSTAR-NÃO GRAVIDEZ} [P \text{ COMO ENTÃO GOSTAR-NÃO}] [Q \text{ IX}_3 \text{ (ela) QUERER ABORTAR}]}$
 “Porque a pessoa não quer engravidar, então parece não gostar de estar grávida, então quer abortar”.

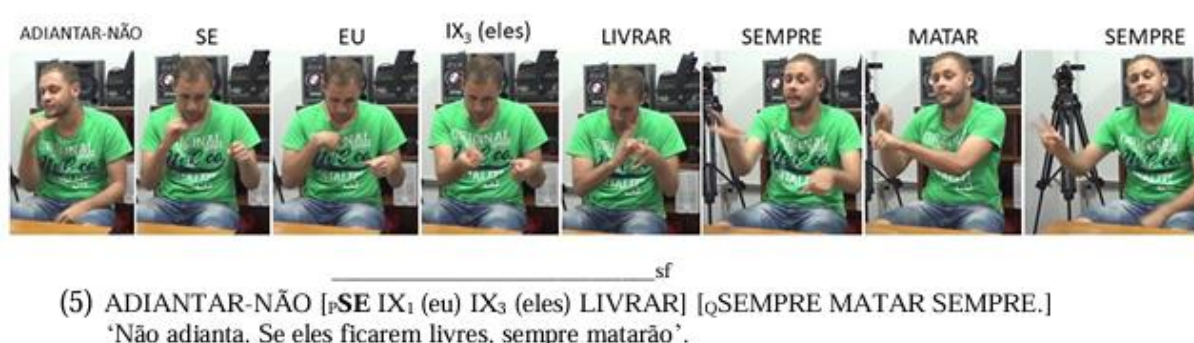
Fonte: Lima (2019), p. 107.

Com relação às orações condicionais, Lima (2019) afirma que elas podem ser introduzidas especificamente por meio do conectivo manual SE, o qual pode ser omitido. Para a autora, esse tipo de oração também pode expressar relações de causalidade, uma vez que ‘expressa uma consequência do fato que exprime uma causa a partir da interpretação de conteúdo condicional’ (Lima, 2019, p. 108). Essas orações podem ser do tipo factuais, com eventos possíveis de se realizar, ou contrafactuais, com eventos hipotéticos (cf. PFAU, 2016).

A primeira ocorrência de oração causal introduzida por um conectivo condicional é realizada por meio do conectivo manual SE, indicando a relação de causalidade entre P, que apresenta a condição/causa, *livrar pessoas [da pena de*

morte], leitura factual, e uma provável consequência em Q, *sempre matar*. A autora identificou também que há uma mudança do espaço de sinalização para a realização dos eventos em P e Q, sendo que toda a estrutura P é realizada com a sinalização e a direção do olhar para baixo e à esquerda do indivíduo surdo, e a estrutura Q, realizada com a sinalização à direita dele e com a direção do olhar voltada para frente, no espaço neutro (Lima, 2019, p. 108-109). Além disso, a autora identificou, como expressões não manuais, que a sobrancelha franzidas ocorre somente na estrutura em P, na oração causal-condicional. Para autora, esse dado corrobora com as análises de Pfau (2016), Lourenço (2019) e de Figueiredo e Lourenço (2019), pois, segundo os autores, as expressões não manuais só se realizam na oração condicional. Abaixo encontra-se a ocorrência descrita neste parágrafo.

Ocorrência 101: Relação causal estabelecida pelo conectivo SE.



Fonte: Lima (2019), p. 108.

Lima (2019) apresenta na sequência duas ocorrências de orações causais introduzidas pelos conectivos PORQUE e SE respectivamente, ambas mobilizam uma condicionalidade factual [ocorrências 6 e 7, p. 109-110]. Por fim, a autora apresenta uma ocorrência introduzida por SE – acompanhado do movimento de queixo para cima, mas, por outro lado, apresenta uma condicionalidade contrafactual, em uma estrutura de pergunta (sentença interrogativa: do tipo sim/não, apresentada pela marcação __s/n), como mostra a ocorrência abaixo. Nessa ocorrência, a relação de causalidade é expressa por meio do nexos entre os eventos *aceitar* e *concordar com o aborto* e *ela poder abortar (se estiver nessa situação)*. Lima (2019) identificou que, diferente das demais ocorrências com valor condicional-causal, o espaço de sinalização dos eventos em P e Q não se diferenciou.

Ocorrência 102: oração causal-condicional contrafactual.



- (8) $\text{[SE IX}_2 \text{ (você) ENTÃO EXEMPLO ENTÃO ACEITAR CONCORDAR] [FUTURO IX}_2 \text{ (você) AZAR]}$ $\text{[SE TROCAR SUA FILH@ CRESCER IX}_3 \text{ (el@) PODER ABORTAR.]}$
 'Por exemplo, se você aceita, concorda e futuramente por azar se deparar com sua filha nessa situação, então ela poderá abortar?'

Fonte: Lima (2019), p. 110-111.

Lima (2019) conclui, por fim, que as ocorrências apresentadas evidenciam as relações de causalidade em estruturas condicionais, os quais, além da presença do conectivo manual, também são acompanhadas pelo levantamento de sobrancelhas e do movimento do queixo para cima – os quais estão presentes em toda a estrutura condicional, mas não na consequência. A autora constata que, em relação a ordem, os dados indicaram uma estrutura inflexível, com a relação primeiro da condição/causa, introduzida pelo conectivo SE, e em seguida a realização da consequência. Para finalizar, a autora afirma que, com relação ao espaço de sinalização, há uma diferença entre os exemplos de (5) a (7) e o exemplo (8): nos primeiros, se a premissa (a condição) é verdadeira, a conclusão é real (factual); e no último dado, é uma estrutura interrogativa, isto é, se relaciona necessariamente com o âmbito contrafactual. Nessa perspectiva, ela levanta como hipótese sobre a

possibilidade de os sinalizantes distinguir o espaço de sinalização para uma condicional contrafactual de uma condicional factual. A autora elabora um esquema que sistematiza essas informações.

Figura 9: Estrutura condicional causal introduzida por SE.

$\text{SE} \begin{matrix} \text{si} & \text{iq} \\ \hline \end{matrix} \text{Condição} \begin{matrix} \text{si} \\ \hline \end{matrix} > \text{Consequência}$

Fonte: Lima (2019), p. 112.

Nos exemplos trazidos pela autora, a consequência é posposta a causa, numa relação icônico temporal. As causais pospostas têm um valor semântico específico, diferente daquele codificado em anteposição?

2.4.3 Discussão da seção

A análise apresentada por Kortmann (1996) evidencia que um mesmo subordinador adverbial polissêmico pode atuar em mais de um domínio do discurso, no caso da pesquisa do autor, os domínios de conteúdo e epistêmico. Para tanto, a polifuncionalidade de determinado subordinador está relacionada ao contexto semântico-pragmática que o envolve. Por isso, o Esquema 1 ‘Relação entre leitura exclusiva, primária e secundária’: A leitura primária está relacionada a restrições contextuais fracas ou inexistentes, e a leitura secundária está relacionada a fortes restrições contextuais.

As discussões feitas por Kortmann forneceram-nos embasamento para a nossa análise de dados. No entanto, surgiu questionamento quanto ao nosso objeto de estudo, assim como será visto na seção de Análise de Dados, em relação às ocorrências que podem, simultaneamente, receber duas leituras adverbiais (como tempo-causa, tempo-condição e tempo-concessão). Isso difere da análise de Kortmann, pois um item gramatical recebe mais de uma leitura adverbial por atuar em dois contextos linguísticos diferentes. Nessa perspectiva, é adequado denominarmos nossas ocorrências como caso de polifuncionalidade? Esse termo é o mais adequado

para se referir ao nosso fenômeno linguístico em análise? Buscamos refletir sobre isso em nossas análises.

2.4.4 Considerações Finais da seção

Nesta seção, realizamos uma revisão bibliográfica destacando as principais obras que tratam sobre o estudo da temporalidade, em específico, aquelas relacionadas a leituras exclusivas de tempo e suas nuances temporais, bem como apresentamos as leituras exclusiva para os valores de causa, de condição e de concessão, tanto em inglês quanto em libras e em outras línguas de sinais.

Outras duas principais subseções que compõem esta seção são as intituladas por *Estado de Coisas: Conceitualização e Polifuncionalidade em línguas orais*. Na primeira, apresentamos e orientamos o leitor sobre a perspectiva pela qual os dados devem ser analisados: a perspectiva semântica. Essa perspectiva possibilita ao linguista analisar ocorrências que fogem a um padrão tradicional de oração, aquela cujo núcleo é verbo. Em nossos dados, percebemos que grande parte das ocorrências fogem a esse padrão, desprezando critérios sintáticos, em favor de uma leitura semântica que compreenda que sentenças temporais sem a presença explícita de um verbo configuram um Evento. Na segunda, apresentamos como o fenômeno de polifuncionalidade opera em línguas orais, em específico, o inglês e a português, e em língua de sinais, a libras.

Essas informações apresentadas nessa seção têm como objetivo oferecer um pano de fundo teórico-metodológico capaz de fazer com que o leitor tenha um ponto de partida estruturado capaz de fazê-lo compreender com mais clareza o funcionamento dos dados apresentados na seção de Análise de Dados.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E CORPUS

3.1 Considerações iniciais

Como procedimentos metodológicos para analisar as ocorrências de temporalidade, consideramos que a relação temporal entre os Estados de Coisas temporal e principal, veiculados, respectivamente, pelos predicados temporal e principal, pode apresentar uma leitura exclusiva, puramente temporal, bem como pode expressar leituras secundárias, por meio das quais pode ser identificada uma interpretação semântica de (a.) causa, (b.) condição e/ou (c.) concessão. Para tanto, é necessário um método que contemple os comportamentos sintático, semântico e pragmático específicos à libras. Cabe a nós, então, elaborarmos critérios gramaticais que sejam suficientes para abordar a complexidade dessa língua de sinais.

Antes de nos aprofundarmos nos critérios de exclusão e de inclusão das ocorrências, iremos elucidar o uso de determinados termos para descrever esse fenômeno linguístico. A literatura que trata do estudo da temporalidade, seja em línguas orais ou em línguas de sinais, não segue um mesmo padrão terminológico para manejar esse objeto de estudo. Antes fazem uso de inúmeros termos, o que pode, por vezes, provocar equívocos na interpretação temporal, além de gerar um desalinhamento na construção desse conhecimento. Destacamos, aqui, os principais termos empregados:

1. ambiguidade;
2. sobreposição;
3. polifuncionalidade;
4. polissemia;
5. significado;
6. valor;
7. leitura exclusiva;
8. leitura primária;
9. leitura secundária;
10. enunciado;
11. sentença;
12. predicado;

- 13. oração;
- 14. segmento;
- 15. Estado de Coisas;
- 16. Evento.

Nesta seção, apresentamos como os critérios nos auxiliam para a inclusão e exclusão das ocorrências dentro do campo semântico de relações entre predicados. Assim, apresentaremos a quantidade de Estados de Coisas cuja expressão determina valor semântico e quais critérios foram utilizados para concluirmos a análise. Ressaltamos que, em determinados contextos, as ocorrências marcam necessariamente dois valores semânticos simultaneamente, tais como tempo e condição, o que pode configurar, em uma dada perspectiva, uma cumulação semântica temporal e condicional em uma mesma expressão sintática.

Com relação aos critérios de seleção de dados, levamos em conta a noção de tempo, que pode ser efetivamente codificado por um predicado em relação ao outro, na ausência de um conectivo prototípico, como uma conjunção temporal. Trabalhamos, ao longo de nossa coleta, predominantemente com a ausência de uma partícula conectora, mas, sim, por predicados articulados por meio da justaposição. Portanto, a seleção dos dados partiu de uma perspectiva funcionalista, no sentido de buscar dados com base na relação semântica estabelecida no momento da sinalização. O ponto de partida na nossa análise é a maneira como funciona determinada sequência sintática com valor semântico de tempo, no momento da sinalização. Assim, a perspectiva para a seleção dos dados é sintática, tendo, sobretudo, um plano de fundo semântico-pragmático.

3.2 O Corpus de Libras da UFSC

Os dados analisados no presente estudo foram extraídos do Corpus de Libras da UFSC (QUADROS, 2016), em específico, o componente *Surdos de Referência*, no qual selecionamos 15 vídeos da categoria *Entrevista*. Os participantes surdos foram gravados individualmente e participaram voluntariamente de uma entrevista na qual respondem perguntas previamente organizadas em um roteiro em modo de entrevista. Os surdos eram incentivados a produzirem discurso em línguas de sinais sobre sua vida pessoal, discutindo problemas sociais referentes à língua e à cultura surda,

falando sobre eventos marcantes na sua vida, bem como outras histórias que contribuíram para a sua formação pessoal. Para mais informações sobre o roteiro de perguntas realizadas durante a entrevista, acesse o Anexo I.

É importante ressaltarmos aqui que a busca por um Corpus de Libras com verdadeiro rigor metodológico-acadêmico trata-se, sobretudo, de tarefa árdua e penosa. Afirmamos isso com base no fato da carência que os estudos linguísticos no Brasil têm em relação a um corpus de libras acessível, no sentido *stricto* da palavra. O Corpus de Libras da Universidade de São Catarina (UFSC) pode ser acessado por meio do site: www.corpuslibras.ufsc.br, e conta com um conjunto de produções em Libras que resultam de projetos de pesquisa em diversos estados do Brasil, sendo que cada estado apresenta registros de tipos textuais diversos.

A composição total do componente do Corpus em estudo é composta por 120 vídeos, dividido em 4 categorias:

1. Entrevista;
2. Narrativas;
3. Vocabulários;
4. Outros.

A categoria *Entrevista* conta com um total de 45 vídeos. Participaram da gravação total dessa categoria 20 mulheres (19 surdas e 1 CODA), e 15 homens surdos. Escolhemos, por questões metodológicas, 15 vídeos para serem analisados, com base nos seguintes participantes. Como o Corpus está disponível para uso público, o nome e imagem dos participantes também é pública. Seleccionamos os vídeos de entrevista que foram disponibilizados por meio do Google Drive pela Profa. Dra. Ronice Müller Quadros no ano de 2023. Nesse ano o site do Corpus de Libras estava apresentando instabilidade e ausência dos vídeos e arquivos de transcrição EAF's.

1. Ana Regina de Souza Campello;
2. Tibiriçá Vianna Maineri;
3. Thiago Ramos de Albuquerque;
4. Gabriel Lelis Cordeiro do Carmo;
5. Raimundo Cleber Teixeira Couto;

6. Antônio Campos de Abreu;
7. José Arnor de Lima;
8. Débora Campos Wanderley;
9. Fernanda de Araujo Machado;
10. Giselle Pedreira de Mello Carvalho;
11. Patrícia Luiza Ferreira Rezende;
12. Sédina dos Santos Jales Ferreira;
13. Shirley Vilhalva;
14. Simone Patrícia Soares de Souza.

A categoria de *Entrevista* constitui-se pela participação de surdos que apresentam características que classificamos, neste momento, como relativamente homogêneas:

- (a.) são provenientes de um contexto social acadêmico-científico, bem como atuam em instituições públicas como professores de libras;
- (b.) ao participarem da composição do corpus, são entrevistados pelo mesmo entrevistador, sendo submetidos ao mesmo conjunto de perguntas da entrevista;
- (c.) apresentam aquisição de língua de sinais tardia;

A duração das gravações é de aproximadamente de 12 minutos a 50 minutos. Por questões de metodológica e buscando uniformidade na quantidade de amostras, decidimos padronizar o tempo de coleta de ocorrências por vídeo, e estabelecemos o padrão de 12 minutos de coleta por vídeo. Consideramos isso usando como base o tempo de vídeo com menor tempo: 12 minutos.

3.3 Participantes que compõem o *Surdos de Referência*

Nesta subseção, buscamos contextualizar os participantes da pesquisa, os *Surdos de Referência*, da amostra Corpus de Libras. Os 35 participantes do *Surdos de Referência* são de diferentes regiões do Brasil e suas idades variam entre 30 e 45 anos. No quadro, abaixo, organizamos em duas colunas os nomes dos participantes de acordo com a sua expressão de gênero.

Quadro 5: Amostra da pesquisa.

Expressão de gênero feminina	Expressão de gênero masculina
1 Ana Regina e Souza Campello	1 Tibiriçá Vianna Maineri ,
2 Shirley Vilhalva	2 Antônio Campos de Abreu ,
3 Giselle Pedreira de Mello Carvalho	3 Thiago Ramos de Albuquerque ,
4 Simone Patrícia Soares de Souza	4 Gabriel Lelis Cordeiro do Carmo
5 Sédina dos Santos Jales Ferreira	5 José Arnor de Lima
6 Sylvia Lia	6 Raimundo Cleber Teixeira Couto
7 Larissa Rebouças	7 Paulo Roberto Amaral Vieira
8 Marisa Dias Lima	8 André Ribeiro Reichert
9 Karin Lilian Strobel	9 Deonísio Schmitt
10 Priscilla Leonnor Alencar Ferreira	10 Jakson da Silva Vale
11 Kelly Samara Pereira Lemos	11 Messias Ramos Costa
12 Flaviane Reis	12 Rimar Ramalho Segala
13 Ilse Muller de Quadros	13 Sandro dos Santos Pereira
14 Fernanda de Araujo Machado	14 Rodrigo Nogueira Machado
15 Débora Campos Wanderley	15 Nelson Pimenta Castro
16 Patrícia Luiza Ferreira Rezende	
17 Ronice Müller de Quadros (CODA)	
18 Simone Gonçalves de Lima da Silva	
19 Marianne Rossi Stumpf	
20 Myrna	

Além disso, o site do Corpus de Libras fornece informações parciais a respeito do perfil social do surdo entrevistado. Essas informações são acessadas a partir do hiperlink criado para o nome de cada participante. A imagem a seguir mostra a página na qual essas informações são fornecidas.

Quadro 6: Composição da amostra: perfil social.

Simone Patrícia Soares de Souza

Id Participante: 264

Data Nascimento: 0002-12-02

Idade Que Ficou Surdo(0 se nasceu ou vazio para não informado): 999 anos

Idade Primeiro Contato: 18 anos

Status: Surdo

Familiares Surdos: 2 irmãos

Como Aprendeu Libras Amigos surdos

Estado: Santa Catarina

Cidade: Florianópolis

Genero: feminino

Escolaridade: Superior

Tipo De Escola Frequentada: Escola regular com ouvintes

Reponsavel:

Participa De: Dado #991, Dado #992, Dado #1145,

Infos Adicionais: 999=não informado

Observacoes Internas:

Termo De Consentimento:

Fonte: Corpus de Libras da UFSC

3.4 Mapa do componente: Surdos de Referência

Apresentamos, abaixo, um quadro⁷ com o objetivo de oferecermos uma visão sobre a composição e organização do Corpus de Libras da UFSC (Surdos de Referência). Esse quadro pode auxiliar a futuros pesquisados a terem uma noção real da composição do Corpus (tipo de gravação realizada, quantidade e especificação do tipo de vídeo gravado pelo informante surdo), além também de poderem se localizar melhor nas páginas online oferecidas pelo site da UFSC. Cada informante surdo realiza três entrevistas que são gravadas, classificadas em Entrevista, Narrativas e Vocabulários. No final do Corpus os vídeos são categorizados como Outros. Vejamos o quadro:

Quadro 7: Sistematização dos entrevistados no Surdos de Referência.

	p. 1	p.2	p.3	p.4	p.5	p.6
1	Entrevista Ana Regina e Souza Campello	Vocabulários Larissa Rebouças	Vocabulários Fernanda Araujo	Entrevista Gabriel Lelis Cordeiro do Carmo,	Entrevista Myrna	Outros Kelly Samara Pereira

⁷ A partir da página 4, não há mais arquivos EAF. (Acesso em 23 de agosto de 2023)

						Lemos
2	Narrativas Ana Regina e Souza Campello	Entrevista Marisa Dias Lima,	Entrevista Débora Campos Wanderley,	Narrativas Gabriel Lelis Cordeiro do Carmo,	Entrevista Rimar Ramalho Segala	Outros Marianne Rossi Stumpf
3	Vocabulários Ana Regina e Souza Campello	Narrativas Marisa Dias Lima,	Narrativas Débora Campos Wanderley,	Vocabulários Gabriel Lelis Cordeiro do Carmo,	Entrevista Rodrigo Nogueira Machado	Outros Messias Ramos Costa
4	Entrevista Shirley Vilhalva,	Vocabulários Marisa Dias Lima,	Vocabulários Débora Campos Wanderley,	Entrevista José Arnor de Lima e Joseane Fortunato de Lima,	Entrevista Sandro dos Santos Pereira	Outros Myrna Salerno Monteiro,
5	Narrativas Shirley Vilhalva,	Entrevista Karin Lilian Strobel,	Entrevista Patrícia Luiza Ferreira Rezende	Narrativas José Arnor de Lima e Joseane Fortunato de Lima,	Entrevista Nelson Pimenta Castro,	Outros Nelson Pimenta de Castro
6	Vocabulários Shirley Vilhalva,	Narrativas Karin Lilian Strobel,	Narrativas Patrícia Luiza Ferreira Rezende	Vocabulários José Arnor de Lima e Joseane Fortunato de Lima,	[Duplicata] Entrevista Rodrigo Nogueira Machado	Outros Patrícia Luiza Ferreira Rezende
7	Entrevista Giselle Pedreira de Mello Carvalho,	Inventário Karin Lilian Strobel,	Vocabulários Patrícia Luiza Ferreira Rezende	Entrevista Raimundo Cleber Teixeira Couto,	[Arquivo de vídeo indisponível] outros Ana Regina e Souza Campello	Outros Paulo Roberto Amaral Vieira,
8	Narrativas Giselle Pedreira de Mello Carvalho,	Entrevista Priscilla Leonnor Alencar Ferreira,	Entrevista Ronice Müller de Quadros, Tem EAF	Narrativas Raimundo Cleber Teixeira Couto,	Outros Antônio Campos de Abreu,	Outros Paulo Roberto Amaral Vieira,
9	Vocabulários Giselle Pedreira de Mello Carvalho,	Narrativas Priscilla Leonnor Alencar Ferreira,	Vocabulários Ronice Müller de Quadros,	Vocabulários Raimundo Cleber Teixeira Couto,	Outros Antônio Carlos Cardoso,	Outros Priscilla Leonnor Alencar Ferreira,
10	Entrevista	Vocabulários	Entrevista	Entrevista	Outros	Outros

	<u>Simone Patrícia Soares de Souza,</u>	<u>Priscilla Leonnor Alencar Ferreira,</u>	<u>Simone Gonçalves de Lima da Silva,</u>	<u>Paulo Roberto Amaral Vieira,</u>	<u>André Ribeiro Reichert,</u>	<u>Raimundo Cleber Teixeira Couto,</u>
11	Narrativas <u>Simone Patrícia Soares de Souza,</u>	Entrevista <u>Kelly Samara Pereira Lemos,</u>	Vocabulários <u>Simone Gonçalves de Lima da Silva,</u>	Narrativas <u>Paulo Roberto Amaral Vieira,</u>	Outros <u>Débora Campos Wanderley</u> ²	Outros <u>Rimar Ramalho Segala,</u>
12	Vocabulários <u>Simone Patrícia Soares de Souza,</u>	Narrativas <u>Kelly Samara Pereira Lemos,</u>	Entrevista <u>Tibiriçá Vianna Maineri,</u>	Vocabulários <u>Paulo Roberto Amaral Vieira,</u>	Outros <u>Deonísio Schmitt,</u>	Outros <u>Rodrigo Nogueira Machado,</u>
13	Entrevista <u>Sédina dos Santos Jales Ferreira,</u>	Vocabulários <u>Kelly Samara Pereira Lemos,</u>	Narrativas <u>Tibiriçá Vianna Maineri,</u>	Entrevista <u>André Ribeiro Reichert,</u>	Outros <u>Fabíola Moraes Barbosa,</u>	Outros <u>Sandro dos Santos Pereira,</u>
14	Narrativas <u>Sédina dos Santos Jales Ferreira,</u>	Entrevista <u>Flaviane Reis,</u>	Vocabulários <u>Tibiriçá Vianna Maineri,</u>	Narrativas <u>André Ribeiro Reichert,</u>	Outros <u>Fernanda de Araujo Machado,</u>	Outros <u>Sédina dos Santos Jales Ferreira,</u>
15	Vocabulários <u>Sédina dos Santos Jales Ferreira,</u>	Narrativas <u>Flaviane Reis,</u>	Entrevista <u>Antônio Campos de Abreu,</u>	Vocabulários <u>André dos Santos Silva,</u>	Outros <u>Flaviane Reis</u>	Outros <u>SIMONE GONCALVES DE LIMA DA SILVA,</u>
16	Entrevista <u>Sylvia Lia,</u>	Vocabulários <u>Flaviane Reis,</u>	Narrativas <u>Antônio Campos de Abreu,</u>	Vocabulários <u>Deonísio Schmitt,</u>	Outros <u>Gabriel Lelis Cordeiro do Carmo</u>	Outros <u>Simone Patrícia Soares de Souza,</u>
17	Narrativas <u>Sylvia Lia,</u>	Entrevista <u>Ilse Muller de Quadros,</u>	Vocabulários <u>Antônio Campos de Abreu,</u>	Entrevista <u>Deonísio Schmitt,</u>	Outros <u>Giselle Pedreira de Mello Carvalho</u>	Outros <u>Shirley Vilhalva,</u>
18	Vocabulários <u>Sylvia Lia,</u>	Vocabulários <u>Ilse Muller de Quadros,</u>	Entrevista <u>Thiago Ramos de Albuquerque</u> ²	Entrevista <u>Jakson da Silva Vale,</u>	Outros <u>Jakson da Silva Vale,</u>	Outros <u>Sylvia Lia</u>
19	Entrevista <u>Larissa Rebouças,</u>	Entrevista <u>Fernanda de Araujo</u>	Narrativas. <u>Thiago Ramos de</u>	Entrevista <u>Marianne Rossi</u>	Conversa <u>José Arnor de Lima e</u>	Outros <u>Thiago Ramos de</u>

		<u>Machado</u>	<u>Albuquerque</u> 2	<u>Stumpf,</u>	<u>Joseane Fortunato de Lima,</u>	<u>Albuquerque</u> 2
20	Narrativas <u>Larissa Rebouças,</u>	Narrativas <u>Fernanda de Araujo Machado</u>	Vocabulários <u>Thiago Ramos de Albuquerque</u> 2	Entrevista <u>Messias Ramos Costa,</u>	Outros <u>Karin Lilian Strobel</u>	Outros <u>Tibiriçá Vianna Maineri,</u>

Fonte: os autores

Cabe mencionar que quando tivemos acesso ao corpus, as informações estavam em diferentes arquivos. Para tanto, organizamos um quadro com todas essas informações. Como pode ser observado, no quadro 1, os nomes dos informantes surdos fornecem um **hiperlink** que contém o perfil social dos participantes, apesar de alguns dados serem inconsistentes, como a marcação de 999 anos no item 'Idade que ficou surdo'. Fizemos a marcação em amarelo para todos os vídeos que se referem a categoria Entrevista, objeto de estudo de nossa investigação. Nem todos os que estão em destaque foram empregados por nós, apenas 15.

3.5 Análise e Anotação

3.5.1 Camadas de informações visuais: transcrição, anotação e registro

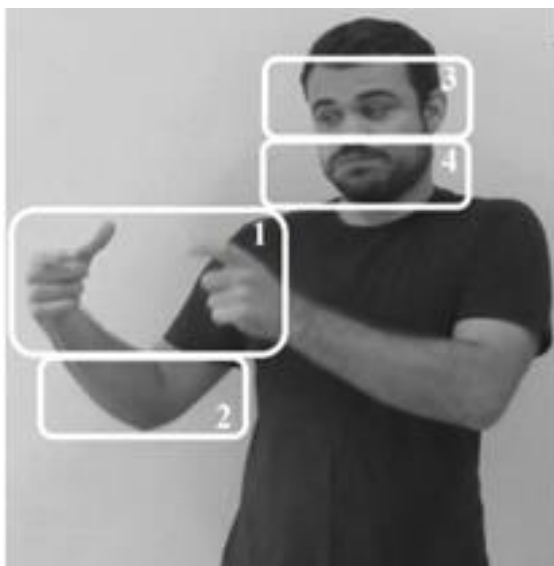
Figueiredo e Lourenço (2020), apresentam na parte introdutória de seus trabalhos quatro principais informações que são transmitidas simultaneamente por meio do *layering* de informações visuais, na língua brasileira de sinais (p. 80). São elas:

- (i) O sinal manual indica o item lexical;
- (ii) O espaço de sinalização (o local em que o sinal é localizado no espaço), pode trazer informações relacionadas a noções de referencialidade;
- (iii) Expressões faciais na parte superior do rosto, que transmitem informações sintáticas;
- (iv) Expressões faciais na parte inferior do rosto, com função modificadora em nível lexical.

A importância desse referencial teórico é o fato de que ele nos fornece material teórico-metodológico que será utilizado na descrição de nossos dados (cf. Resultado e Análise de Dados).

Por *layering* de informações visuais, consideramos a sobreposição de informações linguísticas que são realizadas simultaneamente por um indivíduo surdo, usuário da libras (FIGUEIREDO; LOURENÇO, 2019), denominada pelos autores de expressões manuais e expressões não-manuais. Essas podem se dividir em subgrupos específicos que, em decorrência do seu padrão de variação, podem provocar mudanças semântico-pragmáticas muito sutis, que devem ser observadas com o devido rigor teórico-metodológico. Figueiredo e Lourenço (2019) analisam essas informações linguísticas e nos oferecem, ao longo do seu texto, dois infográficos que nomeiam os extrassegmentos corporais que compõem as expressões não manuais da língua brasileira de sinais. São apresentados, a seguir, por Figura 1 e por Figura 2, respectivamente.

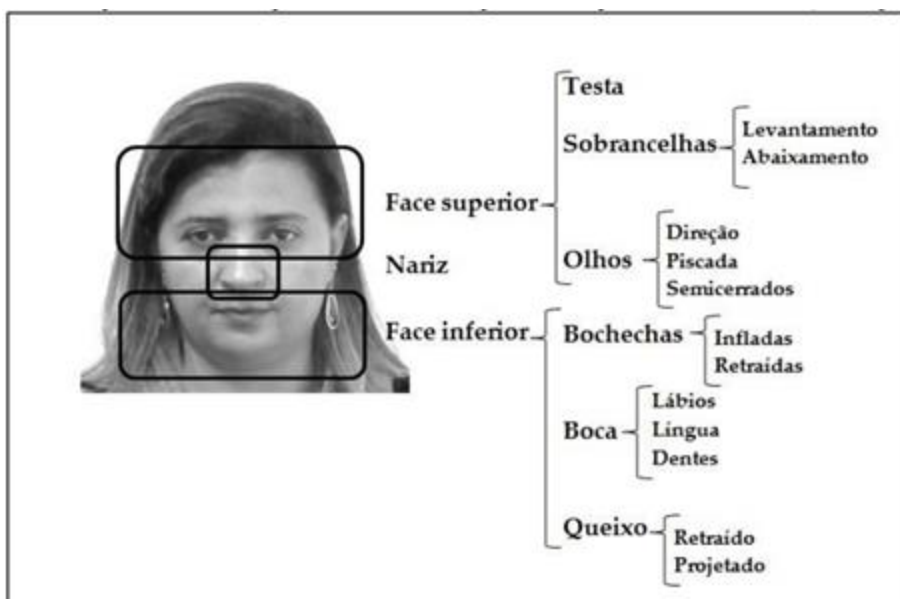
Figura 10: *Layering* de informações visuais na libras: 1) sinal manual; 2) espaço de sinalização; 3) ENM da face superior; e 4) ENMs da face inferior.



Fonte: Figueiredo e Lourenço (2019, p.81).

Com base nessa visão geral, os autores concentram-se na descrição das ENMs localizados na face, também chamadas de expressões faciais. Eles apresentam, com base em Wilbur (2003), um mapeamento dos diferentes articuladores que compõem a face.

Figura 11: Mapeamento das expressões faciais.



Fonte: Figueiredo e Lourenço (2019, p.81), adaptado de Wilbur (2003, p.338).

Com base nesses articuladores, os autores em seu texto descrevem e analisam o uso o movimento de sobrancelhas enquanto marcador sintático, com base em duas narrativas em libras: “O escorpião e a tartaruga” e “Aprender a escrever na areia”. Os autores afirmam que o arqueamento de sobrancelha está relacionado com as seguintes categorias:

- a) Construções de tópico;
- b) Construções do tipo S/N;
- c) Construções interrogativas QU-;
- d) Construções relativas;
- e) Construções condicionais;
- f) Construções temporais;

3.5.2 ELAN: anotação de expressões manuais e não manuais

Nesta subseção, iremos discutir sobre o tratamento que os dados receberam ao longo da Coleta de Dados. O primeiro aspecto da qual iremos tratar diz respeito às siglas e aos códigos utilizados para representar os discursos produzidos pelos indivíduos surdo, ao longo do processo de transcrição, anotação e registro em vídeo das entrevistas. Para tanto, é necessário considerarmos o fato de que o modo como tratamos os dados pode influenciar em nossas análises, devido, por exemplo, à modalidade visual-gestual por meio da qual as línguas de sinais se manifestam. O

registro de uma língua visual é um trabalho muito complexo ao se considerar a simultaneidade de uma série de expressões linguísticas, manuais e não manuais.

Na literatura, não há um uso padrão de um mesmo registro para anotação, no entanto, podemos citar, por exemplo, os trabalhos de McCleary, Viotti e Leite (2010) e Leite (2008), nos quais os autores se propõem a discutir sobre um sistema de anotação em que todas as informações linguísticas fossem suficientemente registradas de modo fidedigno, sem a perda de informações visuais que compõem as línguas de sinais. O trabalho dos autores nos chama atenção para a descrição detalhada das expressões não manuais, nomeando-as e criando para cada uma delas trilhas de anotação exclusivas. A imagem abaixo nos apresenta o trabalho proposto por eles.

Figura 12: Interface do sistema de anotação em trilhas (ELAN).



Fonte: McCleary, Viotti e Leite (2010, p. 281)

As informações visuais que os autores ressaltam como relevantes para a análise de um discurso em libras e que podem ser transcritas e anotadas são:

- Registro das fases do gesto que ocorrem durante a sinalização manual;
- Registro das glosas, em português brasileiro, referentes aos sinais não manuais:

- c. Registro das configurações das sobrancelhas
- d. Registro das configurações e movimentos do olhar
- e. Registro das configurações e movimentos de pálpebra
- f. Registro da localização da mão no espaço de sinalização durante a realização do sinal
- g. Registro das configurações e movimentos da cabeça
- h. Registro dos movimentos bucais perceptíveis visualmente que estão relacionados aos fonemas do português brasileiro (visemas)
- i. Registro dos gestos bucais que não têm relação com a língua portuguesa
- j. Registro de configurações e movimentos do tronco
- k. Registro de configurações e movimentos dos ombros

3.6 Desafios de método (ou problemas de método)

Um dos desafios relacionados ao método de análise dos dados se encontra na perspectiva pela qual observamos esse fenômeno de estudo. Num contato prévio com os dados, devemos nos atentar ao modo como estamos interpretando as ocorrências. É justamente nesse ponto que denunciemos o fato de que, ao fazer uso de critérios de análise baseados no estudo de línguas orais, pode-se trazer uma interpretação equivocada das ocorrências. Identificamos essas problemáticas na medida em que as pesquisas científicas fazem uso de glosas para o registro escrito de texto em libras, além de, ao ser realizada uma tradução para determinado texto, bem como a tradução-interpretação de determinado sinal, ou de determinada relação semântica adverbial por um conectivo adverbial em português, o linguista coloca-se em risco de enviesar a sua análise.

Nessa perspectiva, usamos como estratégia depender menos da glosa e da tradução e olhar para o que está acontecendo de fato na gravação, no discurso produzido pelo indivíduo surdo. Assim, uma descrição minuciosa dos vídeos será útil para as análises. Isso é um trabalho no qual se deve investir bastante tempo. A transcrição fornecida pela UFSC não oferece um nível de detalhamento apurado. Para tanto, nossa investigação tem como proposta aprofundar-se nesse nível de

detalhamento, para que possamos desvendar os sentidos presentes nos textos sinalizados em libras.

Ainda em tempo, é importante considerar, com base nisso, que a nossa investigação não depende da tradução-interpretação que pode ser feita para determinada ocorrência. Nossas análises, portanto, são independentes da tradução que o tradutor-intérprete coloca. Além disso, contamos com a colaboração de pesquisadores surdos, alunos e ex-alunos do curso de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa pela Unesp de Araraquara.

Na seção de Análise de Dados, destacamos as que foram fornecidas pelos colaboradores surdos e as colocamos em discussão para uma apuração na análise de dados.

3.7 Critérios para análise de dados

Nesta tese, assumimos como válidos um conjunto base de critérios que permitem identificar e analisar a correlação temporal entre estados de coisas, sobretudo, no que diz respeito aos critérios que indicam o vínculo semântico-temporal entre os predicados principal e subordinada (temporal) justapostos. É importante ressaltarmos que os casos de polifuncionalidade apresentam a condição *sine qua non* de apresentar uma relação temporal. As leituras secundárias para os valores de CCC são desdobramentos semânticos para cuja identificação procuramos, nesse momento, determinar critérios plausíveis. Para os predicados temporais reconhecíveis na libras, considerando o Corpus de Libras da UFSC, selecionamos os seguintes parâmetros para a identificação do fenômeno:

- (a) identificação de um estado de coisas subordinado relacionado temporalmente a um estado de coisas principal;
- (b) mobilidade da unidade sintática que veicula o estado de coisas dependente, o qual pode estar anteposto ou posposto ao estado de coisas principal;
- (c) valores semânticos que emergem do estado de coisas subordinado (dependente): anterioridade, posterioridade e simultaneidade;
- (d) modo de articulação entre os estados de coisas: justaposição ou presença de conector formal.

Levantadas as ocorrências com base nesses critérios iniciais, buscaremos definir padrões/parâmetros sintáticos de predicados temporais vinculados a um predicado principal, a partir do cruzamento dos seguintes parâmetros de análise encontrados na literatura (HEINE, 1991; KORTMANN, 1996), que poderão ser ampliados com o decorrer da investigação, de acordo com o aprofundamento da análise de dados.

Quadro 8: Critério para identificação de uma oração temporal com leitura polissêmica.

Critérios de ordem sintática			
Grupo de fatores 1	Presença ou não de conector manual		
Variáveis:	(a.) justaposição		(b.) presença de conector
Grupo de fatores 2	Posição do predicado temporal em relação ao principal		
Variáveis:	(a.) anteposta	(b.) posposta	
Grupo de fatores 3	Posição das sobranceiras		
Variáveis	(a) neutra	(b) arqueada	(b) franzida
Grupo de fatores 4	Posição do queixo		
Variáveis	(a) projetado		(b) abaixado
Grupos de fatores 5	Direção dos olhos		
Variáveis	(a) esquerda	(b) direita	(c) frente
Critérios de ordem semântica			
Grupo de fatores 6	Leitura secundária para os valores de:		
Variáveis	(a) condicionalidade	(b) causalidade	(c) concessão
Grupo de fatores 7	Tipo semântico dos Estados de Coisas dos predicados principal e subordinada		
Variáveis:	(a) Ação	(b) Processo	(c)estado (d) posição
Critérios de ordem pragmática			
Grupo de fatores 8	Iconicidade		
Variáveis:	(a) ordem icônica	(b) ordem não icônica	

Fonte: os autores.

Elencamos esses critérios para a identificação do predicado temporal com leitura secundária para os valores de CCC. Na seção de Considerações Finais, iremos discutir se esses critérios são realmente consistentes para a análise de nossos dados. Não desconsideramos o fato de que, no futuro, com o desenvolvimento desse projeto em outros níveis investigação, esses critérios podem se ampliar, mostrando novas facetas sobre nosso objeto de estudo.

4. RESULTADOS DA ANÁLISE DE DADOS COLETADOS EM LIBRAS

4.1 Considerações iniciais: parâmetros iniciais de análise

Nessa seção, apresentamos as análises sobre os predicados temporais e polifuncionais, descrevendo a estrutura gramatical e o seu comportamento principalmente, sintático-semântico. Essa análise possibilita verificar como o vínculo semântico estabelece a relação de *temporalidade* e de *polifuncionalidade* entre os segmentos primário e secundário (principal e subordinado), no que diz respeito à subordinação adverbial em libras. Além disso, apresentamos os traços semânticos que constituem as redes de afinidades de tempo, as redes de afinidades subjacentes como os valores de CCC, e discutir como a polifuncionalidade do predicado temporal pode ser identificada.

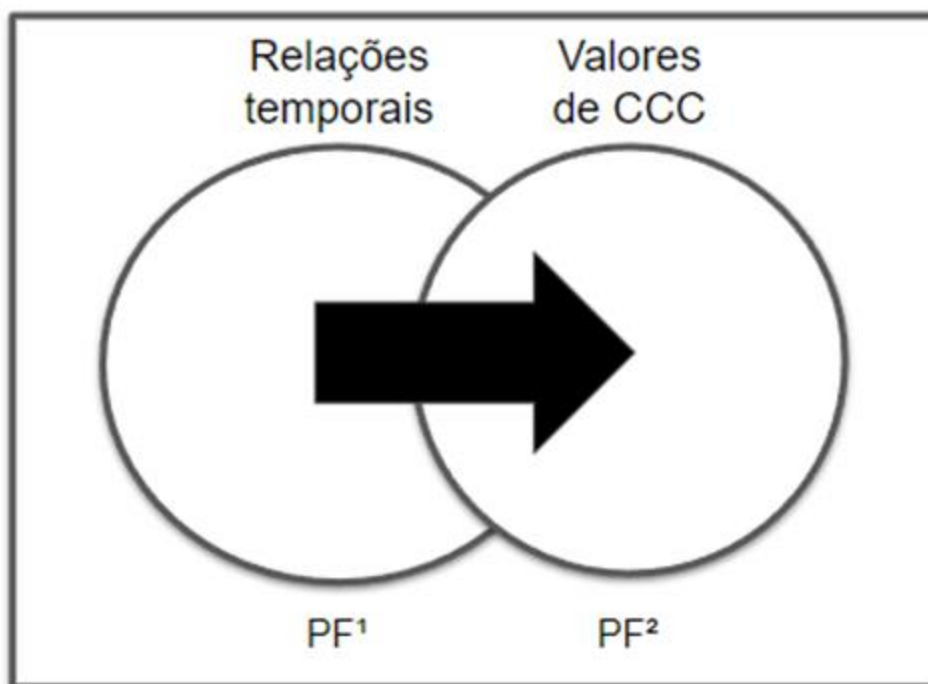
Iniciando a discussão relacionada aos critérios de seleção dos dados, iremos falar nesse primeiro momento sobre os parâmetros de ordem sintática, em específico aquele que se relaciona à presença ou não de marcador manual. Nossos dados apontam para a mesma direção que Halliday e Hasan (1983) e Lima-Hernandes (2004), no sentido de que os conectivos não são fundamentais para o estabelecimento de relações entre os predicados principal e subordinado. Assim, em nossos dados, a conjunção não é um elemento imprescindível para o estabelecimento de relações semânticas entre os predicados, numa subordinação adverbial. Nessa perspectiva, a relação sintática entre os predicados pode ser estabelecida por meio da justaposição.

Com base nisso, é importante ressaltarmos os parâmetros gramaticais, que constituem o nosso fenômeno de estudo, estabelecendo a diferença entre aqueles de ordem sintática e aqueles de ordem semântica. As características de ordem sintática se referem, primeiramente, à justaposição dos predicados subordinado e principal, assim, a conexão entre eles não é explicitada por elemento conectivo. Em segundo, a ordem sintática é a posição relativa entre a cláusula subordinada (temporal) e a principal. De ordem semântica, identificamos que a *temporalidade* é um fator semântico-adverbial por meio do qual os valores de causa, de condição e de concessão (CCC) surgem. Do ponto de vista da gramaticalização (HEINE, 1991; LIMA-HERNANDES, 2004), a noção de tempo, então, metaforiza os valores de CCC.

Desse modo, identificamos um cruzamento entre fatores que favorecem a leitura secundária para os valores de CCC de acordo com a afinidade temporal

estabelecida. No estágio inicial de gramaticalização, determinado predicado temporal, que apresenta a leitura exclusiva de tempo, constitui o *sourcepoint* no *cline* de gramaticalização. Para o estágio que se segue, devido ao contexto pragmático, a unidade linguística recebe um novo valor linguístico para as noções de causa, de condição e de concessão, que representa o *endpoint*, no *cline* de gramaticalização. Nessa perspectiva, a leitura secundária para os valores de CCC é gramaticalmente polifuncional quando dois domínios semânticos passam a coexistir no plano de expressão linguística e de relações semânticas, quando dois predicados estão justapostos – como é o caso dos nossos dados. A seguir, temos um infográfico que sistematiza essas informações.

Quadro 9: Espaço semântico das relações adverbiais.



Fonte: os autores.

4.2 Quantificação de predicados temporais e polifuncionais

No total, **351** ocorrências de predicados temporais foram identificadas. Um primeiro padrão claro que emerge dos dados é a posição sintática do predicado subordinado em relação ao predicado principal. Encontramos, assim, um total de **269** predicados antepostos e um total de **82** predicados pospostos. Do total de 351 ocorrências de predicados temporais, **11** deles são polifuncionais (apresentam polissemia para os valores de tempo e de CCC), sendo **5** com leitura secundária de causa, **5** com leitura secundária de condição e **3** com leitura secundária de concessão. Adicionalmente colocamos 5 ocorrências de ocorrências de oração temporal com leitura exclusiva de tempo introduzidas por PALM-UP. Assim, **337** ocorrências de predicados temporais apresentam uma leitura exclusiva de tempo.

Ainda em tempo, identificamos, como afirmamos em subseção anterior, que a maioria dos nossos dados não são introduzidos por uma conjunção manual adverbial. No entanto, notamos um possível candidato à conjunção temporal, que será analisado na subseção *Marcadores Manuais*. Nas subseções a seguir, apresentaremos ocorrências de predicados sem uma conjunção manual. As cinco ocorrências de tempo presentes na tabela são especificamente aquelas introduzidas por PALM-UP.

A tabela a seguir apresenta a quantificação dessas informações.

Tabela 3: Quantificação da presença de expressões não manuais e da posição do predicado subordinado em relação ao principal.

Predicado adverbial:	Tempo	Causa	Condição	Concessão
Frequência de uso	5	5	3	3
Sobancelha Arqueada	4	0	0	0
Sobancelha Franzida	0	5	2	3
Anteposição	5	7	4	1
Posposição	0	0	0	2

Fonte: os autores.

Pudemos analisar também em nossos dados as ocorrências com leitura exclusiva de tempo que são introduzidas por um sinal manual glosado ora por E(então), ora por E(quando) e ora por QUANDO: todos eles se satisfazem no PALM-UP. O uso desse sinal foi identificado em 5 dos indivíduos surdos entrevistados, além de seu uso ser frequente nas perguntas realizadas pela entrevistadora, ao longo da gravação. Encontramos cinco ocorrências de PALM-UP introduzindo a oração temporal, anteposta ao predicado principal. Na fala do entrevistado, o PALM-UP aparece no final da sentença interrogativa. Mostraremos em detalhes essas ocorrências ao longo desta seção. Além disso, as sentenças produzidas pela entrevistadora são casos de orações simples predicados simples, e não complexos, não sendo o foco dessa investigação. O uso desse sinal pelos sinalizantes surdos, apesar da sua baixa frequência, parece-nos ser uma pista interessante, considerando o fato de estar associado, em nossos dados, à leitura exclusiva de tempo. Isso difere das demais ocorrências, pois elas não são introduzidas por conectivos, antes, estão justapostas. Esse talvez possa ser um critério gramatical em nossa análise de dados. Em Crescêncio Neto (2021), o PALM-UP, apesar de estar associado a orações de tempo, o autor chegou a conclusão, após uma discussão aprofundada com a Banca de Defesa da Dissertação, que esse sinal se refere a um marcador discursivo (cf. Crescêncio Neto, 2021).

Importante mencionarmos um questionamento pertinente que surgiu durante a análise dos dados:

- (1.) O contexto discurso pode favorecer determinada interpretação?
 - a. O que estamos entendendo por contexto discursivo?
- (2.) O gênero textual empregado pode influenciar na construção de determinado uso linguístico?
- (3.) A análise de Narrativas de Experiência pode revelar alguma informação crucial que justifique e esclarece a interpretação polifuncional de orações temporais?

Os dados encontrados por nós são interessantes, pois encontramos neles parâmetros que reforçam o uso não prototípico de predicados causais e condicionais. Notamos que a leitura polifuncional pode estar associada com o fato de ser um uso marcado desse predicado, não prototípico, diferentes dos dados apresentados pela

literatura para orações com leitura exclusiva de condição (cf. Rodrigues, 2020; Aleixo, 2021; Klomp, 2019; Pfau, 2016) e de causa (Rodrigues, 2020; Pfau, 2016).

Em Narrativas de Experiência, notamos uma produtividade forte com relação às orações temporais: eles são abundantes, e geralmente estão associados à marcação de tópicos discursivos. Isso já foi atestado por diversos autores no estudo do português do Brasil: estruturas adverbiais temporais associadas à posição e função pragmática de tópico, em gêneros narrativos (Neves, 2008).

Para a nossa análise, propomos critérios de identificação da oração temporal, de acordo com suas características gramaticais.

1. tipo de entrelaçamento semântico entre os predicados temporal e principal;
 - a. tempo
 - b. causa
 - c. condição
 - d. concessão
2. posição do predicado temporal em relação ao predicado principal;
3. tipo de estado de coisas veiculado pelos predicados temporal e principal.
4. correlação de eventos entre os predicados temporal e principal;
5. sequência temporal icônica.

- Hipótese: predicado causal não prototípico

Num primeiro momento, nossa hipótese era a de que a posposição do predicado temporal favoreceria a leitura secundária para o valor de causa, segundo a literatura (Pfau, 2016; Rodrigues, 2020; Aleixo, 2021). No entanto, encontramos em nossos dados um comportamento sintático não prototípico do predicado temporal com valor causal. Talvez esse fato seja relevante pois seja justamente essa não prototipicidade que faz com que nossos dados sejam polifuncionais. O uso não prototípico de uma estrutura causal favorece mais de uma leitura semântica: as leituras de tempo e de causa. Por outro lado, o uso prototípico, posposição em relação ao predicado principal, permite apenas uma leitura exclusiva de causa. Portanto, os traços [+ prototípico] e [- prototípico] estão estritamente relacionados ao contexto sintático. Mas, a pergunta que resta é, por que o contexto pragmático favorece um

uso linguístico não prototípico e, portanto, marcado? A resposta para esses questionamentos pode ser central em nossa investigação.

Outra pergunta que não podemos deixar de fazer é por que, nos dados de Rodrigues (2020), os predicados causais são predominantemente pospostos? Questionamos isso considerando o fato de que isso vai na contramão da iconicidade temporal (Haiman, 1983). Em uma relação lógico-semântica dentro de uma linha temporal, supõe-se que o evento-causa ocorra primeiro em relação ao evento-consequência, que ocorre em sequência. Porque o uso prototípico do predicado causal vai de encontro à iconicidade temporal? Que diferenças semântico-pragmáticas podem ser associadas à anteposição e à posposição do predicado causal?

Rodrigues (2022) observa, em maioria, sentenças com marcadores manuais causais - PORQUE e MOTIVO, que podem não suscitar valores temporais. Nesses casos, a posposição é predominante. Nossa pesquisa, ao contrário, analisa orações sem esses marcadores manuais.

É necessário verificar a quantidade de ocorrências de predicados causais que ocorrem em anteposição e em posposição encontrados em Crescêncio Neto (2021), e compará-los com os dados obtidos nesta Tese de Doutorado. Após essa quantificação ser realizada, é possível identificar divergências? Quais? Por quê?

Verificamos em nossos dados que as ocorrências de predicado com leitura secundária de causa ocorrem preferencialmente antepostas ao predicado principal. Apesar de ser um uso não protótipo do predicado causal, essas ocorrências exibem um padrão associado à iconicidade temporal.

4.3 Tipologia semântica do estado de coisas polifuncional

Nas subseções a seguir, iremos apresentar uma descrição das ocorrências encontradas em nosso corpus, elencando as leituras secundárias para os valores semânticos de causa, de condição e de concessão. Em outras palavras, as ocorrências que iremos apresentar podem conter uma leitura primária de tempo, bem como podem ter uma leitura secundária para os valores semântico de causa, de condição e de concessão. É importante ressaltarmos que uma ocorrência na qual uma expressão linguística única, em nível sintático, pode simultaneamente receber duas

leituras: uma primária e outra secundária, em nível semântico. A possibilidade de receber duas leituras, portanto, é o que estamos chamando aqui de polifuncionalidade gramatical do Estado de Coisas temporal.

Nessa perspectiva, encontram-se elencadas a seguir ocorrências expressas, no nível sintático, por meio da justaposição, isto é, duas unidades linguísticas codificadas sem a presença de um conector gramatical. Essas unidades linguísticas podem ser classificadas como Estados de Coisas principal e subordinado, este último chamado também de temporal – valor semântico base, que recebe as leituras primária de tempo e secundária para os demais valores adverbiais.

Outra informação relevante a ser observada é o fato de a leitura secundária para os valores semânticos não ser favorecida por meio de conectivos, como conjunções, assim como a literatura apresenta para as línguas orais, como o português (Cunha; Cintra, 2007). As leituras secundárias, então, são favorecidas pelo contexto semântico-pragmático presente na expressão linguística produzida. Iremos descrever, assim, (a.) os contextos sintáticos, como anteposição, posposição e intercalação do Estado de Coisas temporal em relação ao Estado de Coisas principal, veiculados, respectivamente, pelos segmentos subordinado e principal; (b.) e os valores semânticos de causa, de condição e de concessão que, pelo fato de se desenvolverem a partir do valor temporal, valor adverbial mais básico, podem ser identificados ao serem concebidos como uma leitura secundária. Além disso, iremos considerar outros aspectos, como (c) o tipo de estado de coisas expresso pelos predicados temporal e principal, e (d) a possível relação entre expressões não manuais e as leituras secundárias. As análises nos níveis linguísticos sintático e semântico nos levam, naturalmente, ao nível de análise linguística da pragmática, fazendo-nos analisar e descrever, também, os contextos de uso mais ou menos pragmaticamente salientes que favorecem as leituras secundárias.

A descrição e análise linguística, nos níveis mais altos, como a semântica e a pragmática, implica necessariamente um trabalho gradual e penoso, considerando o fato de que há pouca literatura sobre o tema. Para o estado atual dessa investigação, iremos apresentar as evidências linguísticas - sintáticas, semânticas e pragmáticas, que podem sinalizar esse caminho pelo qual estamos nos enveredando.

4.3.1 Análise da correlação entre predicados polifuncionais e principal: visão geral

Com base na tipologia de Estado de Coisas proposta por Dik (1989), identificamos os tipos de Estado de Coisas expressos pelos predicados temporal e principal. A partir dessa análise, identificamos alguns padrões que podem estar associados às leituras polifuncionais. Com relação a leitura secundária de concessão, identificamos que o mesmo tipo de EsCo expresso no predicado temporal, também ocorre o predicado principal. Ocorrem, assim, os EsCo do tipo Ação e Estado.

Com relação a leitura secundária de causa, todos os EsCo expressos pelo predicado principal se configuram como Processo. Isso é muito característico da relação de causa, pois o sujeito expresso no predicado principal sofre a consequência da causa expressa no predicado causal.

Com relação a leitura secundária de condição, duas ocorrências correlacionam Estado e Ação respectivamente, e duas expressam o mesmo tipo de EsCo tanto no predicado condicional quanto no principal: Ação.

Quadro 10: Correlação entre os predicados polifuncionais e principal.

	Oração Polissêmica	Oração Principal
Relação Concessiva		
Ocorrência 116	Estado	Estado
Ocorrência 117	Estado	Estado
Ocorrência 118	Ação	Ação
Relação Causal		
Ocorrência 109	Estado	Processo
Ocorrência 110	Estado	Processo
Ocorrência 111	Estado	Processo
Ocorrência 112	Estado	Processo
Ocorrência 113	Estado	Processo
Ocorrência 114	Ação	Processo
Ocorrência 115	Estado	Processo

Relação Condicional		
Ocorrência 120	Ação	Ação
Ocorrência 121	Ação	Ação
Ocorrência 122	Ação	Ação

Fonte: os autores.

No quadro acima, expomos os tipos de correlações de tipo de Estados de Coisas que podem ocorrer entre as orações temporal (polissêmica) e principal.

4.4 Marcação de tópico e as relações adverbiais

Esse padrão de predicados polifuncionais em função de tópico não é uma casualidade. É justamente nesse ponto que os predicados temporais podem ser analisados por meio de uma perspectiva discursivo-pragmática. Percebemos na literatura uma série de convergências entre a definição de tópico e de prótase, quando se trata, por exemplo, de predicados condicionais. Segundo Neves (2008), três evidências revelam a convergência desse fenômeno linguístico:

(i) a semelhança entre as definições de condicionais encontradas na literatura filosófica e as definições de tópicos encontradas na linguística;

(ii) o fato de que os tópicos e as prótases codificam informação dada, constituindo, portanto, um quadro de referência a partir do qual pode ser avaliada a verdade ou a adequação do que é expresso na sentença nuclear;

(iii) a semelhança entre as marcas morfológicas que codificam tópico e prótase, em línguas não-relacionadas; recorde-se que semelhanças na superfície das categorias gramaticais geralmente refletem semelhanças formais.

Essa última evidência traz à tona a fala de Kortmann (1996), quando o autor afirma que a (dis)similitude na forma reflete (dis)similitude na função. Tópicos e predicados adverbiais em posição inicial de sentença apresentam a mesma função discursivo-pragmática. Apresentamos abaixo, em tópicos, as funções discursivo-pragmáticas de cada valor adverbial em posição de tópico.

- Predicado temporal (leitura exclusiva de tempo): é a perspectiva, a moldura temporal no qual o evento principal se desenvolve;
- Predicado condicional (leitura secundária de condição): é o quadro de referência a partir do qual pode ser avaliada a verdade ou a adequação do que é expresso na sentença nuclear (Neves, 2008).
- Predicado concessivo (leitura secundária de concessão): é a suposta não condição na qual o evento principal se desenvolve.
- Predicado causal (leitura secundária de causa): é a causalidade por meio da qual o estado físico, moral e emocional do sujeito se altera no evento principal.

Klomp (2019), aponta para a mesma direção que Neves (2008), uma vez que há em seus dados a mesma correlação entre os conceitos de tópico e de condicionalidade na língua de sinais germânica (DGS). A autora afirma que um de seus desafios metodológicos se refere justamente ao fato de ter dificuldade para diferenciar, na tradução, se suas ocorrências se tratam de um tópico ou de uma condicionalidade.

Percebemos, de acordo com a literatura (Neves, 2008; Klomp, 2019; Figueiredo; Lourenço, 2019), que as marcações gramaticais de tópico estão associadas, respectivamente, a:

Figueiredo e Lourenço (2020):

- Construções de tópico;
- Construções do tipo S/N;
- Construções interrogativas QU-;
- Construções relativas;
- Construções condicionais;
- Construções temporais;

Klomp (2019):

- Condicionalidade;

Neves (2016):

- Condicionalidade;

Neves (2008):

– Temporalidade.

Podemos observar que uma mesma expressão linguística pode ser analisada sob diversos pontos de vista linguístico. Concordamos com e ressaltamos a análise proposta por Figueiredo e Lourenço (2019), uma vez que os autores trabalham com as inter-relações entre os níveis discursivos, observando que os níveis se cruzam e se relacionam de alguma forma: como, por exemplo, observar que a anteposição do tópico, que veicula informação velha/compartilhada ou inferível. As expressões linguísticas analisadas não se satisfazem em uma relação de um para um, mas sim de um para muito níveis de análise.

Com relação às construções tópico citados por Figueiredo e Lourenço (2020), consideramos que Tópico é o empacotamento pragmático no qual determinada informação é expressa, na estrutura informacional discursiva. O sinalizante enuncia, no processo de narração, tópicos discursivos para o encadeamento das informações. Isso está relacionado à intenção comunicativa de orientar o interlocutor para os desdobramentos da narrativa ao longo de uma linha temporal. A partir desse ponto é que os valores adverbiais emergem para a codificação de relações temporais dentro de um enquadramento espacial, daí, portanto, a relação entre eles. Em outras palavras, o predicado temporal pode relacionar-se com o predicado principal sob uma relação de causalidade, de condicionalidade ou de concessão. Inclusive, é importante ressaltarmos a necessidade de analisarmos também o tipo de informação veiculado nesses casos. Isso pode responder ao porquê de orações causais sem marcação manual estarem numa posição inversa à que Rodrigues (2020) observa.

Os predicados polifuncionais, portanto, são codificados em sua maioria em posição de tópico, pois são o enquadramento semântico no qual o evento do predicado principal se desenvolve. Isso significa que os predicados polifuncionais ocorrem preferencialmente antepostos ao predicado principal. No entanto, isso não ocorre sempre, havendo, assim, casos de posposição. No entanto, a questão está em observar porque o informante codifica a oração de forma posposta. O que há de diferente entre eles além da posição. É importante, portanto, aprofundarmos as discussões que podem trazer a compressão de como fica, nos casos de posposição, a interpretação do predicado polifuncional.

Apontando para a mesma direção, Hengeveld e Mackenzie (2008) definem tópico como “função pragmática atribuída a um constituinte [ou a uma sentença] para assinalar como o conteúdo comunicado se relaciona ao registro construído gradualmente no componente contextual”. Os autores também afirmam que a função Tópico “parte da dimensão Tópico-Comentário” na qual os predicados temporais antepostos ao predicado principal correspondem, respectivamente, à estrutura informacional de Tópico-Comentário. Assim o predicado polifuncional fornece “um tipo específico de orientação para o estoque de informação nova a ser apresentada” (Hannay; Martínez-Caro, 2008, p.60).

4.6 Gênero e tipo textual

Embora não seja o foco desta pesquisa, outro fato interessante identificado por Lima-Hernandez (1998), que acreditamos ser pertinente citar, diz respeito aos tipos textuais empregados e sua correlação com o uso de relações temporais ou causais. Para os discursos narrativos, a autora identificou que a relação de tempo é privilegiada. E para discursos argumentativos, a relação de causa ganha destaque. Além disso, a anteposição da sentença temporal é a posição mais frequente nesses tipos discursivos, com exceção do narrativo escrito. No tipo textual narrativo, as sentenças temporais atuam como orientação; no argumentativo, elas funcionam como encaminhamento, quando antepostas. Quando estão pospostas, elas estão ligadas à função avaliativa ou argumentativa, tanto no narrativo quanto no argumentativo (Lima-Hernandez, 2008).

Nessa mesma direção, Decat (1993) sugere a hipótese de que o uso da sentença temporal estaria relacionado ao gênero textual, à modalidade e à variação individual, concluindo que a relação de tempo é a mais recorrente no narrativo oral e escrito.

Com relação às características do tipo textual Narrativo, observamos em nossos dados que a referência de tempo se faz por meio do uso de predicados temporais em posição de tópico, em que o sinalizante orienta o desenvolvimento e a sucessão de evento numa linha temporal. Assim, dada a abundância de predicados temporais, identificamos que eles são o evento, a perspectiva, a moldura temporal no qual o evento principal, veiculado pelo predicado temporal, se desenvolve.

Nessa perspectiva, em nosso corpus, pudemos verificar que a estrutura narrativa tem como fundamento as redes de relações temporais, por meio das quais o sinalizantes apresenta, contextualiza e relaciona os fatos no processo de enunciação. A enunciação, por sua vez, constitui-se pela integração de eventos e, portanto, de novos espaços e referência temporais (cenário).

4.7 Análise do predicado temporal com valor exclusivo de tempo

Com base em nossa Análise de Dados, identificamos que o predicado temporal, quando introduzido por um marcador manual, realiza-se total ou parcialmente em relação com o arqueamento de sobrelinhas, expressão não manual. Isso oferece para as pesquisas em línguas de sinais a descrição da simultaneidade da realização de camadas de informações visuais em libras. Desse modo, podemos entender que a marcação do arqueamento de sobrelinhas pode representar o domínio sintático entre o predicado temporal e o predicado principal, o que reforça os estudos realizados por Figueiredo e Lourenço (2020), que apontam para a mesma direção. Essa convergência entre essas pesquisas revela que gêneros textuais diferentes (Fábula e Narrativa de Experiência) – apesar dos dois gêneros se estruturarem no tipo textual narrativo, utilizam os mesmos mecanismos gramaticais que mobilizam a mesma expressão não manual: o arqueamento de sobrelinhas.

Nessa subseção, iremos apresentar uma sequência de ocorrências que evidenciam um possível candidato a conjunção temporal em libras, glosado ora por E(então), ora por E(quando), ora por QUANDO. É importante observarmos que essas ocorrências se diferenciam dos demais valores adverbiais considerando o fato de que não são introduzidos por uma expressão não manual. Além disso, essas ocorrências se caracterizam pelo fato de o predicado temporal ocorrer, sintaticamente, em posição inicial de sentença, logo apresentam a função pragmática de tópico. Nessa perspectiva, uma série de evidências convergem para uma mesma direção:

1. a anteposição do predicado temporal em relação ao predicado principal;
2. a marcação de tópico do predicado temporal;
3. o arqueamento de sobrelinhas na realização do predicado temporal;
4. a articulação entre os predicados por meio de marcador manual.

Notamos também que essas informações linguísticas apresentam o modo como o surdo organiza a estrutura informacional nos discursos produzidos em libras. Predicado temporal em posição de tópico representa uma informação velha, compartilhada pelo surdo entrevistado e pelo entrevistador.

4.8 Análise e descrição das expressões manuais e não manuais do predicado temporal

Com relação à ocorrência 103, observamos que a sentença é introduzida por um sinal glosado no Corpus de Libras por E(então), acompanhado pela projeção do queixo e pelo arqueamento de sobrancelha que se estende até a realização do sinal glosado por PROVA, simultâneo ao abaixamento do queixo. Descrevemos, desse modo, que o predicado temporal é delimitado pelo arqueamento de sobrancelhas, bem como tem o seu início e fim associado, respectivamente, pela projeção e abaixamento do queixo. Além disso, podemos notar que o sinalizante mantém a direção dos seus olhos para o seu interlocutor durante todo o predicado. O predicado principal, por sua vez, está associado às sobrancelhas em estado de repouso, e a direção dos olhos está direcionado para a região intermediária esquerda.

Essa ocorrência foi classificada como um caso de simultaneidade total, uma vez que os eventos expressos pelos predicados temporal e principal ocorrem ao mesmo tempo. Uma possível tradução dada a essa ocorrência foi feita com o uso da conjunção *enquanto*, considerando o fato de sua semântica estar mais relacionada a essa nuance temporal



Ocorrência 103 : Leitura exclusiva de tempo: ‘Quando <i>q</i> , <i>p</i> ’			
Oração Subordinada Temporal		Oração Principal	
QUANDO PROVA		E(papel) IX(eu) SABER-NÃO	
			
Arqueada_____		Repouso_____	
Para frente_____		Direção intermediária esquerda_____	
a. Mouthing ‘quando’ b. Lábios abertos c. Queixo projetado		a. Boca fechada b. Lábios fechados c. Queixo abaixado	
Espaço frontal_____		Espaço intermediário esquerdo_____	
Enquanto realizava a prova, eu não sabia o que aquilo significava.			

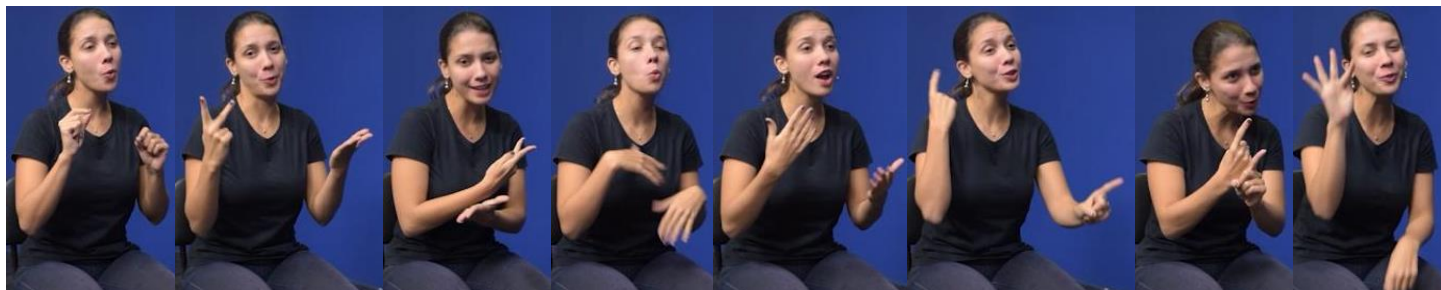
Com relação à ocorrência 104, notamos que a sinalizante faz uma preparação inicial antes de sinalizar o predicado temporal: a ocorrência dos sinais glosados por O-QUE ACONTECER, que, do nosso ponto de vista, está sendo empregado para abrir um frame temporal. Em seguida, ela realiza o sinal glosado por QUANDO para introduzir o predicado temporal. Com relação ao arqueamento de sobrancelhas, ele está associado apenas ao início do sinal ENCONTRAR, logo após as sobrancelhas ficarem em estado neutro. O predicado principal, que se realiza em sequência, é acompanhado pelas sobrancelhas em posição de repouso.

Com relação à direção dos olhos, ela está sempre voltada ao interlocutor, com exceção da realização dos sinais FACULDADE e INCLUSÃO, na qual a sinalizante dirige os olhos para o local onde os sinais são realizados.

Ocorrência **104**: Leitura exclusiva de tempo: 'Quando q, p ': Débora (tempo: 07:21)

Oração Subordinada Temporal

O-QUE · ACONTECER · QUANDO · ENCONTRAR · FACULDADE



Neutra _____ |_ Contraída _|_ Arqueada _____ |_ Neutra _____

Frente _____ |_ Esquerda _|_ Embaixo _____ |_ Frente _____ |_ Interlocutor _____

O-QUE _____ |_ mouthing _____ |_ Mouthing 'quando' _____ |_ mouthing _____ |_ mouthig _____

neutro _____ |_ projetado _____ |_ abaixado _____ |_ neutro _____

Frente do corpo _____

Quando eu me encontro na faculdade, há inclusão de surdos.

Oração Principal

INCLUSÃO SURDO



neutra _____

baixo _____ |_ frente _____

neutro _____ |_ projetado _____ |_ neutro _____



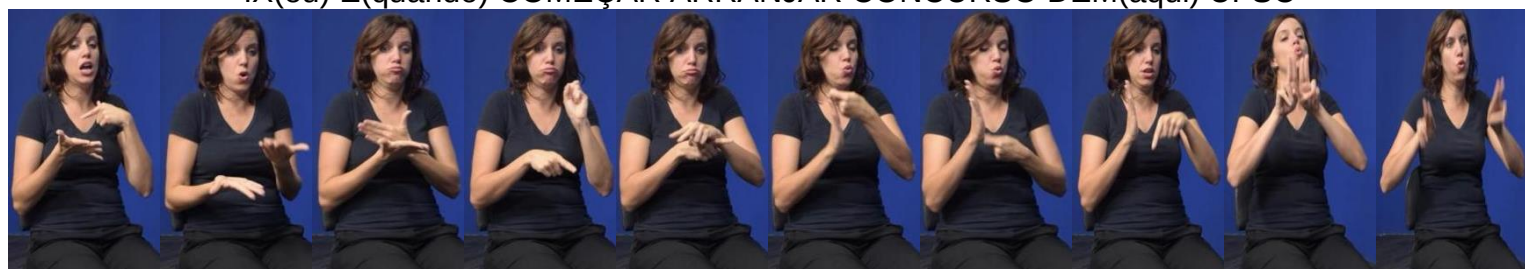
Com relação à ocorrência 105, a sinalizante Fernanda inicia o predicado temporal com o sinal IX(eu), evocando o sujeito da sentença e, logo após, realiza o marcador manual que encabeça o predicado temporal glosado por E(então). Simultaneamente a essas informações manuais, Fernanda arqueia as sobrancelhas durante toda a realização do predicado temporal. Identificamos, para a realização do predicado principal, que a sinalizante franze as sobrancelhas, bem como projeta o queixo quando realiza os sinais JÁ e CONCURSO. Essa informação é interessante uma vez que ela, coincidentemente, projeta o queixo quando realiza um sinal de classe gramatical adverbial: o sinal JÁ. Assim, parece-nos que a sinalizante delimita os predicados temporal e principal, criando, portanto, uma fronteira sintática.



Ocorrência **105**: Leitura exclusiva de tempo: 'Quando *q*, *p*': Fernanda (17min58)

Oração Subordinada Temporal

IX(eu) E(quando) COMEÇAR ARRANJAR CONCURSO DEM(aqui) UFSC



Arqueada _____ | _Neutra _____ | _Arqueada _____

Esquerda _____ | _Piscada _____ | _Esquerda | _Frente _____

EU _____ | _mouthing_ | _fechada _____ | _arredondada _____ | _mouthing_ | _mouthing_ _____
Neutro _____ | _projetado_ | _neutra _____

Frente-
esquerda _____ | _frente _____

Quando começou o concurso aqui na UFSC, também tinha caga no concurso no INES no Rio.

Oração Principal

TAMBÉM JÁ CONCURSO ARRANJAR DEM(lá) INES+



Contraída_____ | _neutra_____

Frente_____ | _piscada__ | _frente_____

Língua_____ | _dentes_____ | _CONCURSO_____ | _contraído_ | _dentes_____

Frente_____

Quando começou o concurso aqui na UFSC, também tinha caga no concurso no INES no Rio.

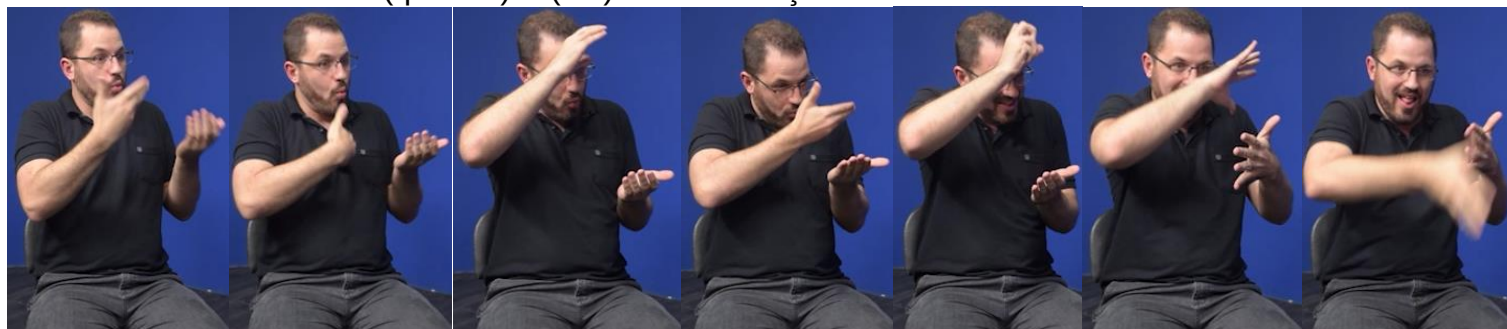
Um aspecto interessante com relação à ocorrência 106 é o fato de que o sinalizante evoca, no início de ambos os predicados, o respectivo sujeito sintático. Coincidentemente ao arqueamento de sobrancelha durante a realização do predicado temporal, o surdo Thiago faz referência ao seu tio por meio da sinalização de IX(ele) TIO. Ao iniciar o predicado principal, as sobrancelhas passam a estar em posição neutra e é introduzido um novo referente, no caso a si mesmo pelo sinal IX(eu).



Ocorrência **106**: Leitura exclusiva de tempo: 'Quando q , p ': Thiago (24min29)

Oração Subordinada Temporal

E(quando) IX(ele) TIO COMEÇAR APRENDER LIBRAS



Arqueada_____

Frente_____

mouthing_____ | _contraído_____ | _dentes_____ | _língua_____

Frente_____

Quando meu tio começou a aprender libras, meu vocabulário do português aumentou.

Ocorrência **107**: Leitura exclusiva de tempo: 'Quando q , p ': Thiago (24min29)

Oração Principal

X(eu) VOCABULÁRIO PORTUGUÊS MAIOR



Neutra_____

Frente_____

aberta_____ | _mouthing_____ | _mouthing_____ | _mouthing_____ | _fechada_____

Frente_____

Quando meu tio começou a aprender libras, meu vocabulário do português aumentou.

A ocorrência 108, no entanto, foge ao padrão de arqueamento de sobrançelha, apesar de apresentar uma leitura exclusiva de tempo. Seria importante aprofundarmos a análise. O arqueamento de sobrançelha não é uma característica determinante das sentenças que apresentam leitura exclusiva de tempo, segunda a literatura (cf. Fundamentação Teórica).



Ocorrência **108**: Leitura exclusiva de tempo: 'Quando q, p ': Antônio (1min40):

Predicados Temporal e Principal

E(então) NÃO-COMUNICAÇÃO VER LÍNGUA-DE-SINAIS ADQUIRIR

neutra_____

piscada_____ | _frente_____ | _direita_____ | _frente_____

ferradura_____ | _neutra_____

frente_____ | _direita_____ | _frente_____

Quando há uma barreira na comunicação, eu observo a língua de sinais e a adquiro

4.9 Análise do predicado temporal com leitura secundária de causa

As ocorrências apresentadas a seguir favorecem a leitura secundária de causa. Sua estrutura gramatical interna é composta por um Estado de Coisas principal e por um Estado de Coisas temporal.

Ressaltamos que no estado atual da pesquisa não iremos discriminar se o Estado de Coisas temporal-causal pertence aos domínios: de conteúdo, epistêmico ou dos atos de fala (cf. Neves, 2008). Será destacada em nossas análises a oração, expressa por uma unidade linguística, que veicula uma causa, e a oração, expressa por uma unidade linguística justaposta, que veicula uma consequência, isto é, efeito daquela. Discutiremos, então, relações lógico-semânticas de CAUSA-CONSEQUÊNCIA e como elas são codificadas em discursos sinalizados produzidos por indivíduos surdos, usuários da libras.

Como se pode observar, o evento com valor de causa é expresso na posição inicial da sentença, e o evento com valor de consequência, expresso na posição final. Em nossos dados, até o momento atual, identificamos que o EsCo temporal-causal é expresso anteposto ao EsCo principal, sendo essa a ordem não marcada.

Por exemplo, há uma ocorrência em que a participante Fernanda relata sua experiência de vida ao se deparar com uma sociedade na qual as pessoas, que majoritariamente se comunicam por meio da língua oral, não compreendem a língua de sinais, motivo pelo qual os surdos, minoria social, ficam angustiados. Com base nesse relato, identificamos que o evento de as pessoas não compreenderem a língua de sinais causa o evento de os surdos se angustiarem.

Além disso, o Estado de Coisas expresso pelo predicado temporal, com leitura secundária de causa, provoca uma mudança involuntária em relação ao aspecto físico, ao estado, à saúde, à personalidade ou ao humor da entidade presente no EsCo principal, expresso pelo predicado principal. Isso é o que pode ser identificado nas ocorrências abaixo, uma vez que o sujeito de cada predicado principal sofre uma mudança física, moral ou emocional. Identificamos isso nos eventos nos quais os falantes comunicam as suas emoções, como angustiar-se, magoar-se, impressionar-se, entre outros.

Com relação ao uso de expressões não manuais, identificamos o franzimento de sobrancelhas realizado durante o predicado causal.

4.9.1 Ordem e mobilidade do predicado causal

Com relação à leitura secundária para o valor de causa, o predicado que o veicula também é codificado em posição de tópico. Um fato interessante para esse tipo de predicado diz respeito ao fato de ele estar relacionado à iconicidade temporal, isto é, ele segue a ordem icônico-temporal com que os eventos dos predicados temporal e principal se desenvolvem: o evento-causa antecede o evento-consequência. Além disso, o evento-causa, veiculado pelo predicado polifuncional, provoca uma mudança significativa no evento-consequência. Esse padrão de mudança significativa na entidade presente no predicado posposto é bem produtivo em nossos dados, considerando que identificamos 7 ocorrências com leitura secundária de causa.

Além disso, identificamos que esse padrão também está associado à não inversão potencial da ordem, pois, caso ocorresse, a leitura da sentença como um todo poderia apresentar outra interpretação. As relações de causa e de consequência, numa ordem icônico-temporal, favorecem a anteposição do predicado causal (polifuncional).

4.9.2 Discussão sobre a leitura secundária de causa

Porque em minhas ocorrências o predicado temporal, com leitura secundária de causa, ocorre anteposto ao predicado principal, e não faz uso de levantamento de sobranças? Por que, por outro lado, o uso de levantamento de sobrança está associado aos predicados temporais introduzidos por marcadores manuais? Os predicados com leitura secundária de causa estão associados ao uso de franzimento de sobranças durante a sua realização.

Além disso, também identificamos que a sucessão lógico-temporal de anterioridade do predicado temporal favorece a leitura de causa. Em outras palavras, a sucessão de eventos em uma linha temporal corresponde à cadeia icônico-temporal entre causa e consequência. Assim, na realidade física, o evento causa precisa ter sua realização completa para que o evento consequência se realize.

É polifuncional justamente pelo fato de não apresentar os traços mais prototípicos de um predicado causal posposto:

- a. Uso de conjunção subordinada causal;
- b. Uso de arqueamento de sobranças;

c. Posposição do predicado causal.

Todas essas informações são óbvias. O questionamento que mais nos intriga é qual contexto pragmático motivou a formação dessas sentenças? Por que elas foram produzidas no discurso em libras? Em quais contextos são empregados? Quais outras contribuições o estudo da polifuncionalidade semântica pode nos oferecer para a área da linguística de línguas de sinais e para a ciência?

Ainda em tempo, apresentamos uma pequena observação quanto à análise de Neves, Braga e Dall'Aglio-Hattner (2008, p. 946-947), uma vez que a afirmação delas vai de encontro ao fato de que, em nossos dados (cf. Análise de Dados), há, predominantemente, uma sucessão regular, lógica e icônica com relação aos Estados de Coisas expressos pelos predicados temporal e principal. É importante ressaltar isso, pois, tanto em língua portuguesa na modalidade oral (Neves; Braga; Dall'aglio-Hattner, 2008), quanto em libras (Rodrigues, 2020), a sentença causal apresenta como ordem preferencial a posposição, enquanto nos meus dados, os predicados causais ocorrem antepostos ao predicado principal.



Ocorrência 109 : Leitura secundária de Causa: 'Porque q , p ' Thiago (08min46)	
Predicado Causal	Predicado Principal
RIR IX(eu) PERCEBER 	ANGÚSTIA E(magoar) 
Neutra_____	Contraída_____
Esquerda_____	Direita_____ _Frente_____
Neutro_____ _Projetado_____	Ferradura_____
Frente_____	Frente_____
Traducao UFSC: Riam tanto que me deixavam angustiado, magoado.	
P1: Quando riam de mim e eu percebia, eu ficava angustiado e magoado.	
P2: Como riam de mim, eu ficava angustiado e magoado.	



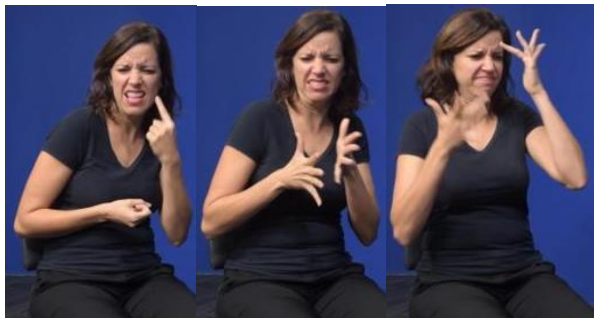
Ocorrência **110**: Leitura secundária de causa: ‘Porque *q*, *p*’ Ana Regina (5min24)

Predicado Causal	Predicado Principal
SENTAR// LÍNGUAS-DE-SINAIS	IX(eu) ADMIRAR DV(boquiaberta)
	
Contraída_____	Contraída_____
Direita_____	Direita_____
Mouthing_____ _Contraída____ _Mouthing_____	Mouthing_____ _Mouthing____ _Mouthing_____
Direito_____	Direito_____
P1: Quando eles sinalizavam fluentemente, eu ficava boquiaberta.	
P2: Como eles sinalizavam fluentemente, eu ficava boquiaberta.	



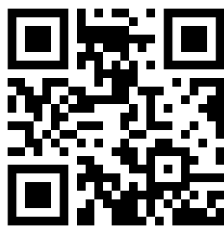
Ocorrência 111: Leitura secundária de causa: 'Porque q, p'.	
Predicado Causal	Predicado Principal
MÊS MAIO MULHER VOVÓ DOENÇA CÂNCER 	MORRER 1997 
Neutra_____ _Contraída____ _Neutra_____	Neutra_____
Semicerrada_____ _Frente_____	Frente_____
Mouthing_____ _Mouthing____ _Mouthing_____	Fechada_____ _Aberta_____
Frente_____	Frente_____
Em maio, minha vovó, quando teve um câncer, morreu em 1997.	
Em maio, minha vovó, por causa de um câncer, morreu em 1997.	



Ocorrência 112 : Leitura secundária de causa: 'Por causa de q, p ' Fernanda (5min30)	
Predicado Causal	Predicado Principal
SURDO LÍNGUA-DE-SINAIS NÃO-SABER 	ANGUSTIAR-SE 
Franzidas	Franzidas
Esquerda	Direta
a. Dentes à mostra b. Queixo retraído c. Boca aberta	a. Dentes á mostra b. Queixo projetado c. Boca semicerrada
Esquerdo	Direto
Quando os ouvintes, línguas de sinais, não sabem, os surdos ficam angustiados.	
Pelo fato de os ouvintes não saberem LS, os surdos ficam angustiados.	



Ocorrência 113 : Leitura secundária de causa: 'Por causa de <i>q</i> , <i>p</i> ' Thiago (02min05)	
Predicado Causal	Predicado Principal
LIVRO IX(eu) VER TER XXX IX(eu) VER_ 	LEGAL 
Contraída_____	Contraída_____
Frente_____	Frente_____
Neutro_____ _Abaixado_____ _Abaixado+_____ _Neutro____	Abaixado_____
Frente_____	Frente_____
Olhei o livro e nele tinha um alfabeto, fiquei impressionado.	
Quando olhei para o livro e vi que nele havia um alfabeto, fiquei impressionado.	



Ocorrência **114**: Leitura secundária de causa: 'Por causa de q , p ' Thiago (04min58)

Predicado Causal

Predicado Principal

APRENDER LÍNGUA-DE-SINAIS

ALEGRE



Neutra _____ | _Contraída_____

Neutra _____

Frente _____ | _Direita_____

Frente _____

Neutro _____ | _Projetado_____

Neutro _____

Frente _____

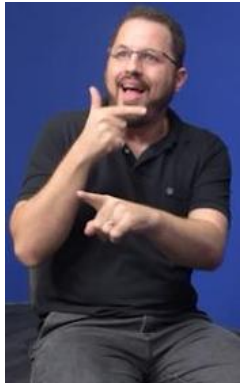
Frente _____

Adquiri a fluência na Língua de Sinais, já estava mais alegre.

Quando eu aprendia LS, eu ficava mais feliz

Devido ao fato de eu aprender LS, eu ficava mais feliz.



Ocorrência 115 : Leitura secundária de causa: 'Por causa de q , p ': Thiago (03min27)	
Predicado Causal	Evento Principal
PROVOCAR PORQUE COMUNICAR NÃO PROVOCAR 	RIR 
Neutra_____ _Contraída_____ _Neutra_____	Arqueada_____
Esquerda_____ Frente_____ _Esquerda_____ _Frente_____	Esquerda_____
Neutro_____ _Ferradura_____ _Neutro_____	Dentes-a-mostra_____
Esquerdo-frente_____	Esquerda-frente_____
Porque não havia comunicação, então eu provocava as pessoas e elas riam.	
Quando não havia comunicação, então eu provocava as pessoas e elas riam.	

4.10 Análise do predicado com leitura secundária de concessão

Apresentamos a seguir ocorrências que favorecem uma leitura secundária de concessão. No discurso sinalizado produzido pelo participante Thiago, na ocorrência em 118, ele relata que durante determinado período da sua vida, no qual crescia junto de seu colega, ambos oralizavam. Dentro desse relato sobre a sua história de vida, o participante relata o evento de perder o contato com o dito colega e que, apesar dessa perda, o evento de prosseguir oralizando, ao longo da sua vida, não foi afetado. Nessa perspectiva, percebemos o valor semântico concessivo entre esses eventos. O evento do seu colega desaparecer não impede o evento de ele continuar oralizando.

Apresentamos também uma outra ocorrência, em 117, na qual temos a expressão de um valor concessivo. Na ocorrência apresentada, a participante Ana Regina ao longo da sua vida, diz que vivenciou o modelo de educação inclusiva e que, mesmo após a mudança da nomenclatura de *inclusão* para *integração*, as ações educacionais daquele ainda continuaram as mesmas. Veja na ocorrência em 117.

Notamos, nas ocorrências em 116 e 117 um fato interessante, que se diferencia da ocorrência em 118. Pudemos observar que os predicados concessivos ocorrem pospostos ao predicado principal. Isso nos chama a atenção considerando o fato de que, no discurso produzido por Ana Regina, ele codifica informações que favorecem a sua argumentação, quando questiona o fato das escolas inclusivas não efetivarem de fato o seu viés educacional inclusivo, apesar de receberem a denominação de integração. Isso se destaca aos nossos olhos porque vai ao encontro do que Lima-Hernandez (1998) afirmou em sua investigação, ao concluir que o discurso argumentativo, oral e escrito, favorece a posposição de sentenças adverbiais, por apresentarem o valor de *esclarecimento*.

Importante observar também que há outro padrão consistente do uso de uma expressão não manual, presente tanto na anteposição quanto na posposição: a boca em posição de ferradura. Isso pode ser um elemento que favorece a interpretação concessiva na relação das orações concessiva e principal.

4.10.1 Ordem e mobilidade do predicado concessivo

A leitura secundária que está ligada à função argumentativa e, portanto, com a posposição, é a leitura de concessão, na qual encontramos 1 ocorrência de anteposição e 2 ocorrências de posposição num total de 11 predicados polifuncionais. Com relação à terceira ocorrência de predicado concessivo, notamos que se trata de um caso de

anteposição. Esse fato é interessante pois a função gramatical do predicado concessivo anteposto está relacionada ao fato de orientar temporalmente o interlocutor sobre a sucessão de fatos numa linha temporal. Na ocorrência em 116, percebemos que o fato de o colega surdo ter desaparecido, evento que ocorre antes numa linha temporal, é a perspectiva concessiva na qual o evento de ele continuar crescendo e oralizando ocorre. É importante destacarmos esse fato pois demonstramos como o surdo, usuário da libras, mobiliza as informações linguísticas, numa linha temporal, a fim de cumprir com seus propósitos argumentativos, seja para favorecer o tipo textual narrativo ou o tipo textual argumentativo.

Quando observamos as outras duas ocorrências em posposição ao predicado principal, percebemos que a inversão potencial da ordem não favorece uma narrativa. Nas ocorrências 116 e 117, a surda Ana Regina narra que, dentro de uma escola inclusiva, não há a separação dos alunos, apesar de a instituição de ensino ter um viés da integração. Isso favorece a interpretação de que a simultaneidade temporal possa favorecer uma leitura secundária de concessão, já que não exige iconicidade temporal, o que se diferencia das demais leituras adverbiais.

Esse fato é interessante pois nos mobiliza a investigar outros gêneros e tipos textuais para que se possa explorar o funcionamento e manutenção das informações no discurso sinalizado por indivíduos surdos.


Ocorrência 116: Leitura secundária de concessão: Ana Regina (13min1)

Predicado Principal

Predicado Concessivo

AQUI ESCOLA E(não) DIVIDIR MISTURAR

INCLUSÃO



Contraída_____

Contraída_____

Direita_____ | _Frente_____ | _Esquerda_____

Esquerda_____

Neutro_____

Ferradura_____

Projetado_____ | _Abaixado_____

Frente_____

Frente_____

No Instituto não havia uma separação, quando era uma inclusão.

No Instituto não havia uma separação, mesmo na inclusão.


Ocorrência 117: Leitura secundária de concessão: Ana Regina (12min47)

Predicado Principal

Predicado Concessivo

TER INCLUSÃO+ SEMPRE INCLUSÃO+

NOME FS(integração)


 Direita _____ | _Esquerda-atrás _____
 Contraída _____

 Frente _____
 Contraída _____

Frente _____

Frente _____

 Projetado _____ Projetado _____ | _Neutro _____
 Mouthing _____ | _Dentes _____ | _Fechada _____

 Neutro _____
 Mouthing _____

Frente _____

Frente _____

Sempre foi uma inclusão, enquanto o termo era integração.

Sempre foi uma inclusão, apesar de ter mudado o termo para integração.

Sempre foi uma inclusão, mesmo tendo mudado o termo integração



Ocorrência 118: Leitura secundária de concessão: 'Apesar de q , p ': Thiago (1min16)	
Predicado Concessivo	Evento Principal
CRESCER-JUNTOS IX(ele) E(embora) 	IX(eu) CRESCER ORALIZAR 
Contraída__ _Arqueada_ _Contraída____	Contraída_____
Para a direita	Para a esquerda
Esquerda_____	Direita_____
Lado direito	Lado esquerdo
Crescemos juntos ao longo da infância, mas quando ele sumiu, eu continuei oralizando.	
Crescemos juntos ao longo da infância, mas apesar de ele sumir, eu continuei oralizando.	
Em um certo período ele sumiu, foi embora e eu não me abati continuei crescendo e oralizando.	

4.11 Análise do predicado com leitura secundária de condição

Na ocorrência em 119, identificamos uma estrutura gramatical complexa. A participante Fernanda, ao fazer a sua narrativa de experiência pessoal, relata à entrevistadora sobre a sua experiência durante o período escolar. Ana Regina afirma que percebia e diferenciava dois espaços do seu cotidiano, o ambiente escolar e o ambiente familiar, nos quais, devido às condições histórico-sociais, devia apresentar comportamentos linguísticos adequados ao contexto comunicativo. O evento de estar presente no ambiente escolar condicionava o evento de se comunicar por meio da língua de sinais. O evento de estar presente no ambiente familiar condicionava o evento de se comunicar por meio da língua oral. Com base nessas condicionalidades, isto é, com base no contexto histórico-social no qual Ana Regina está inserida, ela estava condicionada a realizar ações para atender as demandas do seu dia a dia, de acordo com o contexto comunicativo. As informações linguísticas que originam essas análises encontram-se abaixo na discriminação da polifuncionalidade gramatical do Estado de Coisas temporal-condicional, isto é, as leituras primária e secundária.

Percebemos também, na análise de seu discurso, que os eventos de estar no ambiente escolar e no ambiente familiar apresentam um grau de interdependência semântica devido às condições às quais está submetida: um evento, em determinado local, demanda uma ação específica, simultaneamente ao fato de que o local determina outra ação específica. A informação linguística que origina essa análise encontra-se abaixo..

Na ocorrência em 122, identificamos um relato feito por Ana Regina no qual defende que a sociedade precisa conscientizar-se e perceber a importância de se conhecer a língua de sinais. O evento de divulgar a língua de sinais condiciona o evento de a sociedade perceber a importância dela.

4.11.1 Ordem e mobilidade do predicado condicional

Com relação à leitura secundária para os valores de condição, encontramos, predominantemente, a anteposição do predicado, também servindo como um tópico. Nessa situação, o predicado com leitura secundária de condição apresenta as condições discursivas sobre as quais o evento do predicado principal se desenvolve. Percebemos, na análise dessas ocorrências, a presença de uma iconicidade temporal, considerando-se o fato de que o predicado condicional precisa apresentar o traço [+ realizado], pois a sua

realização é a perspectiva semântica na qual o predicado principal possa ocorrer. A realização do evento-condição é um pressuposto para a realização do evento-condicionado, que se sucede, como é visto nas ocorrências

Na ocorrência em 121, o informante surdo afirma, no predicado condicional, que se há o desejo de viajar para os Estados Unidos, é importante ter conhecimento da língua inglesa. Isso demonstra que o evento de viajar para o Estado Unidado está condicionado à necessidade de conhecer a língua do país. Na ocorrência 122, há uma relação semelhante. A informante afirma que o evento de reclamar condiciona o evento de precisar fazer uso da língua de sinais. Nessas duas ocorrências, percebemos que o sinalizante mobiliza informações possíveis que podem se realizar a partir do evento expresso no predicado principal. Isso vai ao encontro do que afirma Neves (2008) quando a autora afirma que o predicado condicional “é o quadro de referência a partir do qual pode ser avaliada a verdade ou a adequação do que é expresso na sentença nuclear” (NEVES, 2008).

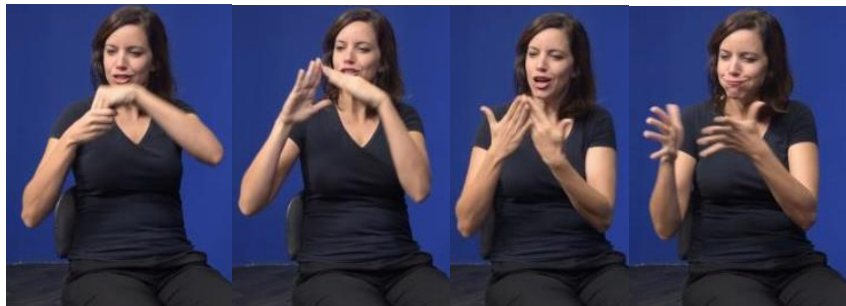
Não encontramos, em nossos dados, ocorrência de predicados condicionais (polifuncionais) pospostos em relação ao predicado principal.

Na ocorrência em 119, num primeiro momento pensamos se tratar de uma ocorrência com duas orações condicionais: (a.) se estou dentro da escola, eu uso língua de sinais; (b.) se estou em família, eu oralizo. Apesar dessa interpretação equivocada, identificamos que, na verdade, essa ocorrência se trata de uma oração contrastiva, uma vez que os segmentos DENTRO ESCOLA LÍNGUA-DE-SINAIS e DENTRO FAMÍLIA FALAR-ORAL, expressam uma oposição ou contraste. Em outras palavras, na perspectiva polissêmica desta investigação, nos entendemos que a relação temporal de simultaneidade identificada na sentença, pode favorecer uma inferência de contraste.

Ocorrência **119**: Leitura secundária de Contraste. Fernanda (4min49)

Oração Subordinada Contrastiva

DENTRO ESCOLA LÍNGUA-DE-SINAIS



Repouso

Para a esquerda

- a. Mouthing legível
- b. Dentes à mostra
- c. Lábios contraídos

Espaço esquerdo

Enquanto na escola eu sinalizo, com a minha família oralizo.





Ocorrência 119 : Leitura secundária de Contraste. Fernanda (4min49)			
Oração Principal			
DENTRO	FAMÍLIA	FALAR-ORAL	
Repouso Repouso			
Para a direita (semicerrados)			
a. Mouthing legível b. Dentes à mostra a. Mouthing de burburinho			
Espaço direito			

A marca prosódica de direção de olhos e de *roleshift* está relacionada à tradução total da sentença: Quando eu estou na escola eu sinalizo, enquanto que quando eu estou na minha casa eu oralizo.



Ocorrência **120**: Leitura secundária de condição : 'Se q , p ': Ana Regina (32min42)

Predicado Temporal

Predicado Principal

E(então) DIVULGAR SEMPRE

GRUPO INVENTAR IMPORTANTE



Contraída _____ | _Neutra_

Contraída _____

Abertos _____ | _Fechado_

Abertos _____

Direita _____ | _Esquerda_ _____
Neutro _____ | _Projetado_

Frente _____ | _Esquerda_ _____
Neutro _____

Frente _____

Frente _____

—

Quando for divulgado sempre, as pessoas perceberão a importância.

Se for divulgado sempre, as pessoas perceberão a importância

Não temos a força necessária, penso que se divulgarmos sempre, alguns grupos perceberão a necessidade, a importância.



Ocorrência 121 : Leitura secundário de condição (Ana Regina, 8min43)	
Predicado Temporal	Predicado Principal
ENTÃO TAMBÉM INGLÊS VIAJAR EUA 	IMPORTANTE INGLÊS 
Arqueada_____	Arqueada_____
Frente_____ Direita_____	Frente_____
Projetado_____	Abaixado_____
Frente_____	Frente_____
Quando for viajar para os Estados Unidos, é importante saber inglês.	
Se for viajar para os Estados Unidos, é importante saber inglês.	



Ocorrência **122**: Leitura secundária de condição: 'Se q , p ': Ana Regina (38min17)

Predicado Condicional

Predicado Principal

RECLAMAR+ DENUNCIAR ENTÃO

PRECISAR PORTUGUÊS



Arqueada____|_Contraída____|_Arqueada____|_Contraída____

Neutro_____

Frente_____

Frente_____

Projetado____|_Abaixado____|_Projetado____|_Abaixado____

Neutro_____

Frente_____

Frente_____

Se precisar reclamar, denunciar algo, preciso usar a língua deles.

Quando precisar reclamar, denunciar algo, preciso usar a língua deles.

4.12 Proposta de critérios para identificar um predicado com leitura polifuncional de em libras: discriminação das expressões não manuais

O estudo da subordinação adverbial atravessa o estudo das relações semânticas que emergem pela justaposição dos predicados subordinado e principal, e se expande para o estudo da prosódia em libras que se apresenta rica em recursos linguísticos, como:

1. A posição das sobrancelhas;
2. A direção dos olhos;
3. A inclinação da cabeça;
4. A posição do queixo;
5. O espaço de sinalização;
6. Entre outras, que serão descritas e analisadas neste trabalho.

Entendemos como prosódia os elementos extrassegmentais expressos pelas expressões não manuais, que podem se associar aos elementos segmentais expressos pelas expressões manuais. Essa associação é o que chamamos de camadas de informações visuais. Identificamos em nossos dados que a prosódia está relacionada, portanto, às fronteiras sintáticas entre os predicados subordinado e principal.

As subseções abaixo descrevem e analisam, respectivamente, as expressões não manuais associadas aos predicados temporal, causal, condicional e concessivo. Trata-se, portanto, de critérios de identificação de predicados adverbiais produzidos em narrativas de experiência em libras, composto pelo componente Surdos de Referência.

a. CRITÉRIOS PARA IDENTIFICAR UM PREDICADO TEMPORAL

Com base em nossa análise de dados, pudemos identificar uma série de critérios que caracterizam o predicado temporal. Elencamos, abaixo, tais critérios e logo em seguida apresentaremos de modo sistemático o padrão de uso das expressões não manuais.

1. Critérios sintáticos: quando o predicado temporal está anteposto, identifica-se o arqueamento de sobrancelhas parcial ou total durante a realização do predicado temporal.

2. Critérios semânticos: predicado temporal é a moldura semântica na qual o evento veiculado pelo predicado principal se realiza.

3. Critério pragmático: o predicado temporal é codificado em posição de tópico, orientando a ordem sucessiva dos eventos.

Com relação à posição da sobancelha como um critério para identificar um predicado temporal, em nossos dados constatamos que 80% das ocorrências, introduzidas por PALM-UP, apresentam o arqueamento de sobancelha associado às expressões manuais do predicado temporal.

Quadro 11: Discriminação da posição das sobancelhas no predicado temporal.

Sobancelha		
	Predicado Temporal	Predicado Principal
O1	Arqueada	Neutra
O2	Arqueada	Neutra
O3	Arqueada	Contraída
O4	Arqueada	Neutra
O5	Neutra	Neutra

Fonte: Os autores

Já com relação à posição do queixo, o padrão mais frequente que encontramos: em 20% das ocorrências, durante a realização do predicado temporal, o queixo inicialmente encontra-se projetado, em seguida encontra-se abaixado. Na sequência, ele encontra-se em posição neutra no predicado principal.

Especificamente com relação a essa expressão não manual, podemos perceber que sua realização não é por completo simultânea à expressão manual, sendo que, na verdade, somente alguns sinais podem ser enfatizados por meio dela. Por isso a anotação *projetado-abaixado*, que indica uma variação da expressão não manual na realização de dois sinais consecutivos.

Quadro 12: Discriminação da posição do queixo no predicado temporal.

Queixo		
	Predicado Temporal	Predicado Principal
O1	Projetado; abaixado	Neutro
O2	Projetado; abaixado	Neutro; projetado
O3	Neutro; projetado	Projetado
O4	Abaixado	Neutro
O5	Neutro	Neutro

Fonte: Os autores.

Com relação à direção dos olhos no predicado temporal, identificamos que em 100% dos casos é possível identificar que durante o predicado temporal a direção dos olhos está voltada para frente, em direção ao interlocutor (entrevistador). Enquanto que no predicado principal, em duas ocorrências a direção dos olhos estava voltada para baixo, e uma delas, logo em seguida, volta para direção do interlocutor, e nas demais ocorrências os olhos estão na direção do interlocutor.

Quadro 13: Discriminação da direção dos olhos no predicado temporal.

Direção dos olhos		
	Predicado Temporal	Predicado Principal
O1	Frente (interlocutor)	Para baixo (mãos)
O2	Frente (interlocutor)	Para baixo (mãos) – Frente (interlocutor)
O3	Para baixo-esquerda; Piscada; Frente (interlocutor)	Frente (interlocutor)
O4	Frente (interlocutor)	Frente – Frente (interlocutor)
O5	Frente (Interlocutor); Frente; Frente (interlocutor)	Frente (interlocutor)

Fonte: Os autores.

b. CRITÉRIOS PARA IDENTIFICAR UM PREDICADO CAUSAL

1. Sobrancelhas contraídas durante a realização do predicado causal.
2. Correlação semântica entre os tipos de eventos expressos pelos predicados causal e principal, sendo que o predicado principal sempre veicula estado de coisas de processo.
3. A leitura causal é identificada pela mudança física, mental ou emocional do sujeito expresso no predicado principal.
4. Os eventos expressos no predicado causal e principal são codificados em uma ordem temporal icônica.

Com relação à posição da sobrancelha no predicado causal, 85% dos dados apresentam a sobrancelha contraída (parcial ou total) na realização do predicado causal. Por algum motivo não compreendido até o momento, o predicado principal não apresenta uma posição diferente daquela apresentada no predicado causal. Assim, ambos os predicados causal e principal apresentam a sobrancelha contraída, com exceção de três ocorrências: duas com a posição da sobrancelha neutra no predicado principal e uma com a posição da sobrancelha arqueada no predicado principal. Apenas uma ocorrência de

predicado causal apresentou a sobancelha em posição neutra e o predicado principal, posição de sobancelha contraída.

Quadro 14: Discriminação da posição das sobancelhas no predicado causal.

Sobancelhas		
	Predicado Causal	Predicado Principal
O1	Neutra	Contraída
O2	Contraída	Contraída
O3	Contraída Parcialmente	Neutra
O4	Contraída	Contraída
O5	Contraída	Contraída
O6	Contraída Parcialmente	Neutra
O7	Contraída Parcialmente	Arqueada

Fonte: Os autores

Com relação à posição do queixo no predicado causal, identificamos que a posição neutra no predicado causal está associada à posição neutra do queixo no predicado principal. Quando o queixo se encontra abaixado no predicado causal, no predicado principal o queixo encontra-se, respectivamente, neutro e abaixado. Uma única ocorrência apresentou o predicado causal com queixo projetado, associado a um queixo projetado seguido de posição neutra no predicado principal.

Quadro 15: Discriminação da posição do queixo no predicado causal.

Queixo		
	Predicado Causal	Predicado Principal
O1	Neutro	Neutro
O2	Projetado	Projetado-Neutro
O3	Neutro	Neutro
O4	Abaixado	Neutro
O5	Abaixado-neutro	Abaixado
O6	Neutro	Neutro
O7	Neutro	Neutro

Fonte: Os autores

Com relação à direção dos olhos, o predicado causal apresenta 56% das ocorrências com a direção dos olhos voltado para o interlocutor, 28% das ocorrências com a direção dos olhos para baixo, e 14% das ocorrências voltado para esquerda.

Quadro 16: Discriminação da direção dos olhos no predicado causal.

Direção dos olhos		
	Predicado Causal	Predicado Principal
O1	Baixo-esquerda	Baixo-direita
O2	Frente-direita	Frente-direita
O3	Frente (interlocutor)	Frente – Frente (interlocutor)
O4	Esquerda	Direita
O5	Baixo-direita	Baixo-direita
O6	Frente-direita; Frente (interlocutor); Frente-direita	Frente (interlocutor)
O7	Frente-esquerda; Frente (interlocutor); Frente-esquerda; Frente (interlocutor)	Frente-esquerda + indexação

Fonte: Os autores

Uma dúvida que levantamos é: por que na ocorrência 4 há mudança na direção do corpo e nas demais não? A mudança do sujeito implica necessariamente na mudança da direção do corpo (*roleshift*)? Há alguma interpretação ou aspecto que não estamos observando?

c. CRITÉRIOS PARA IDENTIFICAR UM PREDICADO CONDICIONAL

Na ocorrência 119, identificamos que o predicado condicional é anteposto ao predicado principal. Este, por sua vez, é caracterizado pelo uso de um único sinal, respectivamente, pelos sinais LÍNGUAS-DE-SINAIS e FALAR-ORAL, ambos associados ao aspecto verbal de iteratividade. Além disso, os dois sinais apresentam um *mouthings* inteligível. Com relação à direção dos olhos (e do rosto), na ocorrência 119 (parte 1), os olhos estão voltados para a esquerda, enquanto na ocorrência 119 (parte 2) os olhos estão voltados para a direita. Essa expressão não manual em específico permite uma leitura temporal em relação às duas ocorrências, que pode receber a seguinte tradução: Enquanto que na escola eu sinalizo, no ambiente familiar eu oralizo.

Com relação à expressão não manual da posição do queixo, identificamos diversos aspectos desse articulador. Em primeiro lugar, identificamos, na ocorrência 120, que o predicado condicional apresenta o queixo em posição neutra e ao final do mesmo segmento em posição projetada, enquanto que no predicado principal, o queixo está projetado. Já na ocorrência 121, no predicado condicional o queixo se encontra levantado, enquanto que no predicado principal, ele encontra-se abaixado. Na ocorrência 122, no predicado condicional a cabeça, e, portanto, o queixo, está inclinada para frente, enquanto que no predicado principal o queixo está em posição neutra.

O quadro abaixo sistematiza as informações supracitadas.

Quadro 17: Discriminação da posição do queixo no predicado condicional.

Queixo		
	Predicado Condicional	Predicado Principal
Ocorrência 1	Neutro-Projetado	Projetado
Ocorrência 2	Projetado	Retraído
Ocorrência 3	Inclinada para frente	Neutro

Fonte: Os autores.

É importante notarmos um fato interessante sobre a coocorrência de expressões não manuais superiores. Nas ocorrências 120 e 121, identificamos que o queixo não expressa uma posição além de neutra, por outro lado, outra ENM se destaca: a direção dos olhos (e do rosto). Essa informação pode estar associada à hipótese de que não há um padrão homogêneo de expressões não manuais nas ocorrências, sendo que cada valor semântico apresenta uma ENM que predomina, em detrimento de outra ENM.

Com relação à posição da sobrançelha, identificamos que sobrançelhas contraídas é uma característica predominante no predicado condicional, ocorrendo em 60% das ocorrências. Outro fato interessante é que nas ocorrências 120 e 121 as sobrançelhas encontram-se em posição neutra, o que se assemelha à posição neutra do queixo para essas mesmas ocorrências: isso acontece pelo mesmo motivo que a primeira?

O quadro abaixo sistematiza o padrão de posição de sobrançelhas.

Quadro 18: Discriminação da posição das sobrançelhas no predicado condicional.

Sobrançelha		
	Predicado Condicional	Predicado Principal
O1	Contraída	Contraída
O2	Contraída	Arqueada
O3	Contraída	Neutro

Fonte: Os autores

No que diz respeito à direção dos olhos e, portanto, do rosto, identificamos que na ocorrência 1 e 2 essa expressão não manual se destaca, enquanto que as ENMs de posição do queixo e das sobrançelhas não se destaca. Esse fato é interessante pois nos mostra que uma ENM pode se destacar em relação a outras informações visuais, quando aquela é suficiente para delimitar as fronteiras sintáticas entre os predicados subordinado e principal.

O quadro abaixo sistematiza a direção dos olhos.

Quadro 19: Discriminação da direção dos olhos no predicado condicional.

Direção dos olhos e da cabeça		
	Predicado Condicional	Predicado Principal
O1	Para frente	Para frente
O2	Para frente	Para frente
O3	Para frente	Para frente

Fonte: Os autores.

d. CRITÉRIOS PARA IDENTIFICAR UM PREDICADO CONCESSIVO (em elaboração)

Com relação à posição das sobrancelhas, identificamos que o franzimento de sobrancelhas está presente em ambos os predicados: principal e concessivo, sendo que este último ocorre tanto na anteposição quanto na posposição.

Quadro 20: Discriminação da posição das sobrancelhas no predicado concessivo.

Sobrancelhas			
	P. Concessivo Anteposto	Predicado Principal	Predicado Concessivo
O1		Contraída	Contraída
O2		Contraída	Contraída
O3	Contraída	Neutra	

Fonte: Os autores.

Quando o predicado concessivo está posposto (função argumentativa), destaca-se que o queixo se projeta, enquanto que no predicado principal o queixo está em posição neutra. Quando está anteposto, em ambos os predicados principal e concessivo encontram-se abaixados, em nossos dados.

Quadro 21: Discriminação da posição do queixo no predicado concessivo.

Queixo			
	Predicado Concessivo	Predicado Principal	Predicado Concessivo
O1		Neutro	Projetado
O2		Neutro	Projeção Parcial
O3	Abaixado	Abaixado	

Fonte: Os autores.

Com relação à inclinação da cabeça, não encontramos um padrão em nossos dados.

Quadro 22: Discriminação da inclinação da cabeça no predicado concessivo.

Inclinação da cabeça			
	Predicado Concessivo	Predicado Principal	Predicado Concessivo
O1		Direita frente esquerda	Esquerda
O2		Direita e esquerda	Frente
O3	Esquerda	Direita	

Fonte: Os autores.

4.13 PALM-UP: qual a função desse elemento no predicado temporal?

Nós encontramos um possível candidato a marcador temporal manual (conjunção temporal de tempo), introduzindo o Estado de Coisas temporal. Esse candidato foi transcrito pela glosa QUANDO e é acompanhado pela expressão não manual (ENM) de *mouthing*. Esse sinal tem uma posição fixa dentro da oração temporal, isto é, nas ocorrências encontradas em nossos dados, até o momento, ele ocupa a posição inicial da oração.

Tabela 4: Marcador manual temporal e especificações do sinalizante que o usa.

Sinal	Frequência	Número de sinalizantes que o usam
QUANDO	5	5

Fonte: os autores.

Expressões manuais: PALM-UP

Expressões não manuais:

- a. *mouthing*
- b. cabeça inclinada para trás
- c. sobrancelhas arqueadas
- d. olhar direcionado para o interlocutor
- e. espaço de sinalização à frente do corpo

Figura 13: O marcador manual temporal QUANDO.



Fonte: Corpus de Libras da UFSC.

Na ocorrência em 103, o participante Gabriel relata uma experiência na escola, onde tinha a prática de registrar os conteúdos no caderno. No entanto, ele afirma que essa prática não era muito benéfica quando realizava uma prova. Gabriel, para comunicar isso, faz uso do sinal QUANDO para abrir um frame temporal e, em seguida, faz o sinal PROVA. Consideramos que o sinal QUANDO faz referência temporal para o momento quando realizou a prova e, portanto, pode se tratar de um Estado de Coisas temporal, uma oração subordinada. Podemos interpretar que ele abriu um frame temporal para indicar a duração do evento de realizar a prova. Na sequência, indicamos que possa se tratar de um Estado de Coisas principal, uma oração matriz, que se desenvolve no frame temporal aberto antes. Nessa oração matriz, Gabriel afirma que observa a folha de papel, onde está registrada a prova, e não consegue compreender as informações escritas. A seguir, temos de modo sistemática, informações referentes a essa ocorrência.

As palmas para cima, conhecidas em inglês como PALM-UP, são glosadas de maneiras diversas em diferentes contextos linguísticos. No Inventário de Libras, a glosa mais comum é "E (então)", enquanto no Surdos de Referência, é "QUANDO". A variação nas glosas para a mesma expressão manual levanta questões sobre a razão por trás dessas diferenças entre os corpora. Uma possibilidade é que essas variações reflitam diferenças nas convenções estabelecidas pelos grupos de tradução de cada corpus.

Além disso, é relevante investigar se o sinal PALM-UP está passando por um processo de gramaticalização, onde evolui de um simples gesto para um marcador discursivo ou até mesmo uma conjunção temporal. No entanto, há desafios metodológicos a serem superados nessa investigação. Um desses desafios é a inconsistência nas traduções, como a inversão da ordem das orações entre a Língua de Sinais Brasileira (Libras) e a Língua Portuguesa (LP), além das diferentes glosas atribuídas ao PALM-UP. Outro desafio é compreender os critérios utilizados pelas equipes de tradução para escolher uma determinada tradução, pois esses critérios podem impactar significativamente as pesquisas científicas realizadas com base nessas traduções. É fundamental que tais critérios sejam transparentes e divulgados, a fim de garantir a qualidade e a confiabilidade das análises linguísticas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta tese, apresentamos, como objetivo principal, a descrição e análise da relação temporal que se estabelece entre as orações subordinada e principal em Libras (língua de sinais brasileira), responsáveis por veicular, respectivamente, os Estados de Coisas (doravante EsCo) subordinada e principal. A partir das perguntas de pesquisas iniciais, presentes na Introdução desta dissertação, buscamos responder o que, de fato, foram constatadas ou não. Apresentamos, as respostas aos nossos questionamentos iniciais e, em seguida, apresentamos uma perspectiva mais abrangente da conclusão da análise de dados da Tese.

a. Expressões não manuais podem codificar relações de tempo, de causa, de condição e de concessão?

Com base em nossa análise de dados, as expressões não manuais podem estar associadas às relações adverbiais de tempo, de causa, de condição e de concessão. Pudemos identificar, tanto na literatura (FIGUEIREDO; LOURENÇO, 2019) quanto em nossos dados, um padrão mais consistente: o arqueamento de sobrancelha está associado *unicamente* à oração temporal (frequência de 80% em nossos dados). O comportamento da posição de sobrancelhas é mais uniforme ao expressar as relações de tempo, quando comparadas com as demais relações adverbiais.

A posição de sobrancelha mais proeminente nas relações de causalidade é o franzimento de sobrancelhas. Em nossos dados, os padrões de posição das sobrancelhas, respectivamente, nas orações causal e principal, são: contraída-contraída (42,85%), contraída parcialmente-neutra (28,57%), neutra-contraída (14,28%) e contraída parcialmente-arqueada (14,28%).

Por conta dessas análises quantitativas, levantamos uma nova questão: por que, diferentemente das relações temporais, em que uma única posição de sobrancelha está associada diretamente à oração temporal, nas relações de causalidade o franzimento de sobrancelhas pode estar presente tanto na oração causal quanto na oração principal, podendo haver algumas variações? Será que, para cada tipo de padrão de posição das sobrancelhas nas orações causal e principal, há uma nuance semântica específica em relação à noção de causalidade?

No que diz respeito às relações de condicionalidade, há um padrão de incidência do franzimento de sobrancelhas durante a realização da oração condicional. No entanto, para

cada uma das três ocorrências encontradas, a oração principal pode estar com as sobranças em diferentes formas (franzida, neutra ou arqueada).

Por fim, com relação às orações concessivas, sempre estão associadas ao franzimento das sobranças. No entanto, a oração principal apresenta franzimento de sobrança quando a oração concessiva está posposta, e posição de sobrança neutra, quando a oração concessiva está anteposta.

Por que o franzimento de sobranças é comum nas orações de causa, de condição e de concessão? E por que, nas relações temporais, há uma posição de sobrança específica?

Com relação às demais expressões não manuais analisadas na seção de Análise de Dados, não foi identificado, até o momento, um padrão consistente do uso do espaço de sinalização e da posição do queixo.

Podemos constatar, portanto, que a posição de sobrança apresenta mais consistência quando o sinalizante expressa relações de tempo. Quando ele expressa relações de causalidade, há um padrão do uso da sobrança contraída presente nas orações causais e principal, diferente do que acontece nas relações de condicionalidade. Nas orações concessivas, há um padrão consistente do uso de contração das sobranças. Assim, as expressões não manuais, sobretudo, a posição da sobrança, estão associadas, sim, à expressão de relações adverbiais.

b. Expressões não manuais podem criar fronteiras entre as orações subordinada e principal?

Em nossa análise de dados, identificamos um uso consistente do arqueamento de sobranças quando o sinalizante expressa uma relação temporal, estando essa expressão não manual associada somente à oração de tempo. Identificamos que o franzimento de sobrança é a expressão não manual mais comum nas relações de CCC. Com relação às relações de causa, frequentemente, tanto a oração causal quanto a principal são associadas ao franzimento de sobrança. Com relação a essa noção adverbial, a posição de sobrança não é específica da oração causal, estendendo-se à oração principal.

Com relação às relações de condicionalidade, o franzimento de sobrança só é consistente quando incide sobre a oração condicional, não se estendendo até a oração principal. Portanto, nesse caso, assim como as temporais, a expressão não manual da

posição da sobrançelha também só ocorre durante a oração adverbial. Por fim, com relação às concessivas, também há um padrão consistente do franzimento de sobrançelha, indo desde a oração concessiva até a oração principal.

Podemos concluir, portanto, que a expressão não manual da posição de sobrançelha só delimita as orações temporais e as orações condicionais. Com relação às demais relações adverbiais, em nossos dados, isso não se mostrou ser um critério para identificar a oração.

Levantamos um pequeno questionamento: por que em Aleixo (2021) e Rodrigues (2020), o arqueamento de sobrançelhas está associado à oração condicional, enquanto que em nossos dados é o franzimento de sobrançelhas que se associa à oração condicional? Será pelo fato de que estamos trabalhando como dados de polissemia, e orações condicionais sem o uso do marcador condicional SE ou EXEMPLO (Aleixo, 2021; Rodrigues (2020)?

c. Existem expressões não manuais específicas para a oração subordinada e outra(s) para a oração principal, sendo distintas entre si?

Apenas nas relações temporais e condicionais identificamos uma posição de sobrançelhas específica para as orações temporais e condicionais. Essa expressão manual não se estende para a oração principal. Com relação às causais e concessivas, a posição das sobrançelhas nessas orações é semelhante, sendo mais frequente o franzimento de sobrançelhas.

D. As relações temporais são recrutadas para expressar valores causais, condicionais e concessivos?

O que pudemos depreender de nossa análise de dados é que o indivíduo surdo faz uso de relações temporais, aquelas identificadas em nossa coleta de dados, no intuito de favorecer determinadas relações adverbiais como causa, condição e concessão. Em outras palavras, determinada relação temporal promove uma inferência de causa, de condição e de concessão.

e. A polissemia, em nosso estudo, está presente em unidades maiores que a palavra: sentenças complexas?

A polissemia, portanto, está presente na estrutura sintático-semântico da oração temporal. Essa estrutura sintático-semântica é compartilhada por relações interclausais subjacentes a tempo, causa, condição e concessão. Portanto, trata-se de um espaço semântico comum entre as relações de tempo e de CCC – um espaço de interseccionalidade, no qual uma mesma estrutura sintática é semanticamente ambígua para os valores de tempo e de CCC.

Em nossos dados, das 14 ocorrências de orações temporais com leitura de causa, de condição e de concessão, todas elas são casos de oração subordinada justaposta à oração principal, sem a presença formal de um conectivo. Elas são sintaticamente idênticas, e apresentam noções lógico-semântica diferentes.

f. A polissemia presente em nossos dados configuraria um caso intermediário dentro de um cline de gramaticalização, no qual os sentidos A (sourcepoint) e B (endpoint) coexistem (Heine, Claudi e Hunnemeyer, 1991)?

Com base em Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991), a análise das autoras é relevante para a nossa investigação pois possibilita interpretarmos e analisarmos sistematicamente em etapas os valores semântico-pragmáticos empregados pelos falantes/sinalizantes. Em nossos dados, concordamos que determinada estrutura sintática, tipicamente usada para codificar uma relação temporal (sentido A), pode apresentar, em um contexto diferente, uma relação epistêmica, que envolva, causa, condição e concessão (sentido B), além da própria leitura temporal. A possibilidade de uma leitura de conteúdo e de uma leitura epistêmica permite-nos classificar, sim, essas ocorrências como um caso intermediário de gramaticalização, no qual os sentidos A e B coexistem.

g. As leituras causais, condicionais e concessivas - derivadas de sentenças temporais, envolvem necessariamente a mudança de uma leitura de conteúdo (típica de uma relação temporal) para uma leitura epistêmica, leitura que envolve todas as relações lógico-semânticas (Kortmann, 1996)?

Kortmann (1996), corroborando com as análises de Haegman (1985), discute dois tipos de orações adverbiais: aquelas que atuam a nível de conteúdo, e aquelas que atuam a nível epistêmico. De acordo com os dados de Kortmann (1996) e Haegman (1985), no estudo da língua inglesa, um mesmo subordinador adverbial pode apresentar,

em determinado contexto A, uma leitura primária a nível de conteúdo. Por outro lado, quando presente em determinado contexto B, ele apresenta necessariamente uma leitura secundária epistêmica. Esse é uma característica categórica nos dados dos dois autores.

h. As ocorrências de PALM-UP, introduzindo uma oração temporal com leitura exclusiva de tempo, podem ser uma evidência para a existência de conjunções temporais em libras?

Apesar do número reduzido de ocorrências (cinco casos), os dados analisados sugerem que o sinal manual PALM-UP, quando utilizado na introdução de orações temporais com leitura exclusiva de tempo, apresenta uma frequência relativamente significativa, o que pode indicar um uso gramatical emergente. Considerando sua função de abertura de um enquadre temporal (*frame*) nesse contexto específico, é possível sugerir que o PALM-UP esteja passando por um processo inicial de gramaticalização como conjunção temporal em Libras. Ainda que o sinal também ocorra em outros contextos discursivos — como em construções interrogativas —, seu uso recorrente em estruturas temporais pode apontar para um fenômeno linguístico em desenvolvimento. Assim, levanta-se a hipótese de que o PALM-UP, nesses casos, constitui uma evidência preliminar da existência de conjunções temporais na Libras, ainda que tal hipótese demande maior investigação empírico-científico para ser confirmada.

As ocorrências encontradas em nossa Análise de Dados são classificadas como polifuncionais por uma série de parâmetros gramaticais. Um deles é o fato de não apresentarem um comportamento sintático prototípico, como, por exemplo, a presença formal de uma conjunção. Ocorrências prototípicas de causa apresentam conjunção introduzindo a sentença causal e são pospostas em relação a sentença principal (Rodrigues, 2020). Ocorrências não prototípicas articulam-se por meio da justaposição e não apresentam a presença formal de conjunção, como identificado em nossos dados. Formalmente, esses dois parâmetros ressaltam a gama de possibilidades de expressão de sentenças causais, fortalecendo o fato de que o sinalizante pode se valer de mais de uma estratégia linguística a fim de cumprir com suas intenções comunicativas. Cabe a nós questionarmos qual contexto pragmaticamente saliente favorece os usos prototípicos e não prototípico de sentenças causais.

Segundo Haiman (1983, *apud* Cristofaro, 1991), o conceito de *economia linguística* representa uma pressão em direção a um mínimo esforço e máxima simplificação da expressão, podendo ser distinguido entre *economia paradigmática* e *sintagmática*. A

primeira é a tendência de reduzir tanto quanto possível o inventário de signos em um sistema linguístico, sendo isso, por exemplo, responsável pela polissemia (recorrente associação de significados relacionados com uma mesma forma), ou, em outras palavras, polifuncionalidade nos casos das nossas ocorrências apresentarem mais de uma única leitura semântica de acordo com o contexto onde foram expressas. Por outro lado, economia sintagmática ou discursiva é a tendência de reduzir o comprimento ou a complexidade de uma sentença ou de uma mensagem. Expressões frequentes tendem a ser reduzidas foneticamente. Informação que é redundante e/ou recuperável pelo contexto tende a ser omitida (Cristofaro, 1991). Isso favorece a hipótese de que as relações temporais podem ser inferidas a partir da justaposição dos predicados subordinado e principal – expressão linguística reduzida, devido ao não uso de um conectivo.

Posto essas informações apresentadas por Cristofaro (1991), cabe a nós questionarmos como esse princípio linguístico atua em nossos dados de polifuncionalidade adverbial, observando quais aspectos favorecem ou não a atuação desse princípio. Num primeiro momento, considerando o fato de que a ausência de um conectivo formal não é imprescindível para o estabelecimento de relações semânticas e que os sentidos que emergem de uma justaposição dão-se, também, por inferência pragmática, o princípio da economia linguística pode ser muito bem associado ao fenômeno de polifuncionalidade.

A não necessidade de se falar mais do que o necessário pode ser identificado no não uso de conjunções como modo de articulação sentencial. Com base nisso, considerando que a noção de tempo pode ser empregada para metaforizar os valores de causa, de condição e de concessão, percebemos que, numa perspectiva lógico-semântica o sinalizante lança mão de valores adverbiais que podem ser depreendidos de relações temporais em um dado discurso. Em outras palavras, numa Narrativa de Experiência, a sucessão temporal de eventos pode produzir nuances semânticas que possibilitam depreender sentidos de causa, concessão e condição. Como foi mencionado em nossa análise, as relações temporais de anterioridade favorecem leituras secundárias de causa e de condição, assim, a depreensão desses valores está vinculada à codificação de dois segmentos articulados por justaposição, relacionados pela noção de tempo. Essa associação também pode ser feita à leitura secundária de concessão, sendo que a simultaneidade temporal favorece essa leitura.

Podemos concluir, portanto, que a polifuncionalidade está associada ao princípio de economia linguística que, a partir de um valor semântico mais concreto, pode metaforizar, com a mesma estrutura gramatical, valores semânticos mais abstratos, como causa, condição e concessão. Assim, alinhando-se ao que foi afirmado por Cristofaro (1993), em

uma justaposição de segmentos adverbial e principal, havendo informações recuperáveis pelo contexto, como os valores de CCC, podem ser omitidos seus conectivos formais, e a relação semântica entre esses núcleos (adverbial e principal) se dá somente por inferência pragmática (Hopper; Traugott, 1993, p. 172).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEIXO, F. **Orações condicionais na Língua Brasileira de Sinais (Libras)**: uma análise funcionalista. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Unesp, Araraquara, 2021.
- CARNEIRO, B.G; EL KHOURI, J.I.; LUDWIG, C.R.B. **Articulação de orações na língua de sinais brasileira**: um breve panorama. *Revista Humanidades & Inovação*, v. 7, 2020.
- CHAFE, W. **How People Use Adverbial Clauses**. Berkeley Linguistics Society, p.437- 449, 1984.
- CRESCÊNCIO NETO, J. D. **As orações de tempo em libras**: uma abordagem tipológico-funcional. 113F. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2010.
- CRISTOFARO, S. **Subordination**. Oxford: University Press, 2021.
- CROFT, W. **Radial Construction Grammar**: Syntactic Theory Typological Perspective. Oxford: University Press, 2001.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do Português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007 [1985]. DECAT, Maria Beatriz Nascimento. “Leite com manga morre!”: Da hipotaxe adverbial no português em uso. Tese de Doutorado/LAEL. São Paulo, PUC/SP. DIK, S. *The theory of functional grammar*. Dordrecht: Foris, 1989.
- DIK, S. C. **The theory of functional grammar**. Dordrecht: Foris, 1989.Pt.1.
- FASOLD, R. Linguistics and grammatics. In: Martin Pütz (ed.) **Thirty years of linguistic evolution**. Studies in honour of René Dirven on the occasion of his sixtieth birthday. Amsterdam — Philadelphia: Benjamins, 161-176, 1992.
- FELIPE, T. **A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na LIBRAS**. **Tese de doutorado**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.
- FERREIRA-BRITO, L. **Língua Brasileira de Sinais**. V. I. BRASILIA: MEC-SEESP, 1997.
- FIQUEIREDO, L.; LOURENÇO, G. **Analisando a Língua Brasileira de Sinais como uma língua sem-tese**. *SCRIPTA*, v.24, n.51, p.361-396, 2020.
- HAEGMAN, L. **Subordinating conjunctions and X'-syntax**. *Studia Germanica Gandensia* 2, 1985.
- HAIMAN, J. **Iconic and economic motivation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

HANDKE, J. **Descriptive and psycholinguistic aspects of adverbial subordinate clauses**. Heidelberg: Groos, 1984.

HANNAY, M. MARTÍNEZ-CARO, E. **Last things first**: a FDG approach to clause-final focus constituents in Spanish and English. In: M. A. Gómez-González, J. L. Mackenzie e E. González Álvarez (eds.). *Languages and Cultures in Contrast and Comparison*. [Pragmatics and Beyond New series 175] Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins: 33-68, 2008.

HANNAY, M.; MARTÍNEZ-CARO, E. A posição de clíticos e a estrutura focal em cláusulas do espanhol e português. *Alfa – Revista de Lingüística*, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 239–268, 2007.

HEINE, B., CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. **Grammaticalization**: a conceptual framework. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar**: A typologically-based theory of language structure. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993].

HOPPER, Paul J. **On Some Principles of Grammaticalization**. In: TRAUGOTT, E.C.& HEINE, B (eds.) *Approaches to Grammaticalization*. Volume I: Focus on Theoretical and Methodological Issues. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1991, pp. 17-35.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. Cambridge, Cambridge University Press, 1993.

KLOMP, U. **Conditional clauses in Sign Language of the Netherlands**: A corpus-based study. *Sign Language Studies*, 2019.

KORTMANN, B. **Adverbial Subordination**: Empirical Approaches to Language Typology . New York: Mouton de Gruyter, 1996.

LEITE, T. de A. **A segmentação da língua de sinais brasileira (Libras)**: um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. 2008. 280 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LIMA-HERNANDES. **Gramaticalização de Combinação de Cláusulas**: Orações de Tempo no Português do Brasil. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade do Estado de São Paulo, USP, São Paulo, 1998.

LIMA-HERNADES. M. C. **Estágios de gramaticalização da noção de tempo** - processos de combinação de orações. *VEREDAS - Rev. Est. Ling.*, Juiz de Fora, v.8, n.1 e n.2, p.183-194, jan./dez. 2004.

LISPECTOR, C. **A Paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1964.

LYONS, J. **Introdução à linguística teórica.** Tradução de Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Nacional; São Paulo: Edusp, 1979.

LUDWIG, C. R.; CARNEIRO, B. G.; EL KHOURI, J. I. B.; PAULUS, L.; RODRIGUES, A.; SEGALA, R.; ALEIXO, F. **Hipotaxe.** In: Gramática da Libras (org.) QUADROS, R. M. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Arara Azul, 2021. Referência incompleta.

McCLEARY, L.; VIOTTI, E.; LEITE, T. de A. **Descrição das línguas sinalizadas:** a questão da transcrição dos dados. ALFA: Revista de Linguística, São Paulo, v. 54, n. 1, 2010. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2880>. Acesso em: 14 mar. 2023.

MOREIRA, R. L. **Um olhar da semiótica para os discursos em libras:** descrição do tempo. 207 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2016.

NEVES, M. H. M; BRAGA, M. L.; DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. **As construções hipotáticas.** In: ILARI, R; NEVES, M. H. M. (org.). Gramática do português culto falado no Brasil: Classes de palavras e processo de construção. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

NEVES, M. H. M. **As conjunções temporais.** As construções temporais. In: NEVES, M.H. M. (org.) Gramática de usos do português. São Paulo: Editora da Unesp, 2011. NEVES, M. H. M; BRAGA, M. L.; DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. As construções hipotáticas. In: ILARI, R; NEVES, M. H. M. (org.). Gramática do português culto falado no Brasil: Classes de palavras e processo de construção. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

OUSHIUTO, E. M. **Um estudo funcional do uso das expressões manuais e não manuais como estratégias de marcação de aspecto e tempo relativo em Libras.** Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, IBILCE, Universidade Estadual Paulista, Unesp, São José do Rio Preto, 2022.

PFAU, R. **Syntax:** complex sentences. In: BAKER, A.; BOGAERDE, B. van den; PFAU, R.; SCHERMER, T. (eds.), The Linguistics of Sign Languages: An Introduction, Amsterdam: Benjamins, 2016, p.149-172.

QUADROS, R. M. **A transcrição de textos do Corpus de Libras.** Revista Leitura, v. 1, n. 57, p. 8-34, 2016.

QUADROS, R. M.; SCHMITT, D.; LOHN, J. T.; LEITE, T. A. **Corpus de Libras.** Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>. Acesso em: 20 jun. 2021.

QUADROS, Ronice Müller de; SILVA, Jair Barbosa da; ROYER, Miriam; SILVA, Vinicius Rodrigues da (orgs.). **Gramática da Libras:** volume 2. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2023. ISBN 978-85-63240-22-4.

RODRIGUES, A. **Gramaticalização de conjunções na Língua Brasileira de Sinais:** um estudo sobre a mudança linguística nas línguas de sinais. 2020. Tese (Livre-docência em

Linguística) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Unesp, Araraquara, 2019.

RODRIGUES, A. ALEIXO, F. **Analysis of the use's domains of conditional clauses in Brazilian Sign Language (Libras)**. Cadernos de Linguística (ABRALIN), vol. 2, no. 4, 2021.

RODRIGUES, A.; SOUZA, J. C. **Gramaticalização do sinal MOTIVO na língua brasileira de sinais: uma análise baseada no uso**. Revista do GEL, v. 16, p. 53-82, 2019.

RUTHERFORD, W. **Some observations concerning subordinate clauses in English**. Language 46: 97-115, 1970.

SWEETSER, E. E. **From etymology to pragmatics**. Metaphorical and cultural aspects of semantic structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TANG, G.; P. LAU. **Coordination and subordination**. In: PFAU, R., STEINBACH, M.; WOLL, B. (eds.), Sign Language: An International Handbook. Berlin: Mouton De Gruyter, 2012, p. 340-365.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs & KÖNIG, Ekkehard. **The Semantics-Pragmatics of Grammaticalization Revisited**. In: TRAUGOTT, E.C. & HEINE, B.(eds.). Approaches to Grammaticalization. Volume I: Focus on Theoretical and Methodological Issues. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1991, pp. 189-218.

ZUCCHI, S. **A Grammar of Italian Sign Language (LIS)**. BRANCHINI, C. MANTOVAN, L. (org.) — 1. ed. — Venezia: Edizioni Ca' Foscari - Digital Publishing, 2020.